REVISTA DA SEMANA

N.º 28 ★ 14-7-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





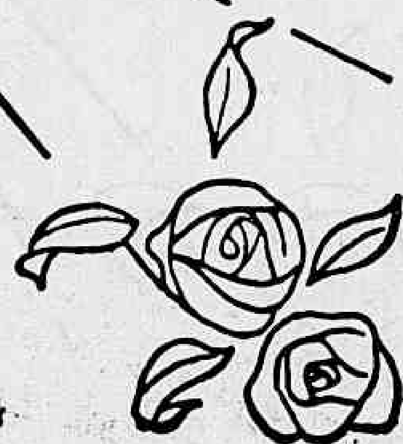
Beleza

impregnada de "it" — a palavra incluída no vocabulário universal para expressar o encanto, a misteriosa sedução que algumas mulheres possuem.

It — êsse não-sei-quê maravilhoso e fascinante, segrêdo do sucesso feminino, entre nós se celebrizou através do LEITE DE ROSAS, o preparado que servindo à mulher em todos os seus cuidados de beleza, proporciona-lhe ainda aquêle misto indefinível de graça e sedução.

LEITE DE ROSAS





LAB. LEITE DE ROSAS LTDA.

Rua S. Luís Gonzaga, 2085 A e B

Telefone: 48-7660



ASSIM FICOU prêso, nessa mesma cadeira e com as mesmas correias, o jovem Eduardo Matarazzo, que também se vê ao alto. Não é fácil obter fotos de Eduardinho, a família não consente.

VÍTIMA OU CÚMPLICE O JOVEM MATARAZZO? ★ UMA HISTÓRIA MAL CONTADA ★ A ESPÔSA DE SEVERI ACUSA O "CONDINHO" ★ ACAREAÇÃO ★ TERIA FORJADO O RAPTO PARA CONSEGUIR DINHEIRO E PAGAR SUAS DÍVIDAS ★ ALGUÉM IRÁ PARA A CADEIA ★ PROÍBE A POLÍCIA QUE A IMPRENSA INQUIRA OS IMPLICADOS NO CASO ★ MAS ACABARAM SENDO SOLTOS...

Reportagem de
DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR e DARIO TERINI

O RAPTO DE EDUARDO MATARAZZO

SEGUE NA PAG. 4



ALESSANDRO ANTONIO Adeodato Malavasi, acusado como raptor. Defendeu-se alegando que tudo isso não havia passado de mera "brincadeira"... E foi pôsto em liberdade.



MARIO COMELLI, outro indigitado autor do rapto, cuja participação negou terminantemente. Foi sôlto mediante decisão do Juiz da 7.ª Vara Criminal.



EDUARDINHO, acompanhado por membros da família, chega ao Departamento de Investigações

COM a prisão, no último dia 24, na Fazenda Santa Rita, em Campinas, dos italianos, Alexandre Malavasi e Mário Comelli, apontados como sequestradores do jovem milionário Eduardo Andrea Maria Matarazzo, foi praticamente encerrada a parte policial do sensacional rapto do filho do Conde Francisco Matarazzo Junior, titular de uma das maiores fortunas brasileiras, cuja família estêve envolvida em nada menos do que quatro grandes escândalos nos últimos anos.

S. Paulo viveu horas de intensa espectativa, tendo o povo acompanhado com surpreendente avidez e interêsse o desenrolar da intrincada trama. E depois, todo o Brasil.

Os dois técnicos italianos acusados de rapto foram recolhidos ao Departamento de Investigações, bem como Jurema Zanchetta, amante de Malavasi e Giacinto, Sever... denunciador dos sequestradores.

Foram postos em liberdade, dia 27 p.p., três dos implicados, sendo: Waifer Spaggiari, em favor do qual o jornal "Fanfulla" — órgão da colonia italiana em S. Paulo — impetrou um "habeas corpus"; Eda Comelli, ou Eda Crenconele, espôsa de Mário e Walter Corrieri, jovem médico, recém-formado na Europa, que residia em companhia de Malavasi.



após as «férias» que tirou na fazenda do Conde Chiquinho, seu pai, para prestar declarações. Também o acusaram de ter forjado o rapto para obter dinheiro do pai. Mas a confusão permanece e as opiniões divergem: Teria Eduardinho simulado a «brincadeira» com os parceiros ou será uma vítima dos perigosos indivíduos?

A ACAREAÇÃO

Ao ver do sr. Elpídio Reali, já no dia 24, o caso estava resolvido. Bastaria à polícia ouvir a confissão dos raptores e ficaria, assim, esclarecido o mais espetacular caso de sequestro de que já teve notícia a crônica policial brasileira.

Todavia, modificou-se totalmente o aspecto da questão, quando surgiu em cena D. Gisela Severi, espôsa do denunciador dos raptores, reclamando liberdade para seu marido — que, ao invés do prêmio prometido pelo Conde Chiquinho, ganhou cadeia — acusando o jovem Eduardo Andrea de conluio com os criminosos.

Ante essa grave acusação, Eduardo Matarazzo, que estava, desde o dia do seu reaparecimento, recolhido a uma das fazendas de seu pai, foi chamado a depor, novamente, devendo ser acareado com os homens acusados de seu rapto, para que fique ou não provado seu conluio no crime.

RAPTO CINEMATOGRAFICO

Ultrapassando o poder criador das mais férteis imaginações dos "scripters" de Hollywood, se nos apresenta o rapto Matarazzo como autêntica obra novelesca de mistérios, tornando-a motivo e assunto das manchetes diárias dos jornais de todo o país.

A família Matarazzo, em São Paulo, é sinônimo de Rockfeller ou Rotschild para o mundo. Um Matarazzo é quase um ser intocável a quem nem a Imprensa tem acesso, sobressaindo-se, aí, o conde Francisco Matarazzo Junior, sobejamente conhecido dos repórteres paulistas.

No entanto, quer o destino que a vida dêles seja quase que um livro aberto, pois, a despeito da aversão que têm pela publicidade gratuita, ocuparam as primeiras páginas dos vespertinos de todo o Brasil por muitos dias, relembrando o "caso do rayon", quando o conde foi levado às barras do tribunal; o escândalo do Guarujá, esquecido agora; o roubo de um anel avaliado em vários milhares de cruzeiros e no qual estêve implicado Eduardo e, agora, o rapto!

SEQUESTRO OU PALHAÇADA?

Contaremos aqui, juntando as declarações do sr. Elpídio Reali, do sequestrado e o que foi apurado pela polícia, uma das versões do rapto.

O jovem estudante milionário, Eduardo Matarazzo, tem 19 anos e é casado. Rico e sempre cercado dos maiores mimos, Eduardinho — como é conhecido — estuda no



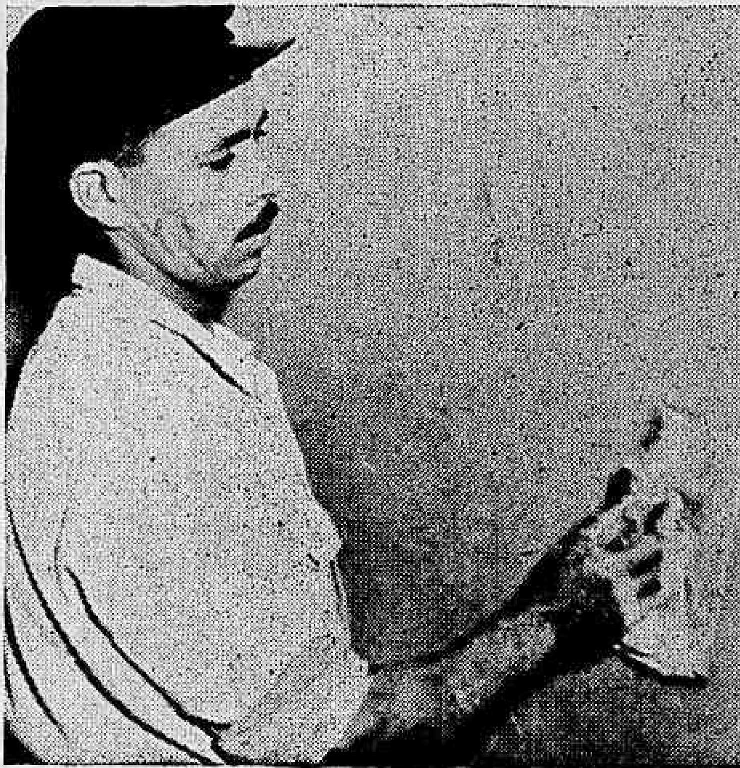
A POLÍCIA bandeirante proibiu que a Imprensa inquirisse os acusados, e Eduardinho não se deixou entrevistar nem fotografar.



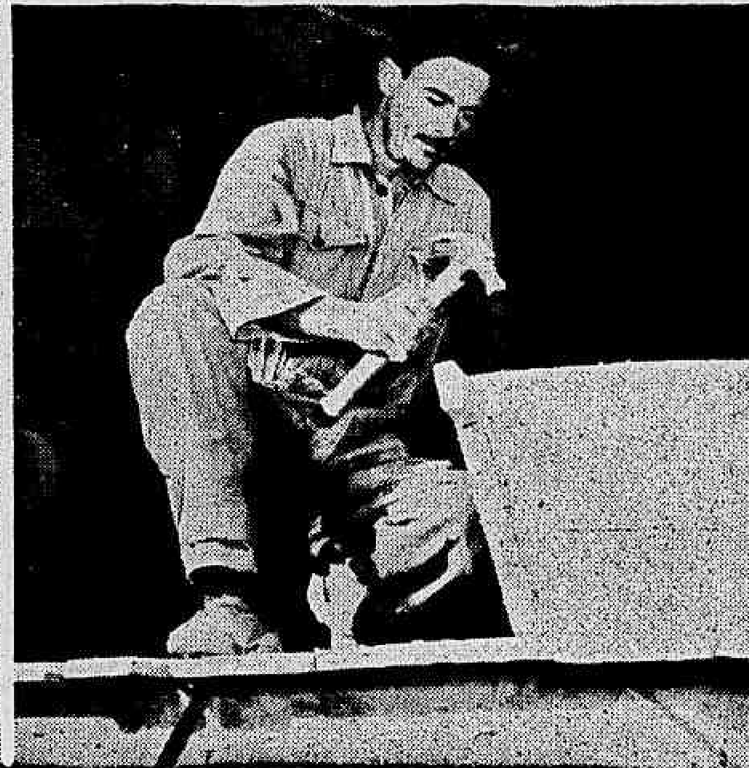




FALA IRACEMA GUSTAVO: — «Bem, não posso garantir que êste seja o homem que eu vi (examinando fotos de Malavasi), parece-me que era de tez morena, mais magro e de estatura mediana. Dizer com certeza não é possível porque muita gente entrava nesta casa. Fazer o que? Não sei porque me limitava a dar conta do serviço que me competia e não costumo bisbilhotar. Mas se êste é Malavasi... não sei!»



JOÃO LUÍS DOS SANTOS, pedreiro da obra ao lado da casa dezenove diz ter visto Malavasi, sim, êle mesmo, por ocasião do rapto.



ANTÔNIO M. GONZALES não tem tanta certeza. Também trabalha na obra mas não garante que Malavasi entrou no 19 com o raptado.



CUSTÓDIO BARBOSA, vigia da obra: — «Nada vi de anormal nem ouvi ruído que chamasse a atenção. Se Eduardinho fugisse, teria escutado.

Liceu Eduardo Prado, onde cursa a 1.ª série do Curso Colegial.

Estudante relapso, conforme declarações do prof. Carlos Costa, vice-diretor daquele estabelecimento de ensino, fôra para alí transferido há pouco. Freqüentava o curso noturno, saindo de sua residência com destino à escola, diàriamente, por volta das 19,30 horas sendo, numa dessas ocasiões, raptado.

Logo após o reaparecimento do sequestrado, a família Matarazzo apressou-se em reunir-se, a fim de redigir uma nota explicativa, que foi, imediatamente, enviada para o exterior. E' dessa nota, aprovada pelo sr. Elpídio Reali, que extraímos a versão "oficial" do rapto.

"Saía Eduardo Matarazzo de sua residência, à Rampa do Túnel n.º 113, apto. 11-B, no dia 18 de junho, aproximadamente às 20 horas, com destino às bancas examinadoras do colégio, quando foi abordado por dois desconhecidos, no ato de entrar em seu próprio automóvel".

"Ameaçado por revólveres e depois golpeado violentamente com a arma de um dos raptores, foram-lhe tapados os olhos e percebeu apenas que rodaram bem uns 20 ou 30 minutos, a velocidade regular, antes do veículo parar". Não póde o jovem, segundo declarou, reconhecer o percurso, por fôrça da venda que lhe havia sido colocada".

"Estacionado o veículo, Eduardo foi empurrado para o interior de uma casa, sendo golpeado cruelmente nos rins. Tanta a dôr que o jovem caiu e os criminosos amarraram seus braços e pernas com *cordas*, cujos nós estavam coordenados de tal forma que, ao mínimo movimento, apertavam-lhe o pescoço, ameaçando enforcá-lo. Os ouvidos, a bôca e os olhos foram tapados com algodão e esparadrapo e foi-lhe ministrada uma injeção, na perna direita, provocando-lhe torpor e nausea".

"Ficou prêso assim, o jovem, durante 40 horas. Raspando o chão, conseguiu remover uma das fechadudas dos ouvidos, parecendo-lhes escutar vozes e ruído de motores. Mais tarde, tiraram-lhe a mordaça e destamparam-lhe os ouvidos podendo êle conversar com seus guardas, que se revesavam na vigia. Inteirou-se, então, que estava prêso por indivíduos que esperavam de sua família o vultoso resgate de 10 milhões de cruzeiros, tendo Eduardo advertido os raptores que se quisessem dinheiro seu pai lhes daria, mas se o matassem pagaria três vêzes mais para descobrir os culpados".

O QUE VAI FORA DA CASA

Enquanto isso, o sr. Ovídio Lefrebes, alto funcionário da I. R. F. Matarazzo, recebia as primeiras comunicações do rapto, por carta, e as instruções de como deveria agir para entregar os dez milhões aos sequestradores.

O plano era bem traçado e Lefrebes, que deveria entregar o dinheiro, iria encontrando instruções pelo caminho que percorreu em determinados pontos de bairros da cidade, a fim de ser vigiado pelos criminosos, não podendo levar consigo a polícia ou ser seguido pela mesma.

Imediatamente, êsse funcionário comunicou-se com o Conde de Chiquinho, pai do sequestrado, que, a despeito da ameaça de morte que pairava sôbre o caçula da família, comunicou-se com a polícia. No dia imediato, Lefrebes iniciou o percurso que o levaria aos raptores, guiando-se por um "croquis" que lhe fôra enviado, sendo acompanhado, em todo o percurso, por investigadores, que o seguiam a longa distância.

Desconfiados e temendo serem prêsos, pois então descobriram que seriam encurralados, os criminosos não apareceram.

O plano era minucioso e até cédulas velhas e retiradas de bancos diferentes eram solicitadas nas cartas e, entre estas, encontra-se uma de Eduardo que, dramaticamente, escreve ao Conde: "Pai faça o que êles querem ou me matam!"

FOGE EDUARDO

Enquanto a polícia trabalhava para localizar e prender em flagrante os extorcionários, Eduardo, por fôrça da magia talvez, conseguiu livrar-se das amarras, escapando, sem ser pressentido, por uma das janelas da vivenda. Eram quase três horas da madrugada do dia 20 e, chegando a rua, teve êle a presença de espírito suficiente — e uma calma de ferro — para anotar o número e a avenida onde estava; Avenida Açocê, 19, no bairro de Indianópolis. Compreendeu, então, que os ruídos de motores que escutava eram provenientes dos aviões, pois o aeroporto de Congonhas não é distante da Av. Açocê.

Continua o relato da família, chegando a afirmar: "E' êste o elemento central que permite à polícia indentificar os criminosos. A casa, conforme foi ràpidamente verificado, tinha sido alugada, semanas antes, ao químico e advogado italiano, Alexandre Malavasi, hoje industrial e ex-funcionário das I. R. F. Matarazzo. Um carro da marca e da côr do de Malavasi tinha sido visto por vizinhos, em frente à casa, nos dias anteriores ao crime. As impressões digitais do químico italiano foram encontradas no carro de Eduardo, no interior da casa que alugara e nos esparadrapos do rosto da vítima. A identificação de Malavasi permitiu descobrir a cumplicidade de outros elementos, entre os quais outro químico italiano ex-funcionário do Conde, Mário Comelli. O desaparecimento imprevisto dêsses dois elementos é a confirmação da culpa dêles".

O comunicado continua, acentuando a necessidade de a imprensa cooperar com a polícia pois Malavasi estaria, também, incluído no rol dos implicados no assalto de uma "perua" das I. R. F. M., no dia 15 de junho do ano passado, que transportava três milhões e duzentos mil cruzeiros destinados a pagamentos, mistério, êsse, ainda não desvendado.

REAPARECE O RAPTADO E MENTE A POLICIA

Cêrca das 3,30 horas da madrugada do dia 20 de junho, surgiu o jovem Eduardo no ponto de estacionamento da Av. Brasil com Brigadeiro Luís Antônio tomando o carro do motorista Hélio Basílio, a quem revelou sua identidade.

O motorista levou-o à sua residência, na Rampa do

Túnel e, de volta ao ponto, comunicou-se com uma rádio emissora, participando o caso. Esta, por sua vez, entrou em contacto com a polícia que, imediatamente, se dirigiu para a casa do estudante milionário.

Eduardo foi convidado a comparecer ao Departamento de Investigações, o que fêz às cinco horas do mesmo dia, acompanhado de seu sôgro. Foi, incontinenti, o fato comunicado ao Secretário da Segurança Pública que se dirigiu para o D. I., tendo interrogado o rapaz sob o maior sigilo, nada esclarecendo nem mesmo a imprensa.

Daí por diante, os repórteres ficaram um tanto desorientados, pois a própria polícia estava mentindo, para encobrir algo.

Diante do assédio de repórteres de todo o Brasil, que se achavam em São Paulo, o sr. Elpídio Reali passou a falar em suspeitos e em prisões espetaculares, chegando mesmo, no dia 21, a anunciar a prisão do "homem loiro" — Malavasi.

No dia 22 foi feita a primeira detenção positiva. Era Jurema Zanchetta a linda amasia de Malavasi, que teria participado do crime, escondendo as armas. Jurema depôs e, de início, confessou que recebera dois revólveres e tiras de "couro", para dar sumiço. Êsses objetos foram-lhe dados pelo médico Walter Corrieri, residente na mesma casa que Malavasi, e por Eda Cremonese secretária da indústria do italiano. Jurema declarou ter jogado os "móveis" do crime no Rio Tietê, mas, mais tarde, confessou ter levado os revólveres para a casa de seu pai, à Av. Ibirapuera, 411-A, onde os escondera dentro de uma lata de banha e os couros que teriam amarrado Eduardo levara para a fábrica de Malavasi, onde os guardou no cofre.

Declarou a bela Jurema que, na manha do dia 20 de junho, Malavasi, como de costume, levantara-se cedo, deixando-se a dormir. Todavia, percebeu-o irritado e êste, a uma pergunta, respondeu-lhe que falasse com o médico Walter que tinha instruções a serem cumpridas por ela. O que foi negado pelo esculápio, mais tarde.

Jurema recebeu o embrulho dos revólveres mas, confirmando a tése da curiosidade feminina, quiz ver o que era. Deparando com as duas armas ficou com mêdo de jogá-lo no rio, onde já estava, regressando a cidade e foi à casa de seu pai, onde as escondeu.

A contradição e sua cumplicidade valeram-lhe prisão preventiva, incomunicável. Nenhum repórter lhe falou ou a fotografou e seu pai está, também, proibido, pela polícia, de falar a quem quer que fôsse.

VAMOS GANHAR DUZENTOS MIL CRUZEIROS?

Dia 21 teve início a tremenda caçada humana que culminou com a prisão de Alexandre Malavasi e Mário Comelli, graças à denúncia de Giacinto Severi. O Delegado Ielo Petrarca, segundo orientação do sr. Elpídio Reali, foi para a cidade de Campinas, nêsse dia, pois lá havia sido encontrado o carro de Malavasi.

(*Continua na pág. 54*)



ELPÍDIO REALI, secretário da Segurança Pública, não deixou, como é de praxe, que os repórteres inquirissem os implicados.



UM VIZINHO da frente: — «Êste é Malavasi, mas seu carro parava aqui com freqüência para espiar a casa para aonde se mudaria».



O dep. **OSNY SILVEIRA**, testemunha dos depoimentos de da. Gisela Severi, diz que a justiça é tanto para os ricos como para os pobres.

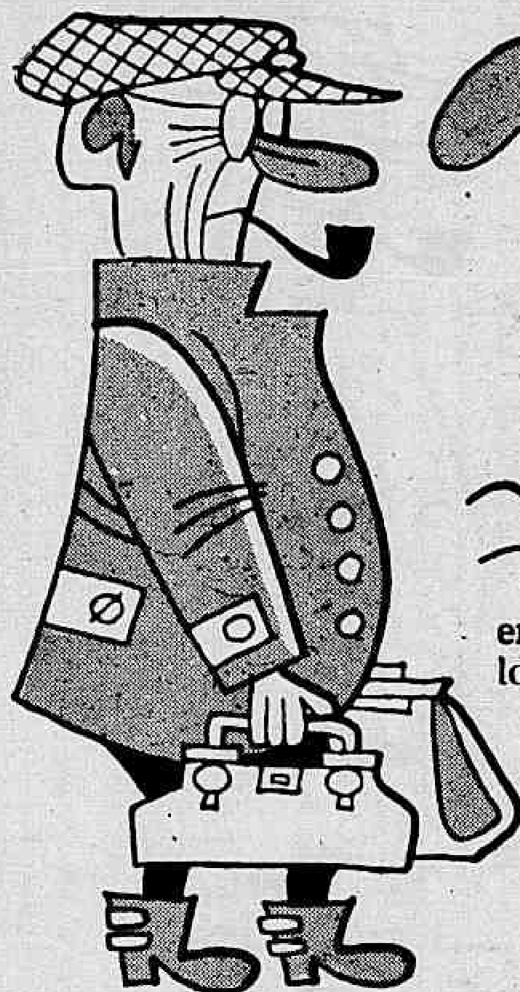


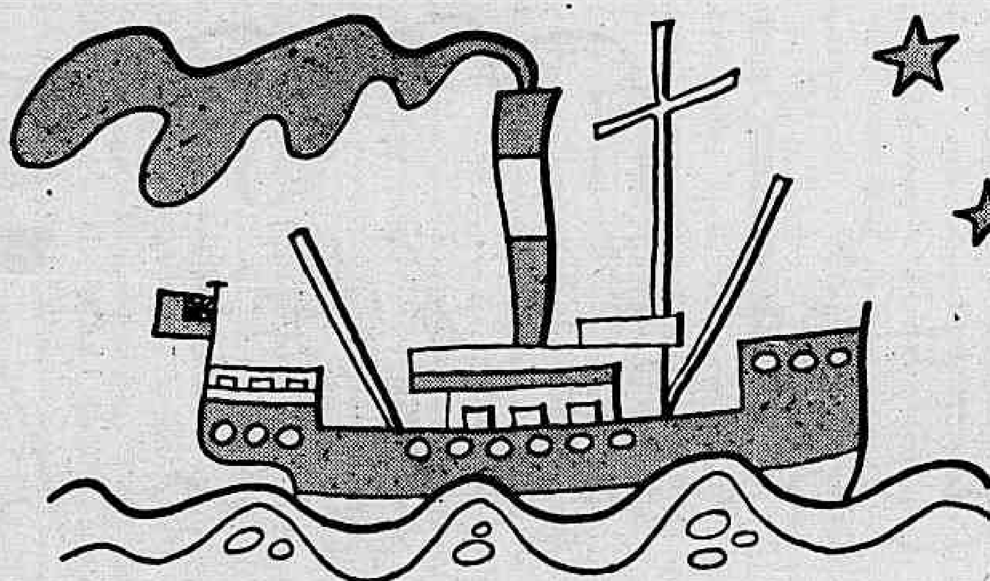
HELIO BASÍLIO, o primeiro a entrar em contacto com o «condinho»: — «Se é rapto ou farça, cumpre à Polícia esclarecer, não acha?»



A CASA DA AVENIDA Açocê, 19, em Indianópolis, com o investigador a postos, alvo da curiosidade do povo Que teria havido lá dentro?

UM TURISTA MODERNO





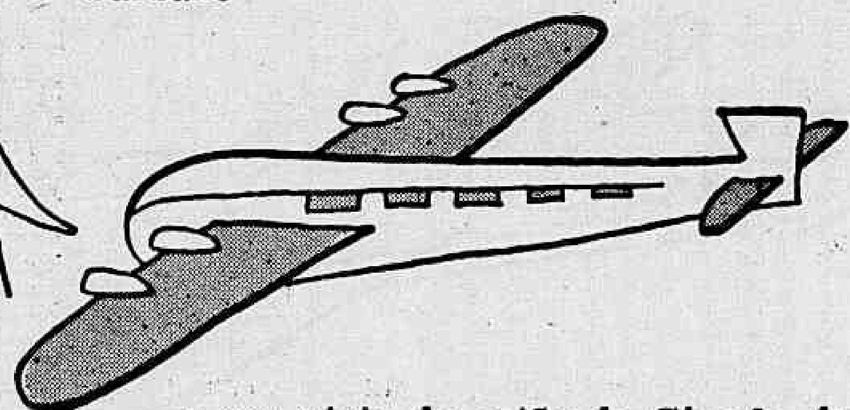


Antigamente o turista era um sujeito de roupas esquisitas, cheio da GAITA, que viajava

em um navio, durante meses, para ver os países longínquos...

Hoje, o turista é um PRONTO, que começa sua carreira em um bate bola suburbano





e que viaja de avião do Círculo Ártico aos Antiplanos da Bolívia, vendo incas e esquimós; que vai a Veneza e a Istambul, vendo gôndolas e nerguilés;

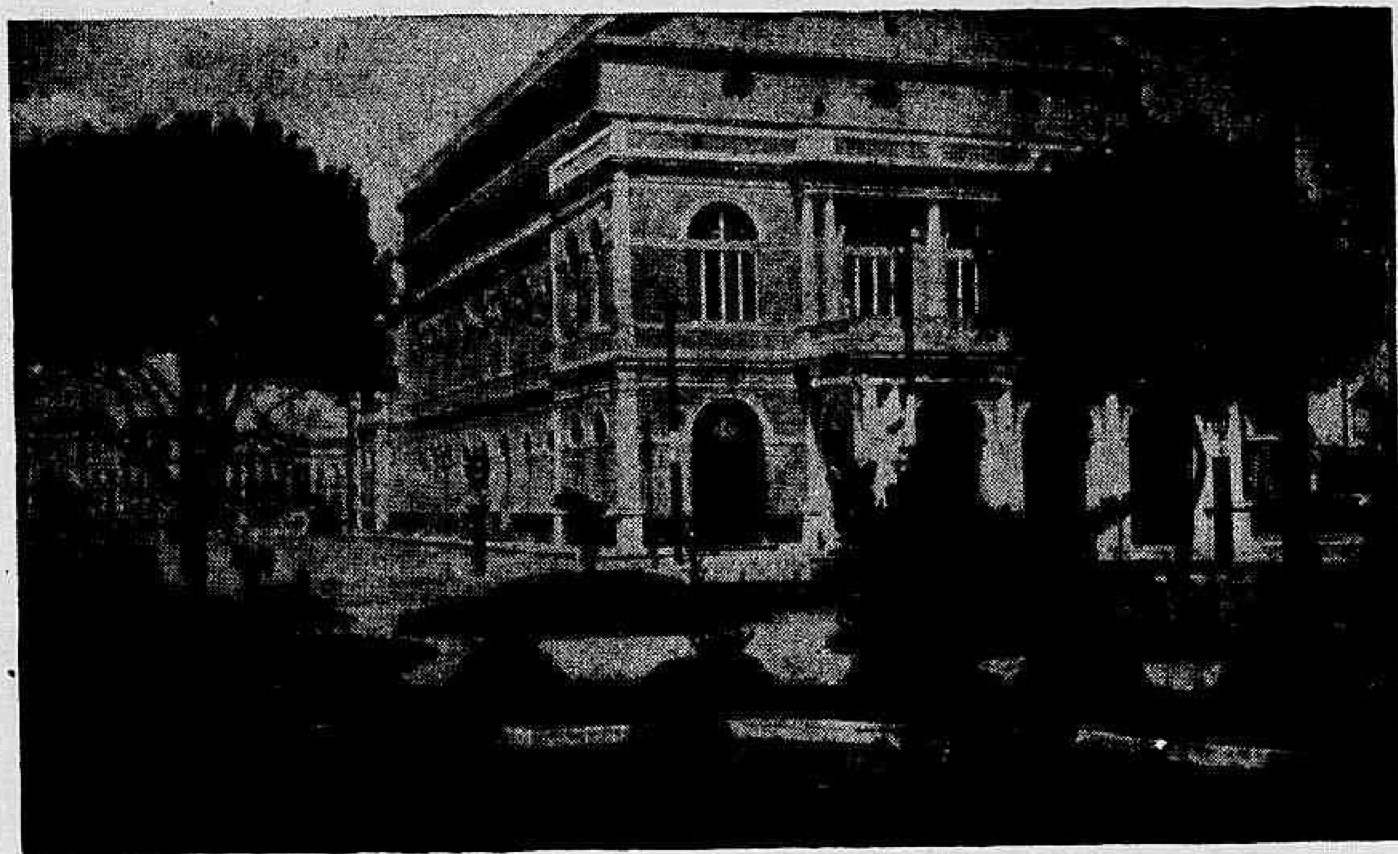








que admira as pontes sôbre os canais e as sombras das pirâmides e já não é mais o turista anônimo e sim o herói que volve cheio de louros de sua TOURNÉE em volta do mundo!



Os fantasmas do Santa Isabel

RECIFE, julho — De cada vez que voltamos a esta cidade fazemos uma visita ao Santa Isabel, mesmo quando não há espetáculo. Gostamos de percorrer as suas dependências, numa visita de reverência à casa de tantas e tão ricas tradições, ao teatro onde não se tem registrado apenas gloriosas noitadas de arte, mas ao qual muitos acontecimentos ligados à história do país se vinculam. E assim fizemos também agora.

No Santa Isabel, iluminado e franqueado ao público, ou de portas cerradas e nas trevas, sentimos o contato com o Passado e à memória acodem sem demora evocações de magnas ocorrências cívicas, reuniões políticas de alta importância, debates irradiados do palco e da platéia para a praça pública — sem falar no grande desfile de imortais figuras que por essas tábuas têm deixado seu rastro luminoso. Nabuco, Castro Alves e Tobias Barrêto, Eugênia Câmara, Furtado Coelho e Adelaide Amaral, são os primeiros a ser lembrados.

Percorrendo a "caixa" depois da função desta noite, nossos passos ressoam no assoalho e o eco das passadas se repete pelo espaço. A imaginação trabalha: quantos milhares de almas não vibraram neste recinto, nessa platéia de teatro à moda antiga, com frisas, duas ordens de camarotes e galerias lá no alto. Almas dos que assistiram a grandes espetáculos desempenhados por artistas famosos, e as dos intérpretes, nossos e de fora, que vieram encontrar neste palco, agora deserto, o ensejo de receber novas consagrações!

Mas neste momento apenas os operários se espalham pelo palco, desarmando cenários, encaixotando sarrafos, empurrando malas e trainéis para as portas de saída, pois o embarque da companhia será feito amanhã.

Os aplausos de todos os tempos desfizeram-se no espaço, para a eternidade — e para a eternidade fôram também muitos dos artistas que por aqui pisaram, enquanto outros os substituem, no girar incessante da roda-gigante da vida.

★

Nossas cogitações perdem-se nesse mundo já inexistente quando um carpinteiro se aproxima:

— Mete mêdo teatro vazio, não acha?

— Mêdo de quê?

— Dos fantasmas, não sabe? E' perigoso ficar aqui dentro até de madrugada...

O rapaz esclarece: Há fantasmas no Santa Isabel e só podem ser dos espectadores e artistas que por aqui passaram. Aparecem de longe em longe, mas às vêzes dão um ar de sua graça.

— De que jeito?

— Nem queira saber! Quando trabalhamos até tarde, como esta noite, acontecem coisas misteriosas. Escutam-se ruídos estranhos — palmas a princípio leves, depois mais fortes, lá fora na platéia, entrecortadas de assobios, como se uns aplaudissem e outros vaiassem... Tal como no tempo dos duelos de oratória entre Castro Alves e Tobias Barrêto, segundo ouvi dizer. Depois há bater de portas, ruído de passos... Acende-se a luz, percorre-se a casa de alto a baixo, esquadrinha-se em todos os sentidos — e não se encontra viv'alma.

Sorrimos. Era engraçado, sim. E nos retiramos, passava da meia-noite, deixando os rapazes na sua faina. Os barulhos que havia, eram justificados: bater de martelos nas caixas dos cenários, arrastar de malas, passos dos trabalhadores. Mas na platéia, tudo em paz, silencioso e escuro.

★

As obrigações de serviço fizeram que sem demora nosso pensamento se desviasse do assunto. Na tarde seguinte, íamos pela rua Nova quando, súbito, alguém estaca à nossa frente e segura-nos um braço, de olhos escancarados e mal dormidos, de cabelo em desalinho:

— Não lhe disse? Não lhe disse que êles apareciam?

— Êles quem, rapaz? O quê?

Era o carpinteiro do Santa Isabel:

— Os fantasmas... Pena que o senhor não estivesse lá para ouvir.

E explicou: Acabávamos de sair quando os primeiros silvos se fizeram sentir da platéia. Eram assobios fortes, de quem vaia mesmo. Simultâneamente, as palmas, primeiro isoladas, depois mais fortes, em côro, enquanto os assobios cresciam e se ouvia um bater de pés estridente, e de portas.

— Uma zoada infernal!

— Deve ter sido pilhéria de alguém.

— Não foi não, juro! Mesmo apavorados, percorremos a platéia, eu e os companheiros, depois de a iluminar. Nem sinal de gente! O barulho cessou como por encanto. Retomamos o serviço na "caixa" e êle recomeçou. Fizemos nova pesquisa, o mesmo resultado: nada. E como a barulheira continuava, deixamos tudo, suspendemos o encaixotamento do material e fugimos... Sim, porque ninguém está disposto a trabalhar sob aquela tensão nervosa. Fantasma não é brincadeira...

Respirou forte, uma, duas vêzes:

— Mas há mais: hoje, cedo, quando voltamos, uma surprêsa maior nos esperava. As portas das frisas e camarotes, que o vigia deixara como de praxe hermèticamente fechadas à chave, estavam abertas de par em par. Quem as abriu? Quem?

— O vigia, com certeza.

— O vigia estêve sempre ao nosso lado e raspou o mesmo susto que nós todos... Tremia como varas verdes.

★

Uma de duas: ou os fantasmas de antigos espectadores e falecidos artistas dramáticos costumam dar-se ao esporte de assustar os pobres operários da "caixa" — ou o vigia do Santa Isabel é homem que sabe divertir-se à custa dos outros.

Mas que os apavora até à raiz dos cabelos, apavora, que nós vimos. E depois outros corroboraram, ainda mal refeitos do susto, as palavras do carpinteiro medroso.

C E L E S T I N O   S I L V E I R A

SUMÁRIO

REPORTAGENS

O rapto de Eduardo Matarazzo (Domingos de Lucca Jr. e Dario Terini) 3/7
"Ritorna Vincitore" (Jorge Lyra) 12/17
Seiscentas espôsas (Anton Long) 23/25
A Cinelândia tem três caras (Abdias Rodrigues) 28/33
Não é difícil casar (J. Belo) ... 35/37

LITERATURA

Os fantasmas do Santa Isabel Celesti‑o Silveira) 9
Semana literária (Edmundo Lys) 18/19
A Gild. (Ferucio Fabbris) 22
"Seu" Isaac do Bazar Monte Líbano (Moacyr Duarte) 34
Apontamentos líricos (Lyse) ... 39
Pequeno conto persa (Edmundo Lys) 58

CINEMA

Coração amargurado (Cinenovela) 44/45

HUMORISMO

Um turista moderno (Théo) .. 8
Nem cara... nem coroa (Nicodemus) .... 12 e 38
Êste mundo louco 26

FEMININAS

Quadriculados 39
Sugestões variadas .... 40 e 41
Week-End na Cozinha 42:43

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 10/11
A personagem da semana 11
Puxe pelo cérebro 50
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 52
Palavras-Cruzadas 53
Tudo isto aconteceu 56/57

CURIOSIDADE

Protegendo as crianças 52/53

FOLHETIM

A Timidez de Letty 49

HISTÓRIA

Os Príncipes da Casa de Saxe (Clado Ribeiro Lessa) 20/21

ILUSTRADORES

J. Ribeiro — M. Queiroz — Rafael.

FOTOGRAFIAS

Dario Terini — Jorge Lyra — IPA — Abdias Rodrigues — J. Belo — Nodgi — José Santos.



NA CAPA:

Joan Caulfield
(Foto Columbia)

A SEMANA

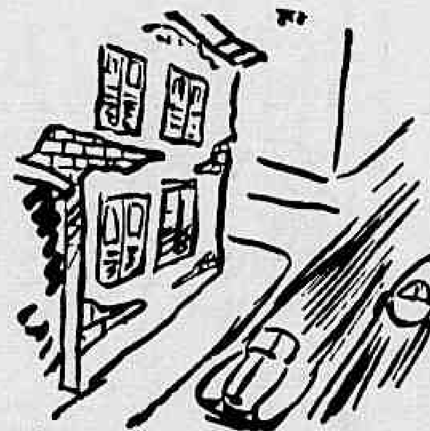
ISTO É PATRIOTISMO



JÁ ouviu o leitor falar de Antônio Annunziato? E' um antigo livreiro de S. Paulo, em cuja capital, em 1917 mantinha livraria no local em que hoje se ergue o «Martinelli». Foi o primeiro a importar revistas e jornais do exterior, trabalhando incansàvelmente para divulgar em S. Paulo a literatura européia, com especialidade, a francesa, a inglêsa e a italiana. Em 1921 e 1924 viajou a Europa e de lá trouxe planos para aumentar o intercâmbio intelectual com os povos do Velho Mundo e fundou em S. Paulo, Rio e Santos, pequenos pavilhões para a venda de jornais e revistas, do que resultou a disseminação das atuais bancas de jornais. Em 1927, indo à Europa, fundou em Paris o salão de leitura «Brasilia». Em 1936, nas Olimpíadas de Berlim, exibiu um filme do S. Paulo moderno, o que foi também mostrado a franceses e austríacos, despertando geral entusiasmo. Nos navios em que viajava, incluia a exibição de filmes de propaganda do Brasil. E' um patriota incansável. Sua dedicação ao Brasil em geral, e a S. Paulo em particular, não desfalece, e, sempre que vai ao estrangeiro, põe de lado o tempo de que dispõe para divertir-se e o emprega, integralmente, na mais bela e eficiente propaganda de nossa terra. O Comendador Antônio Annunziato faz tudo isso sem outro interêsse que não o de mostrar aos europeus o que é o Brasil, e o faz através de sua literatura, de sua imprensa, documentando seu trabalho por meio de impressos, cartões postais que distribui aos milhares, de mapas, de filmes, de revistas. Quando estêve em Montecatini Terme, estação de águas da Itália, instalou a «Sala Brasileira», na rua Minzoni, 1-A e a Biblioteca, em Roma. Apaixonado pelas estâncias aquáticas do país, o Comendador Annunziato não perde tempo lá na Europa e divulga as nossas maravilhas no gênero, a magnitude da natureza e o poder curativo de nossas estâncias. Tudo isso à sua custa, sem outro fim se não o de servir à sua pátria. E' o mais útil embaixador do Brasil na Europa, e o mais barato, pois não pesa um centavo no orçamento do Itamarati.

CASA DE OSÓRIO

"A diretoria do patrimônio histórico enviou ao Presidente da República uma sugestão no sentido de que fôsse tombado o velho casarão da rua Riachuelo, número 303, casa onde morreu o general Osório. Ligado, assim, a um dos grandes vultos da nossa República, o prédio em si mantém uma interessante arquitetura, com suas grandes paredes cobertas de azulejos, salas e pátios coloniais. O presidente Vargas acaba de assinar decreto aprovando a sugestão, devendo passar a propriedade do prédio para o domínio da União, ou da Municipalidade, sob o contrôle da Diretoria do Patrimônio. Brevemente, o velho prédio, atualmente transformado em imunda casa de cômodos, passará a ser uma arejada escola pública municipal, caso a sua propriedade venha a ser da Prefeitura».



Esta notícia que reproduzimos na íntegra, saiu em um dos nossos vespertinos do dia 23 de junho próximo findo. Tudo está perfeitamente certo. O edifício é enorme casarão inestético, com seu século e tanto de vida, se não nos mentem as características de sua arquitetura. Ali se abrigam várias dezenas de famílias pobres, de empregadinhas do comércio, de operários, de gente que sai à rua para ganhar o pão honestamente e comê-lo no mesmo dia, sem poder guardar para o seguinte. O velho pardieiro é uma das típicas «cabeças de porco» dêste Rio maravilhosamente sem casas ou apartamentos para o povo. E' uma das edificações mais feias e inestéticas da velha estrada de «Mata Cavalos». Pelo que parece, será convertida em escola pública. A idéia é boa em si mesma; entretanto, não deve ser executada. O ponto em que está o edifício não se presta para estabelecimento educacional. Todos os dias morrerão crianças ali. Rua estreita, tortuosa e movimentadíssima, «Mata Cavalos» passará a ser «Mata Escolares». O que deviam fazer, era aproveitar o terreno e construir um edifício de apartamentos para os menos favorecidos da fortuna, mas que também têm direito de morar. Não falta local mais apropriado para construirmos escolas, sem expulsar os inquilinos infelizes.

TEATRO MUNICIPAL



JÁ se estava tornando vulgar a cessão ou aluguel do Teatro Municipal a quantos desejavam fazer festivais, convenções partidárias, ou conferências de tôda ordem. Todos os fins de anos solenidades de colação de grau eram também levadas a efeito ali. Ora, por mais merecedoras que fossem tais festividades ou atos solenes, o Teatro Municipal estava fugindo à finalidade para que foi construido. E' um Teatro oficial, pertence à Prefeitura do Rio e tem sua função determinada em lei. Há ali o Departamento de Educação de Adultos e pela Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal devem passar todos os requerimentos que abrem as portas do primeiro teatro da cidade para fins particulares. Sem que os pedidos sejam informados por êsse Departamento não se pode ser beneficiado com a cessão do Municipal. Foi pensando em tudo isso que o atual Prefeito do Distrito Federal assinou portaria resolvendo que o Teatro Municipal só deverá ser utilizado para espetáculos de alta expressão artística e depois de examinados e despachados pelo Departamento de Educação de Adultos e pela Comissão Artística e Cultural. Rebuscaram a legislação que criou e disciplina o emprêgo do Teatro Municipal e verificaram que a lei proibe sua utilização para banquetes, bailes, conferências de caráter público e partidário e sessões solenes, ou para festivais, embora de caridade ou beneficência, salvo quando tais solenidades forem de iniciativa do govêrno ou por êle dirigidas. Para que não fiquem os promotores de tais festanças privados de um local amplo e confortável, destinou o Prefeito o Teatro João Caetano, que também é de propriedade da Municipalidade. Diante dessas providências, o Prefeito cancelou tôdas as autorizações já dadas no corrente ano, para colações de grau e outras festas.

EM REVISTA

DEFENDAMOS OS JACARÉS



MUITA gente pensa que os nossos legisladores, não trabalham, vivendo uma vidinha cheia de encantos, entrando no «batente» às 14 horas e saindo de lá às dezoito. Em quatro horas de conversas amáveis, cafézinho quente e gostoso ou mate gelado, cada deputado em bolsa quase mil cruzeiros por dia, o que não é nada mau, convenhamos. Mas os que não costumam analisar o trabalho dos outros, podem pensar que os licurgos do Brasil estão ganhando muito e trabalhando pouco. Nada mais falso. Êles ganham bastante, é claro, mas também trabalham muito. Elas por elas. Já pensou o leitor, por exemplo, no imenso trabalho que tem tido um dos nossos mais eficientes deputados, para descobrir a causa por que o couro de jacaré está baixando de preço no exterior? Não há nada mais terrivelmente cacête do que essa história de descobrir os misteriosos processos internacionais de desvalorização de um produto por mercados internacionais. Veja o que está sucedendo com jacarés, lagartos e cobras dêste nosso querido Brasil, contra o qual vivemos a dizer cobras e lagartos, mas, que, no íntimo, o amamos com a maior intensidade patriótica. Em 1946 exportamos 93.120 quilos de couros crús de répteis horrivelmente feios, especialmente dos jacarés lá do Amazonas e Marajó. Mas isso nos trouxe 43.159.000 cruzeiros. Mas, em 1949, para uma exportação de 171 mil quilos, quase o dôbro da realizada em 1946, essa jacarezama tôda só nos valeu a miséria de 11.399.000 cruzeiros! Daí estarem vários deputados numa trabalheira louca para descobrir onde está o gato, isto é, a guerra contra os couros de lagartos, cobras e jacarés do Brasil. Há então duas correntes: uma, para que se proiba a exportação de tais artigos, uma vez que o estrangeiro se enche e nós empobrecemos; a outra, que se descubra um meio de jacarés, cobras e lagartos nascerem sem couro, embora o importador estrangeiro chore lágrimas de crocodilo! E' esfôrço legislativo, ou não é?

CAIPIRAS DE S. JOÃO



TODOS os anos, nesta leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, muita gente, moças, rapazes e crianças se fantasiam de «caipiras» e se dirigem para festas de S. João. Nos bondes, nos ônibus, nos trens de subúrbio, taxis e carros particulares vemos dessas personagens metidas em indumentos «sertanejos». Êste ano se espalhou pela cidade uma notícia de grande interêsse para os festejadores de caipiradas san-joaninas: a Rádio Tupi ia dedicar uma de suas transmissões aos que comparecessem vestidos à caipira e recitassem poesias referentes à data ou ligadas ao evento. Muita gente se inscreveu. O prêmio era atraente: mil cruzeiros. Além disso, nos receptores de TV os parentes, amigos admirariam a «figuração» do novo astro televisionado. A hora marcada, os candidatos começaram a afluir ao estúdio. Ari Barroso era o animador e dirigente do espetáculo. Conhecido como o fundador dêsses atos, criterioso na seleção de tais experiências, terror dos calouros incapazes e esperança dos que têm talento e futuro na difícil arte de interpretar, Ari estava a postos. Começou a função! Apareceram os candidatos. Dentre êstes, uma senhora compareceu para recitar seus versos caipiras. Ari, antes de começar a prova, deu a quantos acompanhavam o ato, verdadeira lição aos que têm tempo para vestir-se de «roceiro» nas festas de S. João. Aquela senhora não estava ali representando uma caipira. Estava apalhaçada, com «maquillage» de farsa em revistas de última classe. Chapéu espalhafatoso, vestido que não se vê em nenhuma matutinha do nosso interior, a concorrente ofendia suas patrícias matutas e mostrava um Brasil que, de maneira nenhuma, existe hoje, como nunca existiu ontem, nem existirá amanhã. Ari ainda ficou mais indignado, quando a madame declarou que era de Minas! Ora, Ari Barroso é de Ubá, conhece sua gente, seus hábitos e maneiras de vestir. Resultado: a «palhaça», como êle lhe chamou, mal pôde declamar os versinhos, e só não levou gongo porque a lição já havia sido contundente. Que as cariocas, no próximo S. João, não repitam as «palhacices» injuriosas contra as moças do sertão. Muito bem, Ari!

A PEDRA FILOSOFAL



JA ninguém acreditava mais que fôsse possível o milagre que os químicos antigos andaram buscando durante séculos. A pedra filosofal, o elemento mágico que poderia transformar um calhau em ouro de lei, era a obsessão de quantos procuravam tornar-se milionários de um dia para outro. Mas, por maiores que fôssem o saber e a tenacidade daquêles mágos da antiguidade, jamais pôde o homem fazer o que a natureza fêz através de seus misteriosos processos de alquímia: fabricar o ouro nas entranhas da terra, para que os homens se estraçalhem durante tôda a sua vida para a conquista do «vil metal». Mas, não se julgue que os alquimistas morreram. Nada disso. O sonho continua a martelar a ansiedade dos homens, e, de quando em quando surgem na imprensa as notícias mais sensacionais sôbre a descoberta maravilhosa: o ouro pode ser fabricado! Uma fábrica de ouro sintético teria êste fim: modificar de vante à ré, o sistema econômico e financeiro do mundo. O ouro deixaria de ser o padrão entre os povos e passaria a metal de categoria barata. Tudo desmoronaria. A vida da sociedade humana, o comércio, as indústrias, a educação, a história, a economia política, etc., tudo deslizaria para outros planos, outras concepções. O ouro não valeria mais nada. Um miserácel «Ersatz» que qualquer funileiro fabricaria no quintal de sua casa. Pois o leitor fique sabendo que essa medonha transformação está ameaçando o mundo. Segundo notícias publicadas em nossa imprensa, o dia 21 de junho foi o da descoberta do ouro sintético na Espanha! O padre Miguel Quetlas e seu cunhado Blas Milanez conseguiram a «pedra filosofal». E não fabricam só o ouro: podem «fazer» prata, cobre e zinco! Começam as peregrinações para o Escurial, a fim de visitar a paróquia de San Lorenzo onde é coadjutor o padre alquimista. Todo mundo quer uma amostrinha de umas quinhentas gramas. AURI SACRA FAMES!

A PERSONAGEM DA SEMANA



Presidente Getúlio Vargas

A remessa de tropas brasileiras para a frente da Coréia constituiu o assunto principal da semana que findou. Em face da solicitação da ONU no sentido de que todos os seus componentes, inclusive o Brasil, mandassem um contingente para o campo da luta, teria que determinar, como determinou, um pronunciamento do nosso Govêrno. E a opinião pública dividiu-se ficando diversos jornais ao lado da tese de que não devemos enviar soldados à Coréia. A questão é realmente delicada. Na verdade, não sentiríamos nenhuma satisfação ante a hipótese de vermos patrícios nossos guerreando no solo pátrio, quanto mais em plagas estrangeiras. Ainda hoje há quem sustente com bons fundamentos que foi um êrro a remessa de tropas brasileiras para as frentes européias, e que a nossa declaração de guerra devia ter ficado na defesa da nossa terra e dos nossos mares, com a cessão de bases e fornecimento de materiais para a luta. Muito mais delicada se apresenta ainda agora a questão, porque sabemos que o Brasil fêz parte, como um dos seus fundadores, das Nações Unidas. Havia, pois, um pacto assinado, de vida e morte, perfeito e acabado, antes da deflagração do atual conflito. Na outra guerra fomos provocados por uma agressão; nesta, sentimo-nos comprometidos por um pacto. E ao govêrno do Brasil não seria lícito renegar os compromissos internacionais da Pátria. Nesta conjuntura o Sr. Getúlio Vargas lavrou um tento: baseado em pareceres dos altos órgãos competentes, fêz sentir em outras palavras que o Brasil saberá cumprir o seu dever. Mas a remessa de um corpo expedicionário é assunto a ser estudado ponderadamente. Ótima a nota do Govêrno. E os nossos votos são no sentido de que, sem quebra de nossa honra, as circunstâncias tornem desnecessária a mobilização dos nossos patrícios.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Nem Cara...

O AMÔR NENHUMA RELIGIÃO POU-DE LIBERTAR-SE DO AMÔR. A UNIÃO DOS DOIS SEXOS, DO HOMEM ÀS PLANTAS, ESSA ATRAÇÃO E' QUE MANTEM O EQUILIBRIO, A HARMONIA DA NATUREZA. OS ANTIGOS VIAM EM QUASE TODOS OS FENOMENOS MANIFESTAÇÕES DO AMÔR: "O CASTO CÉU APAIXONA-SE PELA TERRA E A TERRA PREPARA-SE PARA RECEBER OS SEUS BRAÇOS. A CHUVA, ENTÃO CAI DO CÉU E VEM REGAR A TERRA QUE CRIA AS PASTAGENS DOS REBANHOS E O TRIGO, ALIMENTO DOS HOMENS. ISHTAR, ASTARTE E CIBELE, DEMETER E CERES, AFRODITE, VENUS E FREYA DERIVARAM DA ANTIGA DEUSA TERRA, A GRANDE-MÃE...

PROVERBIO

QUANDO
SE CHUPA CANA,
NÃO
SE
ASSOBIA...



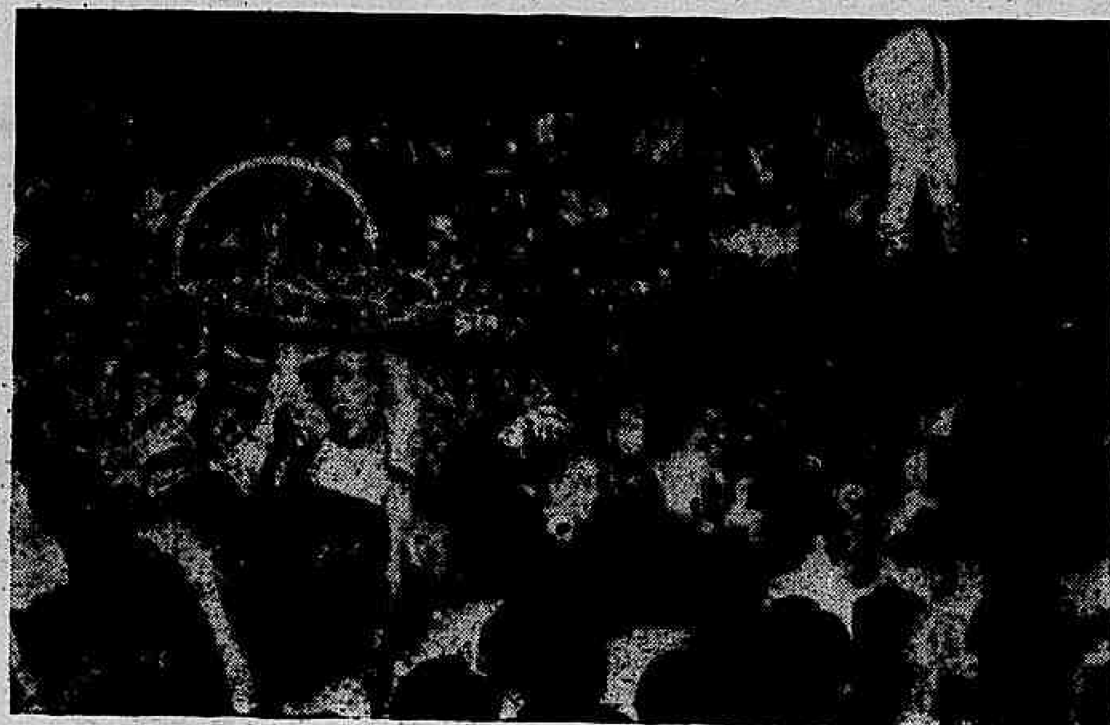
CINE

SABE ATÉ AONDE VAI O CABELO DE SANSÃO? DALI-LÁ.



FLAMENGO INVICTO NA EUROPA

VERDADEIRA enchente humana cercou os carros do cortejo rubro negro quando



NA CONFUSÃO que ali se estabeleceu, muitos tiveram que se tornar malabaristas


O PRESIDENTE Gilberto Cardoso e Adãozinho sorriem felizes, após a chegada

êstes chegaram ao Largo da Carioca. Todos queriam pegar, abraçar, parabenizar os invictos da Europa, desejando tributar-lhes tôda a sua admiração.

"RITORNA VINCITORE"

O CORTEJO, A CHARANGA E OS CARONAS ★ A RIVALIDADE COM OS VASCAINOS ★ A CHEGADA E A ALEGRIA DO POVO ★ CAMPANHA TRADUZIDA EM NÚMEROS ★ MILAGRES DE RECUPERAÇÃO ★ IMPRESSÕES DE ALGUNS JOGADORES

Reportagem de JORGE LYRA

VERDADEIRAMENTE apoteótica foi a recepção que os aficionados do C. R. do Flamengo tributaram ao seu esquadrão que, invicto, cumpriu dez compromissos na Europa. Desde cedo notava-se, na cidade inteira, um aspecto inusitado de festa; o assunto do dia era a chegada dos rapazes que tão alto elevaram o prestigio do futebol brasileiro em terras estrangeiras. Nos cafés, nas repartições, nas ruas, nos quatro cantos da cidade, enfim, comentavam-se os feitos rubro-negros e marcava-se encontro para a recepção.

A comissão promotora havia marcado para as quatorze e trinta horas, em frente à sede, a concentração de


ASPECTO noturno dos abridores do cortejo — ciclistas e batedores do exército.



O POVO NÃO SE CONFORMAVA apenas em olhar os seus ídolos, queria carregá-los ao colo, gritar bem alto que os admirava. A saída do Galeão o vereador Couto impediu que o desideratum dos torcedores fôsse concretizado, mas, no Largo da Carioca não houve quem impedisse que Flávio, que aparece no círculo, fôsse carregado em triunfo.





JOSÉ LINS DO RÊGO foi muito solicitado pelos torcedores que queriam, a todo transe, pormenores da invicta campanha...

todos os que quisessem ir àquele acontecimento mas, antes de quatorze horas, já a sede do clube, na Praia do Flamengo, regorgitava de gente e, se bem que o cortejo devesse partir inicialmente com dez carros, mais de cem dêles estendiam-se pela rua afora. Azafamados, membros da comissão entravam na sede e dela saiam, dando novas ordens, arrumando bandeiras, dispondo o pessoal de acôrdo com o plano pré-estabelecido. Centenas de pessoas se postavam à porta, esperando uma "carona" em um carro qualquer. Motoristas de praça disputavam fregueses:

— Duzentos cruzeiros porque, o senhor sabe, tenho de acompanhar todo o cortejo e não sei a hora em que vamos voltar.

O interlocutor saia à cata de quatro companheiros e mais um carro se lotava para o acompanhamento. Carros de choque e batedores do exército, aguardavam o momento da partida, enquanto dezenas de profissionais da imprensa procuravam alguém da comissão a fim de saber que condução lhes estava reservada.

No jardim da sede, o escritor José Lins do Rêgo, cercado de dezenas de flamengos, explicava o que fôra a campanha por campos europeus. Uma camionete do próprio clube ia recebendo os membros das familias dos jogadores que iriam recepcioná-los, enquanto a "charanga" do sr. Jaime de Carvalho tomava lugar entre os participantes.

O CORTEJO

Seriam quase quinze e trinta quando os batedores do exército tomaram lugar à frente do cortejo, seguidos dos ciclistas do Flamengo e dos outros carros. Quando os primeiros começaram a sair, aquêles que não haviam conseguido lugar se abancaram nos carros de choque do exército, no da imprensa, enfim, onde houvesse um balaústre para se agarrar. Entre o espoucar dos foguetes e os



DENTRO da Alfândega, para conseguir-se uma fotografia como essa de Pavão, Aloisio e Garcia, era outra batalha insana.



QUANDO o primeiro rubro-negro pisou a escada do avião e a multidão de fotógrafos assestou suas máquinas para fotografá-los, teve início o bombardeio do alto, de fora: foguetes rasgavam o céu, gritos ecoavam — carnaval em junho.



NÃO SE PODE explicar como o povo conseguiu burlar a vigilância policial e invadiu a Alfândega, na ânsia de abraçar os jogadores, confundindo-se ali com os membros das famílias dos mesmos, aos gritos de «viva o Flamengo, campeão europeu».



TUDO ERA sorrisos de satisfação incontida. Parecia que o povo queria carregar o carro dos jogadores ao colo. Muitos tentaram invadir o ônibus que os transportava para a Alfândega, no que foram impedidos por soldados da Aeronáutica.



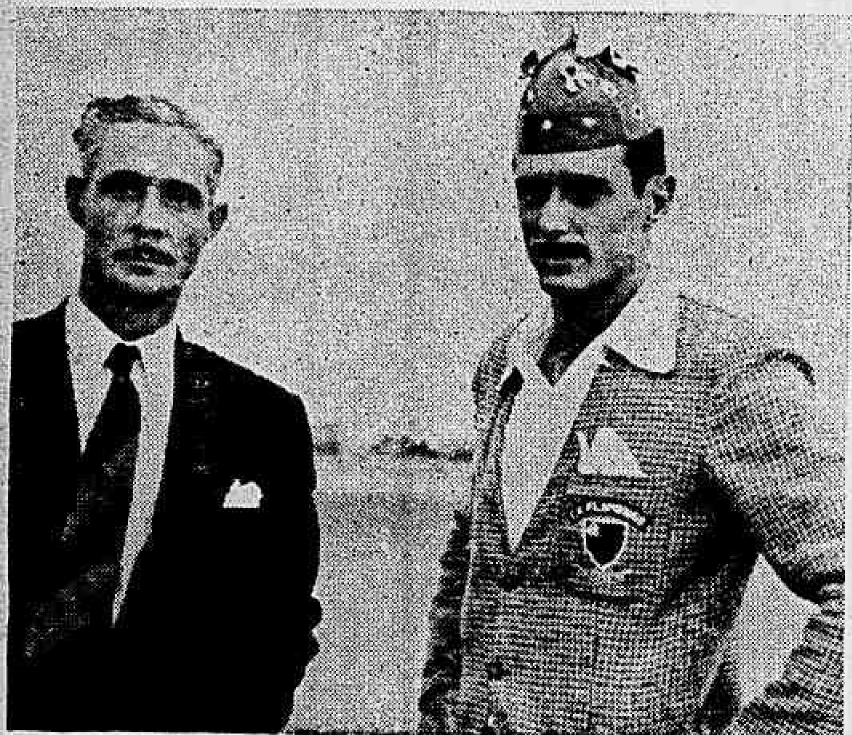




A FIM DE completar nosso trabalho rumamos para a residência do médio Walter, onde fizemos esta fotografia.

GARCIA, um dos milagres de Flávio, lia àvidamente as notícias sôbre a volta dos invictos da Europa...

BIGUÁ, outro milagre de recuperação, em companhia de sua noiva, sorri, satisfeito pela sua popularidade.



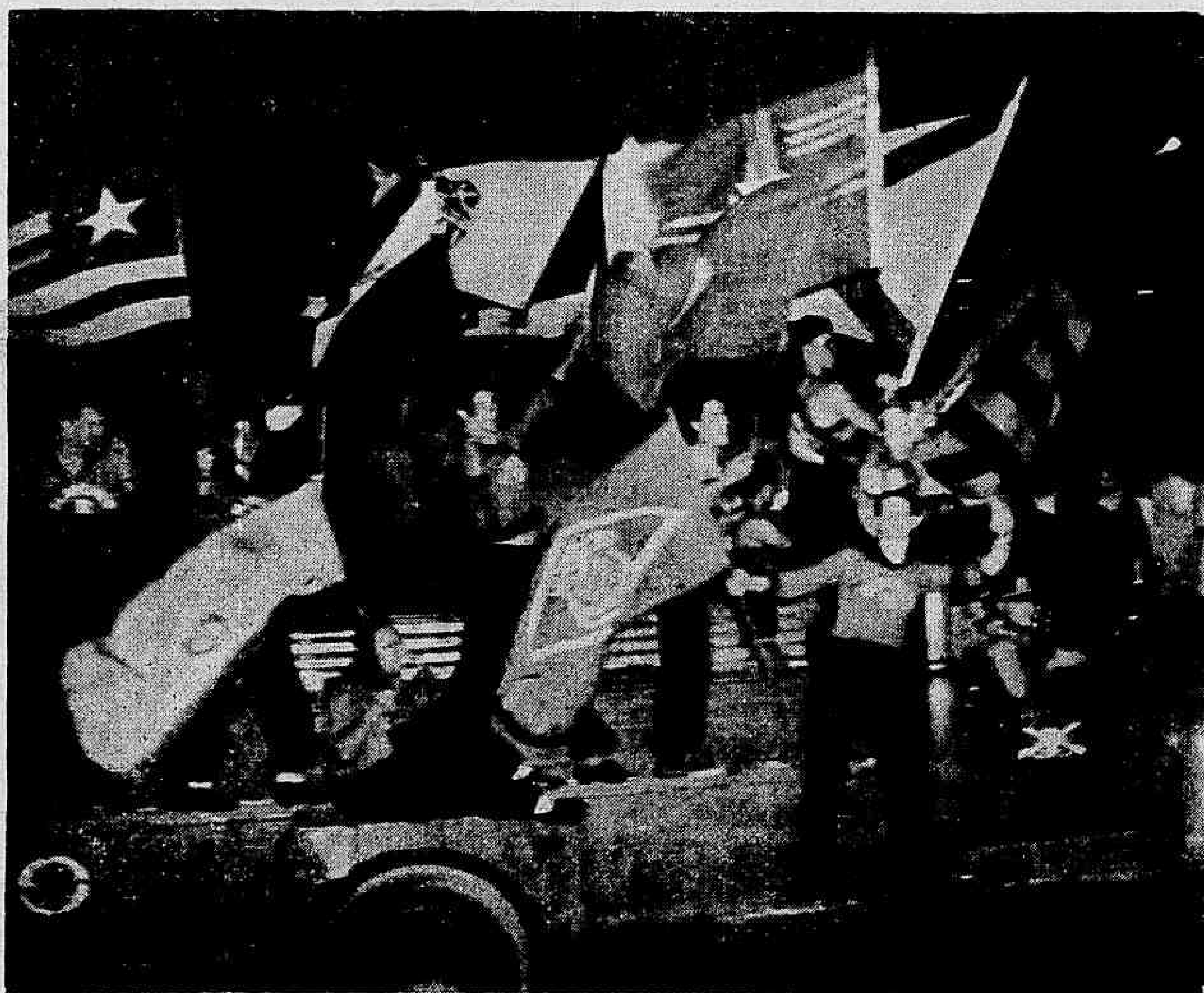




PAVÃO em companhia de seu pai, sr. Cortez, logo depois do desembarque no Galeão, ainda com o gôrro português.

ALOÍSIO, WALTER E BIGODE, três dos invictos da Europa. Quanto a Bigode pode se dizer que se tornou numismata.

ENQUANTO UNS se desembaraçavam de suas obrigações para com a Alfândega, outros ouviam a palavra de Flávio.



CAMINHÕES-CHOQUES do Exército foram postos à disposição do Flamengo para carregar atletas e jornalistas. Os primeiros o povo respeitou, mas os segundos não. Na hora da partida havia mais jornalistas que povo, sr. Moreira!

gritos de "Flamengo! Flamengo!" o préstito ganhava a Cinelândia, interrompendo o tráfego por onde passava. A charanga *assassinava* o hino rubro-negro e a batalha de foguetes teve então início. Nas sacadas das repartições públicas e dos edifícios por onde passávamos, assomavam às janelas dezenas senão centenas de pessoas que vinham juntar o seu grito de "Flamengo! Flamengo!" aos berros de "Sarve os invicto", que alguém gritava num dos carros. Depois de atravessar a rua México e ganhar a Avenida Rio Branco, sempre sob os aplausos dos flamengos e não flamengos, quando atravessávamos a rua Bittencourt da Silva, um altofalante tocou o hino do clube a que se saudava e o povo que acompanhava o trajeto triunfal prorrompeu aos gritos de "campeão de terra e mar". Ao nosso lado, um senhor de idade, com a perna envôlta em gase, que havia pedido ao guarda na hora da saída "pelo amor de Deus me deixe aqui", sorria um sorriso de satisfação e se juntava aos mais novos:

— Flamengo! Flamengo!

Se o que passava, no carro ou a pé não respondia à saudação, êle e os outros gritavam:

— — "Tu é vascaino. Tá maguado! Uh!"

A rivalidade entre os dois grandes quadros de futebol estava ali no seio do povo, nos dichotes que uns dirigiam aos outros, nos acicates mordazes que se manifestavam a cada instante. Um espetáculo circense-futebolístico.

Um municiador, de bicicleta, ia distribuindo foguetes à multidão advertindo:

— Cuidado com as árvores! Guardem para a chegada!

Ao nosso lado, um colega disse:

— Vou guardar um para soltar em cima do Moreira Sales, que nos arranjou esta droga dêste carro.

Quando entrávamos na Av. Brasil passou o carro onde se encontrava o Estado-Maior rubro-negro,



ESQUERDINHA, o que aprendeu a chutar para dentro dos quatro paus. Aqui, no campeonato, não acertava uma.



O GARÔTO ÍNDIO, que tratava os colegas de «senhor», abraçado com Adãozinho, logo após o desembarque.



FLAVIO, FLORITA, GILBERTO CARDOSO e o neto do casal Costa, recordam episódios curiosos da jornada, enquanto Nestor, alheio a tudo, preocupa-se apenas em mitigar a sêde de sua filhinha sorrindo feliz.

com o escritor Zé Lins em primeiro plano. O povo começou a aclamá-lo:

— Zé Lins! Zé Lins!

Outros, orgulhosos, comentavam:

— Ele é do Flamengo! Um grande escritor!

Naquele momento, o cidadão esquecia-se que nunca houvera lido um romance dêle, mas só se lembrava de que era flamengo e isto justifica tudo. Cartazes alusivos, jocosos e sérios, espraiavam-se por todo o trajeto. Uns diziam: "Amar o Flamengo é amar o Brasil", outros: "Mengo, tu é o maior", sempre assinados pelo autor, um de um tal Arruda, outro do "Café deixa que eu chuto" e assim por diante.

Enquanto o cortejo prosseguia, mulheres assomavam à porta e vinham juntar o seu grito de guerra aos da caravana vitoriosa. Crianças pulavam como se fôsse o fim da guerra na Coréia; o velhinho enfêrmo, ao nosso lado, continuava sorrindo:

— Os vascaino deve "tá" cum inveja. Inda mais cum o exército na frente. Briga cum exército. Ah! Ah!

Um companheiro, visivelmente aborrecido, comentou ao nosso ouvido:

— Perdoai-o Senhor que êle não sabe o que diz!

Depois descobrimos que o homem é vascaino. Estava tudo explicado — mágoas recíprocas.

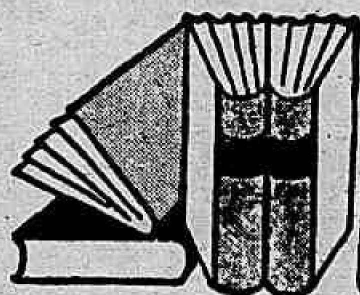
Quando o carro das famílias dos jogadores se adiantou, já na ponte da ilha do Governador, e passou pelo nosso, notamos o ambiente de eufórica alegria que tresandava ali. Era justo, iam ser mitigadas as saudades de quase dois meses...

A CHEGADA DOS JOGADORES

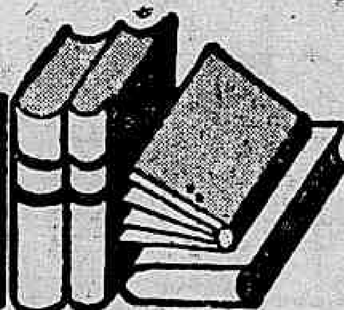
Ao chegar, verificamos que já o aeroporto estava repleto de pessoas que esperavam, independentes do cortejo, a chegada dos jogadores. Alguém dizia que já haviam chegado. Outros afirmavam que não, e os boatos contraditórios se cruzavam em todos os sentidos.

(Cont. na pág. 35)





SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMILIA



BERTA SINGERMAN

BERTA SINGERMAN apareceu novamente ao seu público do Rio. E' a mesma grande artista, uma dessas raras mulheres — como recordava Pascoal Carlos Magno — como a Duse, Isadora Duncan, Sarah Bernhardt, a Pavlowa, algumas outras, que trouxeram ao mundo um destino de beleza que nos deslumbraram, dando-nos a sensação de vida maravilhosa, de um instante divino. E nos fazem lamentar que não exista a imortalidade, ao menos para êsses raros sêres privilegiados e únicos.

Berta Singerman, sem perder nenhuma de suas qualidades essenciais, essas qualidades que, há cêrca de vinte anos, fazem dela um dos maiores artistas do dizer volta agora ao Rio, tendo enriquecido o seu estilo do monólogo com minúcias e refinamentos técnicos que ela adquiriu no diálogo, depois da magnífica realização de seu "Teatro de Câmera". Ela sempre fêz da arte monologal um meio superior que derrotou tôda a crítica da declamação poética, que desmentiu tôda as restrições opostas à virtuosidade do intérprete de poesia. E' que Berta Singerman não repetia, com acêrto maior ou menor, a emoção poética. Ela tornara a criar essa emoção, tirando dos tesouros de sua sensibilidade riquíssima, servida por um prodigioso instrumento vocal, elementos imprevistos, contribuições pessoais suas, transformando o incidente poético num acontecimento espetacular, tocante, miraculoso, dando, a cada poema, a sua poesia, a sua impressão, o seu sentimento do condensado lírico de cada poeta, fazendo do conteúdo e do número de cada verso uma criação nova, vazada na sua técnica apurada do ritmo, da imagem e da inspiração.

Agora, Berta Singerman apurou ainda mais, através da sua experiência do diálogo — essa capacidade criadora. Diríamos que os poemas são para ela material informe, que ela sente, com música própria e inteligência própria. Pela interpretação, como pela forma que lhes dá, os poemas passam a ter o aspecto de representação — não apenas de interpretação: conquistam, nela, tôda a sua poesia teatral, de gestos, de máscara, de palavras e de música. Adquirem, portanto, um valor que o poeta não previra, o valor de "monodramas", acima, pois, de sua condição literária e monologal.

Seus programas nos deram a impressão de espetáculos raros, de beleza inesquecível. E foram, como cada aparição da eminente artista — mais um triunfo no seu destino maravilhoso.

NOTAS LITERARIAS

EDMUNDO LYS

(Do USIS)

HÁ já algum tempo intelectuais russos, americanos e inglêses vêm trocando correspondência através de revistas literárias. Entre êles figuram Konstantim Simonov, Dimitri Shostakovich, Elya Ehrenburg, J. B. Priestley, Maurice Hindus e outros.

Em suas cartas abertas, os russos pedem aos escritores ocidentais que assinem o tão chamado "Apêlo de Estocolmo", cujas finalidades são: a proibição do uso da ameaça atômica, o estabelecimento de uma união internacional para garantir tal proibição e a acusação de crime de guerra para o govêrno que primeiro ordenar o uso da bomba atômica.

Em resposta à uma dessas cartas escreveu o escritor inglês, J. B. Priestley, que gostaria de ouvir escritores russos denunciando claramente o exército vermelho, a grande frota submarina, as fábricas de bombas e foguetes, a construção da fôrça policial na Alemanha e finalmente o amontoado de propaganda de guerra ao ocidente, feita entre centenas de milhões de pessoas que desejam sòmente viver em paz.

Respondeu Simonov dizendo que era perder tempo discutir-se estas velhas calunias. Afirmou êle que Priestley desejava apenas contra-dizer a iniciativa dos escritores russos.

Em uma carta dirigida a Konstantin Simonov, por intermédio do "Saturday Review", Maurice Hindus, que foi correspondente em Moscou durante a guerra, diz que a resposta de Simonov era um assombroso documento. Vindo êle de um diretor da Gazeta Literária de Moscou e naturalmente com grande influência sôbre o público, revelava claramente a imensa barreira que os escritores soviéticos haviam construido entre êles e os escritores ocidentais.

Maurice Hindus declara também que os escritores do ocidente absolutamente não acreditam na sinceridade dos escritores que vivem atrás da cortina de ferro em advogar a causa do Apêlo de Estocolmo", pois tal documento clama pela proibição de uma ameaça, na qual seu país está fraco, ou seja a bomba atômica. Entretanto, êle nada diz sôbre a proibição de tanques, artilharia, infantaria, etc., nos quais a Rússia é mais poderosa que tôdas as outras nações juntas. Isto não quer dizer que os ocidentais estejam contentes em possuir a bomba atômica. Pelo contrário, êles gostariam até que tal invenção nunca mais fôsse usada contra nenhuma outra nação no mundo.

Quando o escritor russo se refere ao desejo do seu povo em viver em paz, cai numa terrivel contradição, explica Maurice Hindus, pois a razão principal da imprensa soviética, atualmente, é incutir na população o espírito de guerra e ódio contra outros países, principalmente a América do Norte. Stalin declarou uma vez que para bem guerrear um inimigo, deve-se ter-lhe ódio. O que são então êstes sermões diários através do rádio e da imprensa, senão uma preparação para outra guerra?

A campanha de mentiras e difamações que os russos vêm mantendo, extende-se aos escritores Upton Sinclair e John Steinbeck. Shostakovich chegou a declarar que Upton Sinclair estava corrompendo a cultura dos norteamericanos. Maurice Hindus responde, dirigindo-se a Simonov, que por ocasião de sua estada na Rssia, pôde observar que o escritor contemporâneo estrangeiro mais popular na Rússia era Upton Sinclair. Em 1948 quando Konstantin Fadeyev estêve em New York, em "missão de paz", declarou incluia Upton Sinclair em sua lista "dos melhores escritores no mundo capitalista" que, como os outros "tornaram-se amigos da União Soviética". Agora Shostakovich amaldiçôa o escritor americano chamando-o de "lacaio da Wall Street".

Maurice Hindus dá outro exemplo da campanha de difamações da imprensa russa. Em 1945, numa conferência com Harry Hopkins no Kremlin, Stalin disse que sem o auxílio dos Estados Unidos, os aliados jamais teriam ganho a guerra. No entanto, agora os "amantes da paz" propagam aos quatro ventos que ganharam a guerra sòzinhos e que a América do Norte e Inglaterra estavam tramando uma maneira de traí-los.

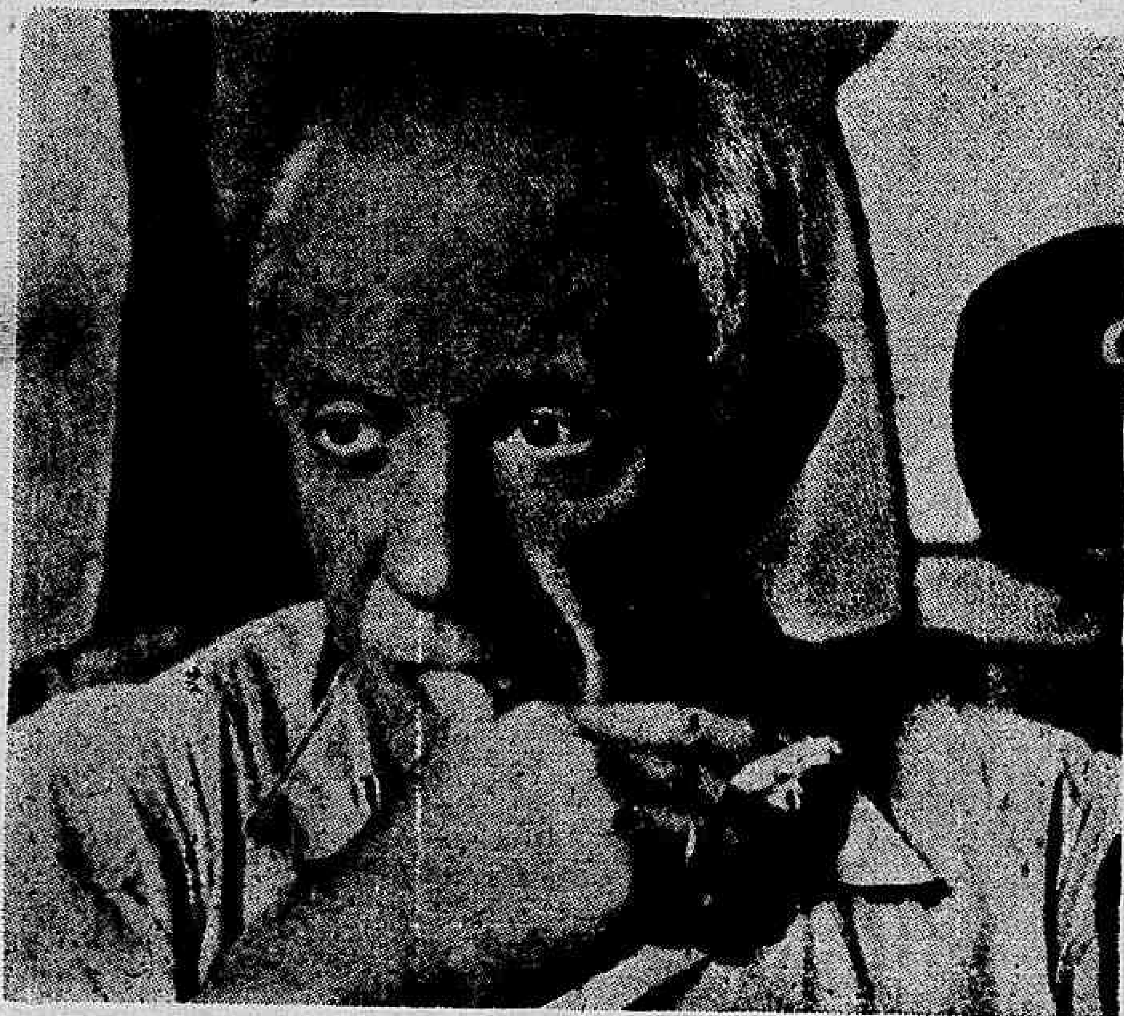
CÂNTICO A PICASSO

CHIANG SING

Ah, Pablo Ruiz Blasco Picasso!
Coração astronômico de baralho cigano.
Vibram em tua paleta rumores de côres
cósmicas, há em teu pincel
fermentação metálica
de uma nova estética.

Na polpa clara de tuas telas,
vivem silêncios de chama sufocada,
fadiga, neuroses e tormentas,
ânsias de eterno limitado
humanizado a golpe de séculos!
Velhas iras galopam teus dedos
quando pintas paisagens da Espanha.
Tua terra põe-se de pé
para não se afogar em teu gênio.
Na treva recém-cortada,
doem traços luminosos:
são croquis cauterizados
na fonte da tua idéia...

A convulsão ibérica do teu sangue
Despertou as ondinas do Sena.
Montando caracóis congelados
com asas de espuma, penetram
teu ser como rosas de éter,
ó triturador de romantismos,
pai de sonhos novos,
pintor de olhos elétricos,
bruxo inquieto que lê naipes de luz
no atelier do destino!



PICASSO

Fora do Prelo

HISTÓRIA ECONÔMICA E ADMINISTRATIVA DO BRASIL — R. Haddock Lobo — Edições Melhoramentos - São Paulo

No há dúvida de que o ensino da história deve ser da maneira que a compreensão dos fatos do passado auxilie a compreensão dos fatos do presente.

Daí a excelente orientação adotada pelo professor R. Haddock Lobo ao planejar e escrever a «História Econômica e Administrativa do Brasil», agora em nova tiragem das Edições Melhoramentos. Obra utilíssima às escolas de comércio e administração e aos cursos técnicos em geral, divide-se nos capítulos: As grandes navegações e a viagem de Cabral; A colônia, 1a. e 2a. fase; Emancipação econômica e política; O primeiro reinado e a regência; O Império; A República; O futuro; Capítulos I, II, III da Constituição Federal; Quadros estatísticos do Comércio Exterior e da Produção Econômica do Brasil.

★

OSVALDO CRUZ — Renato Sênêca Fleury — Edições Melhoramentos — São Paulo

Cento e vinte e nove das mais importantes cidades do mundo concorreram ao Congresso Internacional de Higiene e Demografia, efetuado em Berlim, no ano de 1907, com exposição anexa. O Rio de Janeiro também se fêz representar, através da descrição da campanha sanitária que empreendera Osvaldo Cruz.

Pois o prêmio, de repercussão universal, prêmio que jamais fôra concedido a concorrentes estrangeiros, êsse prêmio... coube ao Rio de Janeiro!

Êste e outros empolgantes momentos estão na biografia, aliás muito bem ilustrada por Seth, «Osvaldo Cruz», que as Edições Melhoramentos fizeram, escrita pelo professor Renato Sêneca Fleury. E' obra que esclarece, orienta e dá motivo ao mais justo orgulho dos brasileiros pelo gênio e pela dedicação do extraordinário cientista.

★

A MARAVILHOSA HISTÓRIA DO TITI — Glória Regi — Edições Melhoramentos — S. Paulo.

No intuito de incentivar autores novos, promoveram as Edições Melhoramentos, há pouco tempo, um Concurso entre originais inéditos de literatura infanto-juvenil. Foi muito expressivo o número de concorrentes, assim como a atitude assumida pela prestigiosa editôra perante os resultados: a fim de não deixar de galardoar todos os participantes que se destacaram, criou dois prêmios extraordinários. Já haviam sido publicados «O Espantalho que viveu», «Eu, Serafim e o Zeca», «Quando os taquarais florescem...», Agora, surge-nos mais um dos volumes classificados no referido certame: «A Maravilhosa História do Titi». E' a descrição, pelo científico, meio imaginário dum tico-tico travêsso, que realiza coisas capazes de cativar a simpatia da mais sossegada criança. A autora, Glória Régi, soube manejar bem os elementos das aventuras, fazendo o consórcio inteligente da parte instrutiva com a parte recreativa. Ilustradas por J. G. Villin, as páginas de «A maravilhosa história do Titi» certamente vão atrair as atenções da meninada e — não nos envergonhemos — da alegria inocente... — dos adultos que gostem de leituras amenas.

★

SOCIOLOGIA EDUCACIONAL — Fernando de Azevedo — Edições Melhoramentos — S. Paulo.

Ainda estão os críticos falando, com amplos louvores, dos «Princípios de Sociologia», em nova edição, do professor Fernando de Azevedo, e do mesmo autor aparece, em 2a. tiragem, também das Edições Melhoramentos, a «Sociologia Educacional».

Não é comum, entre nós, o estudo desta matéria, quanto à atenção que lhe deixam de consagrar, em livro, os seus cultores. A despeito disso, porém, é grande o número de interessados, já pela constante formação de professôres, já pelo fato de abranger pontos ligados a outras disciplinas.

Em «Sociologia Educacional» Fernando de Azevedo põe em foco problemas e soluções, definindo e discorrendo, sempre com raciocínio lógico e estilo fluente. Como panorama da obra, apresentada em volume elegante, oferecemos os títulos dos capítulos gerais: O que é Sociologia e o que é Sociologia Educacional; A educação, fenômeno social: o individual e o social; a coesão social e a tradição; A integração do indivíduo no grupo; a natureza sociológica do fenômeno de educação; A educação, um processo social geral; a educação nas sociedades primitivas; as origens e a evolução da escola: a família e a educação; o grupo profissional pedagógico; Escola, uma instituição social; A rotina na educação, formadores e reformadores; A educação e o progresso; Os sistemas escolares: os educativos e os sociais gerais; a educação e as classes sociais; A complexidade e a crise em educação; a organização dos sistemas escolares; Os problemas sociais pedagógicos: as cidades e os campos e os problemas de educação; O Estado e a educação; Política e educação; O problema dos fins em educação; A escola. o patriotismo e a unidade nacional; A opinião pública e a educação.

Pelo índice, aliás resumido, que acabamos de mencionar, vê-se que «Sociologia Educacional», de Fernando de Azevedo, é trabalho de pensador e de pedagogo, de sociólogo e de erudito, muito bem caracterizado na fartura extraordinária da bibliografia constante do volume.

★

HAENDEL NA CÔRTE DE REIS — Opal Wheeler — Edições Melhoramentos - S. Paulo

«Nas páginas seguintes, amiguinho leitor, você encontrará mais algumas belas composições de Haendel: deliciosos minuetos, gavotas e sonatinas, que você certamente terá gôsto em executar. Você se divertirá também exercitando mais algumas das harmoniosas melodias da «Música aquática». Estou certo disso, pois jamais alguém se cansa de ouvir a gloriosa música de Haendel!»

Assim escreve, quase ao findar do livro «Haendel na Côrte de Reis» o autor, Opal Wheeler, livro êsse traduzido por Enéias Camargo, ilustrado por Mary Greenwalt e trabalho gráfico de luxo das Edições Melhoramentos.

Mas, não apenas os executantes sentirão alegria com a leitura da obra: não é técnica, nem árida como as severas especializações. Bem ao oposto, é um desfilar de impressões, fatos, júbilos e melancolias dúvidas e certezas, lutas e, por fim a vitória do gênio, constituindo, portanto, uma atração para todo gênero de leitores. Naturalmente, tal atração deverá ser maior para os apreciadores de música e os colecionadores de biografias. Entretanto, «Haendel na Côrte de Reis» honra a galeria que a Melhoramentos vem publicando, com Beethoven, Bach, Mozart e Schubert, estando para breve anunciada «Joseph Haydn, o camponesinho alegre».

O LIVTRO ILUSTRADO



Uma das ilustrações de Farnese para o livro de contos «Mural», de Saldanha Coelho, que acaba de aparecer, em edição da «Revista Branca», ilustrado por Farnese e Darcy Penteado.

MÊDO

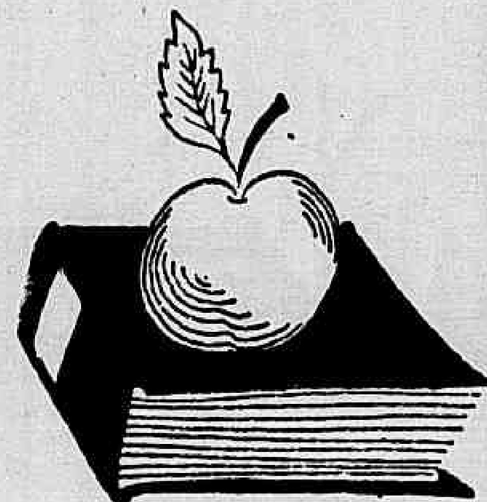
(Nidoval Reis)

Para Edmundo Lys

Venho de longe.
Há mistério indecifráveis
nos meus olhos.
Minhas mãos — vejam bem —
estão manchadas pelo sangue
dos horrendos crimes
que sonho praticar.

Que importa o martírio de uma [cela,
longe da luz do sol,
longe do mundo,
se a vida em liberdade nada [mais é
que um presídio insuportável.

Temo sòmente
que entre centenas de detentos
eu me perca, para sempre,
no anonimato, tristíssimo, dos [números!...



NOTÍCIAS DE S. PAULO

Na Galeria Domus, inaugurou-se a belíssima exposição de Milton Dacosta, uma das mais uniformes dêstes últimos tempos. Sôbre êste jovem pintor, assim se manifestou há alguns anos o crítico carioca Mário Pedrosa: "Nêsse país de artistas românticos, eis um pintor clássico, e clássico sem pedantismo, sem intencionalidade estética, embora não sem drama. E' o mais anti-barroco de nossos artistas. Nêsse ponto é pouco brasileiro. Êsse caçula de Picasso, é cada vez mais atraído pela solidez das formas italianas. Os choques de direção, sobretudo os verticais e horizontais, constituem o arcabouço de suas telas. Suas figuras são sempre colocadas ao centro do eixo vertical, mesmo quando pende para um lado ou desvia-se num sentido quase diagonal. Êle as retraça limidamente sôbre fundos homogêneos, um azul de sabor renascentista, dois tons ferrosos e um cinza. E' um rigoroso desenhista de formas fechadas".

★

Causou grande sensação "The American National Ballet Theatre", atualmente em rodízio pela América do Sul. Contando com um grupo bastante homogêneo de bailarinos, êste "ballet" alcançou bastante sucesso, inicialmente ao encenar o célebre "Rodeo", de Aaron Coland.

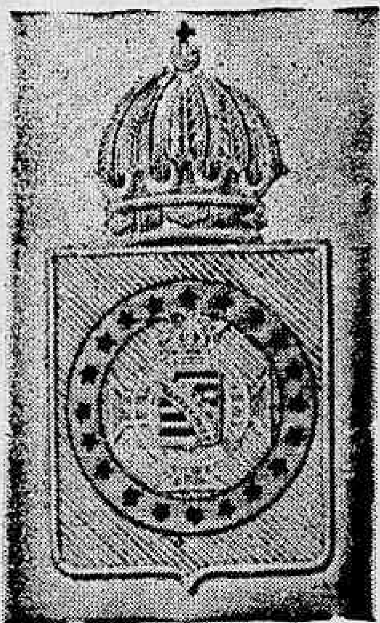
★

Três escritores de São Paulo fôram premiados recentemente pela Academia Brasileira de Letras. Suzana de Campos recebeu o prêmio de poesia. Paulo Dantas, autor de "Cidade Enfêrma", recebeu o prêmio de romance. E Almeida Fischer, o contista d'"O Homem de Duas Cabeças", merecidamente recebeu o prêmio Afonso Arinos.

HISTÓRIA - I

OS PRINCIPES DA CASA DE SAXE E A NOSSA MARINHA DE GUERRA

CLADO RIBEIRO LESSA



ARMAS dos principes de Saxe-Coburgo e Bragança usadas pelos principes D. Pedro e D. Augusto, filhos de D. Leopoldina.

A familia soberana de Saxe, não obstante apenas no século passado haver adquirido projeção mundial em virtude de alianças matrimoniais e outras circunstâncias, que deram a um dos seus ramos, o de Coburgo - Gotha, a varonia de quatro casas reinantes européias, é uma das de nobreza mais antiga do velho continente.

Sem buscarmos origens mais remotas em Witikind, chefe dos saxões, envoltas nas brumas de tempos de escassa documentação, ricos em lendas e pobres de fatos preciosos, podemos com segurança datar o inicio dessa augusta familia de Theodorico (Thierri) da tribo germânica dos Buzici, falecido pelos anos de 982 da nossa era, pai do Conde Dedon, o qual, valendo-se das desinteligências entre o imperador Othon II e do duque Henrique da Baviera, invadiu a Thuringia inferior, apoderou-se da cidade de Zeitz e levou suas armas triunfantes até ao Saal.

Os territórios conquistados e conservados em sua descendência, se bem que não por sucessão hereditária, mas por investiduras especiais sucessivas dos imperadores da Alemanha, que se conformaram com o fato consumado, passaram a formar a marca (Markgraviat) ou provincia fronteiriça de Misnia (Meissen), constituida definitivamente em feudo hereditário a partir de Conrado o Grande, nascido em 1098 e falecido em 1157, que foi casado com Luitgarda, filha do Conde de Ravestein na Suábia. A êle o imperador Lothario II, seu primo, investiu do margraviado; reuniu aos seus estados, por heranças e novas investiduras, o burgraviado de Zoerbig, o condado de Eilenburg, a superintendência do gau de Suisili, o condado de Brena, os distritos de Budissin, Nisani e o condado de Rochlitz. Foi um grande senhor, pio, justiceiro, grande protetor da Igreja, fundador e enriquecedor de numerosos mosteiros e templos. Partilhou seus dominios pelos cinco filhos varões, cabendo a Othon, cognominado *o Rico*, o margraviado ou marquesado de Misnia; a Theodorico, o da Lusacia; a Dedon, *O Gordo*, os condados de Rochlitz e Groitsch; a Henrique, o condado de Wettin; e, finalmente, a Frederico I, o de Brena.

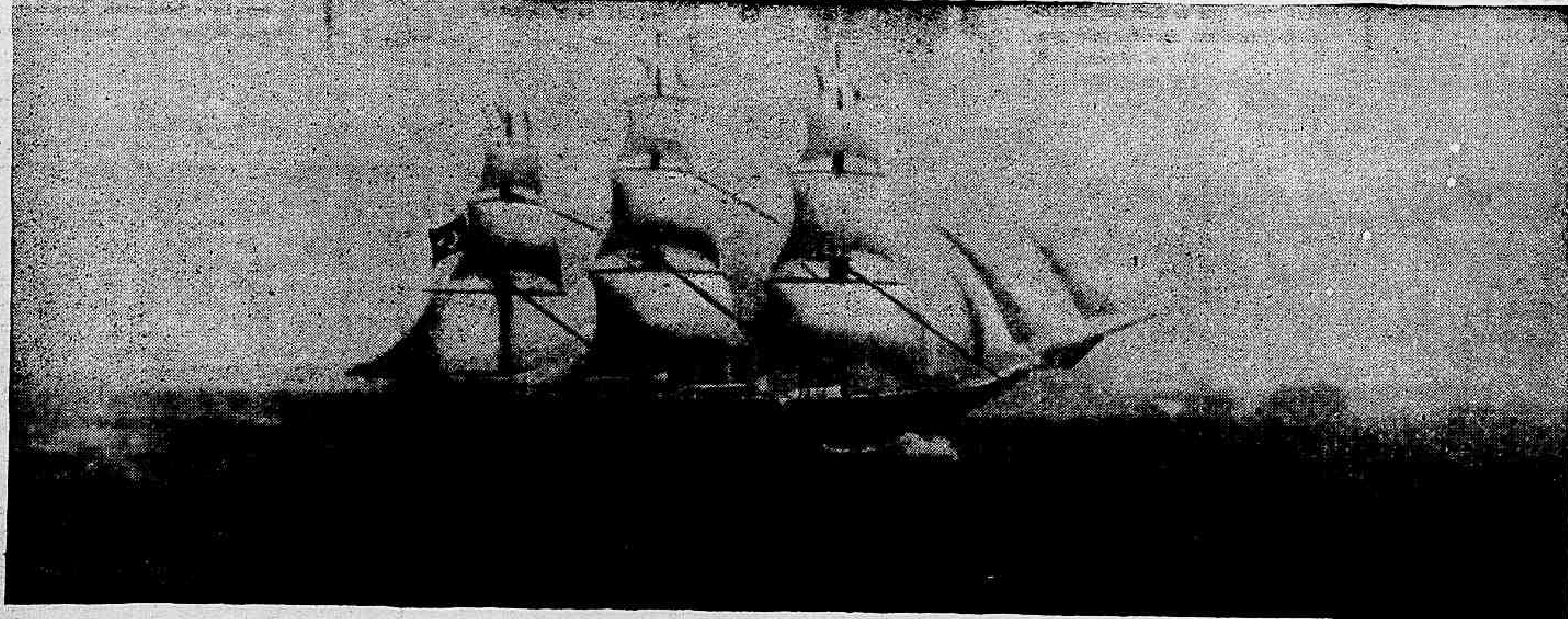
O principio da divisão dos apanágios, vigorante entre os descendentes de Conrado o Grande, apanágios êsses que, em virtude de alianças matrimoniais e sucessões colaterais, ora se fundiam, ora se desdobravam novamente, já com novas linhas divisórias, torna impossivel resumir em poucas palavras a história dos dominios da casa de Saxe, e explicar como se formaram seus numerosos ramos. Ao fio da nossa exposição importa apenas dizer que Frederico, cognominado *o Belicoso*, descendente em 7º grau de Othon o Rico, margrave de Misnia e langrave da Thuringia, recebeu do imperador Sigismundo a dignidade de Eleitor do Sacro Império em 1423, que transmitiu a seu filho Frederico o Brando. Êste último teve quatro filhos varões, dois dos quais (Henrique e Alexandre) falecidos sem descendência antes do pai. Sobreviveram-lhe Ernesto, fundador da linha *Ernestina*, do qual procedem a casa grã-ducal de Saxe-Weimar-Eisenach, e as três ducais de Saxe-Meiningen, Saxe-Altenburg e Saxe-Coburgo-Gotha; Alberto, mais jovem, tronco originário da casa real da Saxônia, que forneceu também alguns reis à Polônia.

O ramo Ernestino, que particularmente nos interessa, perdeu a dignidade eleitoral em 1547, na pessoa de João Frederico I, por motivo de sua adesão à reforma de Luthero, a qual passou para o seu primo Maurício, do ramo albertino. João Frederico II, filho do ex-eleitor de Saxe, obteve o território de Weimar, e fixou residência em Gotha, enquanto o irmão João Guilherme, com o qual partilhara seus dominios, fazia aquisição do ducado de Coburgo.

A descendência de João Frederico II se extinguiu em 1596, na pessoa de um seu neto, morto na puericia, passando a herança para os descendentes de João Guilherme. Frederico Guilherme (d'Altenburg) filho dêste último, foi o tronco dos duques de Saxe-Altenburg, linha extinta em 1672, na pessoa do neto Frederico Guilherme III. Um irmão mais novo dêste, João, nascido em 1570, e casado com Dorothea Maria, princesa de Anhalt, foi duque de Weimar. Teve 10 filhos, dos quais o de nome Guilherme herdou o ducado (posteriormente grão-ducado) de Weimar; Alberto, o de Eisenach; e Ernesto, o Pio, o ducado de Gotha. Êste último constitui o tronco das três casas ducais de Saxe-Meiningen, Saxe-Altenburg, e Saxe-Coburgo-Saalfeld-Gotha.

Em tempos mais próximos de nós, vemos o duque Francisco, falecido em 1806, trineto de Ernesto o Pio, duque de Saxe-Coburgo-Saalfeld, dando origem a várias casas reais da Europa. Seu filho Ernesto I, duque de Saxe-Coburgo-Saalfeld, sucedeu a seu pai em 1806 nos ducados de Coburgo e Saalfeld, aos quais acrescentou em 1826 o de Gotha. Êste foi o pai de Ernesto II, duque reinante de Saxe-Coburgo-Saalfeld, falecido sem descendência e de Alberto, que desposou a rainha Victoria da Inglaterra, sua prima, constituindo a varonia da casa reinante atual da Inglaterra. O segundo filho varão de Francisco, Fernando, casou-se com Maria Antonieta Gabriela, filha de Francisco José, Principe de Kohary, senhor de grandes apanágios na Hungria. No genro do principe de Kohary, que se converteu ao catolicismo, o imperador Francisco I da Austria confirmou, por nova investidura, o monumental patrimônio dos Kohary. Maria Luiza Victoria, também filha do duque Francisco, casou-se com Eduardo, duque de Kent, e irmão de Jorge IV da Inglaterra, e foi mãe da rainha Victoria. Finalmente, o último filho do duque Francisco, Leopoldo, que se casara em primeiras núpcias com a princesa Carlota-Augusta, filha e herdeira de Jorge IV, da qual enviuvou em vida do sôgro, foi eleito rei dos Belgas a 4 de junho de 1831, casando-se em segundas núpcias com a princesa Luiza Maria Thereza Carlota Izabel, filha de Luiz Philippe I, rei dos Franceses. Constituiu o tronco da casa reinante da Bélgica.

Dos filhos de Fernando e da princesa de Kohary o mais velho, também Fernando, desposou a rainha D. Maria II de Portugal, tornando-se rei-con-



NAVIO INTEIRAMENTE construido no Brasil, no qual o principe D. Augusto Leopoldo de Saxe-Coburgo e Bragança realizou sua última viagem sob o pavilhão brasileiro. Esta foto foi colhida de um quadro existente no Museu Histórico do Rio de Janeiro, onde há numerosos documentos do Brasil dos velhos tempos.

sorte com o nome de D. Fernando II, e fornecendo a varonia da Casa Real Portuguêsa, cujo último representante foi o rei D. Manoel II, deposto em 1910. O segundo, Augusto, general ao serviço do reino de Saxe, casou-se a 20 de abril de 1843 com a princesa Clementina d'Orleans, filha do rei Luiz-Phillipe. O terceiro rebento, uma filha, de nome Victoria, casou-se com Luiz, duque de Nemours, também filho do rei dos Franceses. Foi a mãe do Conde d'Eu, Luiz Fernando Maria Gastão d'Orleans, casado com a Princesa Imperial do Brasil, D. Izabel, e de Fernando, duque d'Alençon, que se casou com Sophia, duquesa de Baviera, irmã da imperatriz Elisabeth da Austria e de Maria, última rainha de Nápoles e Duas Sicilias.

De Augusto de Saxe e da princesa Clementina foram filhos, entre outros, Luiz, Augusto, Maria, Eudes, duque de Saxe-Coburgo-Gotha, nascido no castelo d'Eu, na Normandia, a 9 de outubro de 1845, e que desposou a 15 de dezembro de 1864 a princesa D. Leopoldina Thereza Francisca Carolina, segunda filha dos imperadores do Brasil; e Ferdinando, a princípio principe da Bulgaria, estado vassalo da Sublime Porta, e depois de 1908 Czar independente dessa nação, tronco de sua casa reinante, cujo último representante, ainda menor, foi o seu neto Simeão II, deposto por um plebiscito republicano-comunista em 1946.

Em resumo, do duque Francisco, falecido em 1806, procederam chefes e varonias de cinco casas reinantes: a de Saxe-Coburgo-Gotha, na descendência de Ernesto I; a varonia da casa de Windsor, detentora do trono da Grã-Bretanha, também na descendência de Ernesto I, por via de seu segundo filho Alberto; a varonia da Casa Real Portuguêsa, na descendência de Fernando e da Princesa de Kohary, por intermédio de D. Fernando II; a Casa Real da Bulgária, também na descendência de Ferdinando e de seu filho Augusto, pai do Czar Ferdinando I; e, finalmente, a Casa Real da Bélgica, na descendência de Leopoldo I.

Esta a vetusta linhagem de S. A. R. o Sr. Duque de Saxe, espôso da segunda filha de SS. MM. os Imperadores do Brasil. O duque de Saxe era oficial de Marinha, 2º tenente ao serviço da Austria, enquanto que o conde d'Eu, seu primo-irmão por ambos os lados, alcançara em Marrocos, combatendo sob a bandeira espanhola, os galões de capitão d'artilharia. Nada mais natural do que se incorporarem às respectivas divisões das fôrças armadas da pátria adotiva, a que souberam dedicar o melhor de seus esforços e inteligência. Devido à alta gerarquia a que pertenciam receberam as patentes máximas de terra e mar, marechal e almirante, sendo êsses postos extra-quadros, porém, e sem ônus para o tesouro. Um decreto especial conferiu aos esposos das princesas brasileiras a grã-cruz de tôdas as ordens nacionais.

Alguns meses após os seus casamentos, os dois principes, ao lado do augusto sôgro, assistiram à rendição de Estigarribia em Uruguaiana (18 de setembro de 1865) sendo condecorados com a medalha especial comemorativa dêsse fato militar. Pela mesma ocasião estiveram presentes à entrevista dos chefes de estado da Triplice Aliança e à entrega de credenciais a D. Pedro II por parte de Thornton, plenipotenciário de S. M. Britânica, que vinha reatar conosco as relações diplomáticas interrompidas em virtude da chamada Questão Christie.

O duque de Saxe era grande apreciador da caça, amante das belas artes e das coleções de objetos de arte. A que reuniu de relógios antigos foi famosa, mas acha-se hoje em dia, infelizmente, dispersa. S. A. dividia sua residência entre o Brasil e a Europa. Lá possuia, em Paris, um apartamento magnificamente montado, onde se guardava sua coleção de relógios. Na Austria residia ordinàriamente em Ebenthal, onde lhe nasceu o último filho, D. Luiz. No Rio de Janeiro sua moradia era um palacete à rua do seu nome, próxima ao paço de S. Cristóvão, hoje rua General Canabarro, onde no atual regime se veio a instalar a Escola de Artes e Oficios Wenceslau Braz. Em Petrópolis não possuia residência particular, morando com os sogros durante o verão.

Muito embora após a prematura morte de sua espôsa, motivada por uma afecção tífica (febre biliosa), e que ocorreu em Ebenthal a 7 de fevereiro de 1871, o nosso almirante fixou residência definitiva na Europa, e apenas uma ou outra vez voltasse ao Brasil, não deixava de servir com desvêlo à pátria adotiva, particularmente nas ques-

(Cont. na pág. 54)



A PRINCESA D. Carolina, arqui-duquesa d'Austria, Grã-Duquesa de Toscana, espôsa do principe D. Augusto.



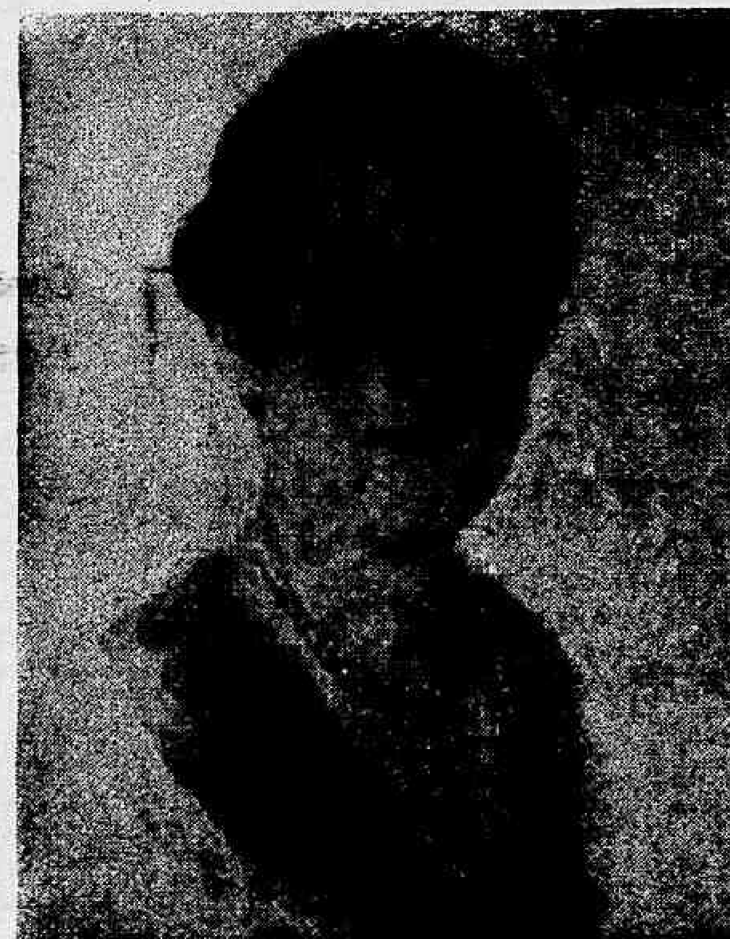
O PRÍNCIPE D. Augusto Leopoldo de Saxe-Coburgo e Bragança, numa de suas fotografias da maturidade.



OS IMPERADORES do Brasil, D. Pedro II e D. Teresa Cristina, tendo ao centro o neto D. Pedro Augusto de Saxe.



D. LEOPOLDINA segurando seu filho D. Augusto. Sentada, D. Isabel, com o sobrinho D. Pedro Augusto, ao colo.



A PRINCESA D. Teresa, única entre os descendentes dos duques de Saxe a conservar a nacionalidade brasileira.



O BARAO Lanoval Alexandre de Taxis, da Casa de Thurn e Taxis, espôso da princesa D. Teresa Cristina Maria.

A Gilda

QUE o capitão era esquisito isso era. Quando falava trazia os olhos sempre voltados para o chão. Pouco falava; o tédio consumia-o. Tinha idéias singulares; via sempre um maluco em quase todos os soldados. A gente perguntava: "E aquêle, capitão?" A resposta vinha certa: "E' louco". Todavia, bem outra era a realidade; quem dava mostras de gira era êle próprio. Sim, com aquêle olhar perdido no solo e uma desconfiança dos diabos. Interessante. Na ilha quase ninguém lhe sabia o nome; chamavam-no simplesmente de — o capitão. Paisano pouca conversa queria com êle.

Mas há coisa melhor ainda; é que, por vêzes, punha-se a falar horas e horas a fio. A voz era grossa. Contudo, o comum era o mutismo, como já disse. Se ouvia ou presenciava uma tolice qualquer, gostava de sorrir; um sorriso carregado de ironia. Uma gargalhada nunca. Nenhuma expansão de alegria naquela alma. Parece que uma dor funda mantinha-a fechada. Morava no destacamento uma cachorra — a Gilda. Os soldados estimavam-na muito. Certa vez um gritou: "Gilda, mulher escandalosa". Quando punha no mundo cachorrinhos o capitão mandava afundá-los no rio de águas paradas.

★

Apareceu na ilha um tenente careca. Era dado à literatura; o nariz sempre metido nos livros. Vivia falando em filosófia indu. Para êle a areia limpa da praia era doce de leite. Na espuma branca esfacelando-se nos rochedos via o esvoaçar de veus de noiva.

— Um perfeito maluco, resmungava o capitão.

Um dia o capitão e o tenente careca tiveram um pega danado. Estavam à beira do rio de águas paradas. Aliás, não sei como demorou tanto para discutirem os dois. Tudo fôra por causa dos cachorrinhos afogados.

— E' preferível atirá-los nágua a vê-los morrer de fome quando crescidos — falou o capitão — sempre olhando para a terra.

Cheio de ardor, vermelhão, porque o sol queimava, o tenente careca gritou que não. Achava que aos homens é que cumpria alimentar os cães, vagabundos ou não. E erguendo a cabeça apontou para os lados do Presídio: "Que o diretor ponha ali bóia para todos os cães da ilha". Em tudo o tenente careca era enfático.

— Não, melhor será uma casa de pensão para todos os cachorros da ilha — disse o capitão, com o semblante a dardejar zombaria.

Depois o capitão continuou a encher o ar de ceticismo. Disse que o homem não ampara o próprio homem. Que coisa, afinal, podiam esperar os cães?

Êle e o tenente careca muito discutiram ainda.

★

O cozinheiro surgiu furioso com a faca na mão.

— Meu capitão, acusou, a Gilda levou um pedaço de carne da cozinha.

Carrancudo, o capitão respondeu: "Água quente em cima dela".

Gilda saboreou a carne perto da escada. Agora voltava à cozinha. Vinha alegre; o rabo agitava-se feito cobra presa. O cozinheiro movimentou-se rápido; despejou-lhe um caldeirão de água fervente.

A cachorra correu desesperada uivando de dor. Um cão latiu alí perto. Talvez exprimisse o seu prazer. Não sei. Há profundas incognitas não só na consciência dos homens senão também no latido dos cães.

Quando Gilda do fundo do chiqueiro já era outra; a água quente deixara-lhe marcas profundas: no lombo um vergão enorme; um ôlho ferido. Depois o ôlho se abriu e apareceu uma grande mancha côr de cinza. Por certo, a mancha empanava a visão; Deus não deu aos cães o supremo consôlo de exprimir as aflições do seu mundo íntimo.

Gilda não mais participou das alegres correrias dos cachorros naquelas assembleias ruidosas perto do mar. Já não passava de uma doente; queria ficar em casa. O que ela jamais abandonou, o que tinha por sagrado dever era acompanhar o capitão nos passeios noturnos à ilha. Seguia-o à praia, ás matas, como aquêles músicos cegos da velha Grécia, sempre levados pelos donos dos circos que lhes vasavam os olhos para que não fugissem.

O capitão nem dava por elá; sêco com os homens, era sequissimo com os animais.

Também do cozinheiro ela não se afastara. Quando êle descascava batatas, Gilda vinha deitar-se junto do enorme caldeirão. Fitava-o demoradamente. Era um modo diferente de olhar, porque a visão curta obrigava-a a entortar a cabeça.

A aproximação de Gilda, com o passar do tempo, foi permitindo ao cozinheiro observar-lhe melhor os estragos da água fervente. Antes, os dois olhos perfeitos brilhavam na cara viçosa; agora, a mancha e o vergão arruinaram o aspecto do corpo. Pouco a pouco êle se surpreendia de que ela não reagisse, nem ao menos fugisse. Sim, ela bem poderia morder-lhe a perna. Um soldado não arrebentara os miolos do outro, só porque êste o maltratara com palavras? Um prêso não retalhara a navalha um seu companheiro de prisão, atirando ao mar o corpo ainda contorcendo-se em agonia? E o que dissera depois o criminoso? Apenas que o outro lhe negara um cigarro!

Entretanto, ali estava êle bem perto da cachorra, a quem inflingira tremendo castigo só porque, com fome, ela carregara um pedaço de carne. Contudo, ela não se vingara; continuava confiando nêle.

De súbito, o cozinheiro achou impossível que Gilda não reagisse; ergueu-se, chegou-se junto dela, oferecendo a mão a um ataque. Depois, foi além; alisou-lhe o corpo. Quis mais ainda; tocou com um pau as cicatrizes, o olho cego. Provocou-a a vingar-se, a defender-se ao menos. Gilda cada vez mais se encolhia na sua humildade; cerrou os olhos, uniu a cabeça à terra num gesto de misericórdia.

O homem foi ao extremo; quis enxotá-la dalí, gritando: "Sai!" Imóvel, submissa, Gilda sumia no chão.

O cozinheiro levantou-se vencido. Algo de extraordinário sacudira-o com fôrça.

Desapareceu da ilha.

Disseram ao capitão do arrependimento do cozinheiro. O militar sorriu. Depois, voltando os olhos para o chão, disse as palavras de sempre: "E' maluco".

★

Uma tarde estava o capitão sentado à beira da praia. O mar rugia qual um touro enraivecido. Sùbitamente, apareceu no mato a cabeça de Gilda. Chegou-se bem perto do capitão encarando-o firme. O homem apanhou uma pedra; a cachorra seguiu-lhe os movimentos com o olhar.

Êle não a jogou: veio-lhe a idéia tola de que Gilda viera alí para acusá-lo. Depois viu ser bobice impressionar-se com a sua presença. De fato. Como saberia que fôra êle o autor do afogamento dos cachorrinhos? Aonde buscaria ela a palavra com que acusá-lo da maldade consumada naquêle canecão de água fervente?

Mas, em breve, o capitão assustou-se. Gilda quase encostou-lhe a cabeça ao ou-

(*Continua na pág. 50*)

Conto de **FERRICIO FABBRIS**
Ilustração de **J. RIBEIRO**





A educação do povo do Camerum retarda a Independência do país. Uma autoridade indígena apresenta reivindicações aos membros do Govêrno mandatário.

SEISCENTAS ESPÔSAS

A POLIGAMIA NO CAMERUM ★ FEITIÇARIAS E SUPERSTIÇÕES ★ APESAR DE TUDO, MELHORAM AS CONDIÇÕES ECONÔMICAS DO PAÍS.

De ANTON LONG — (Fotos IPA)

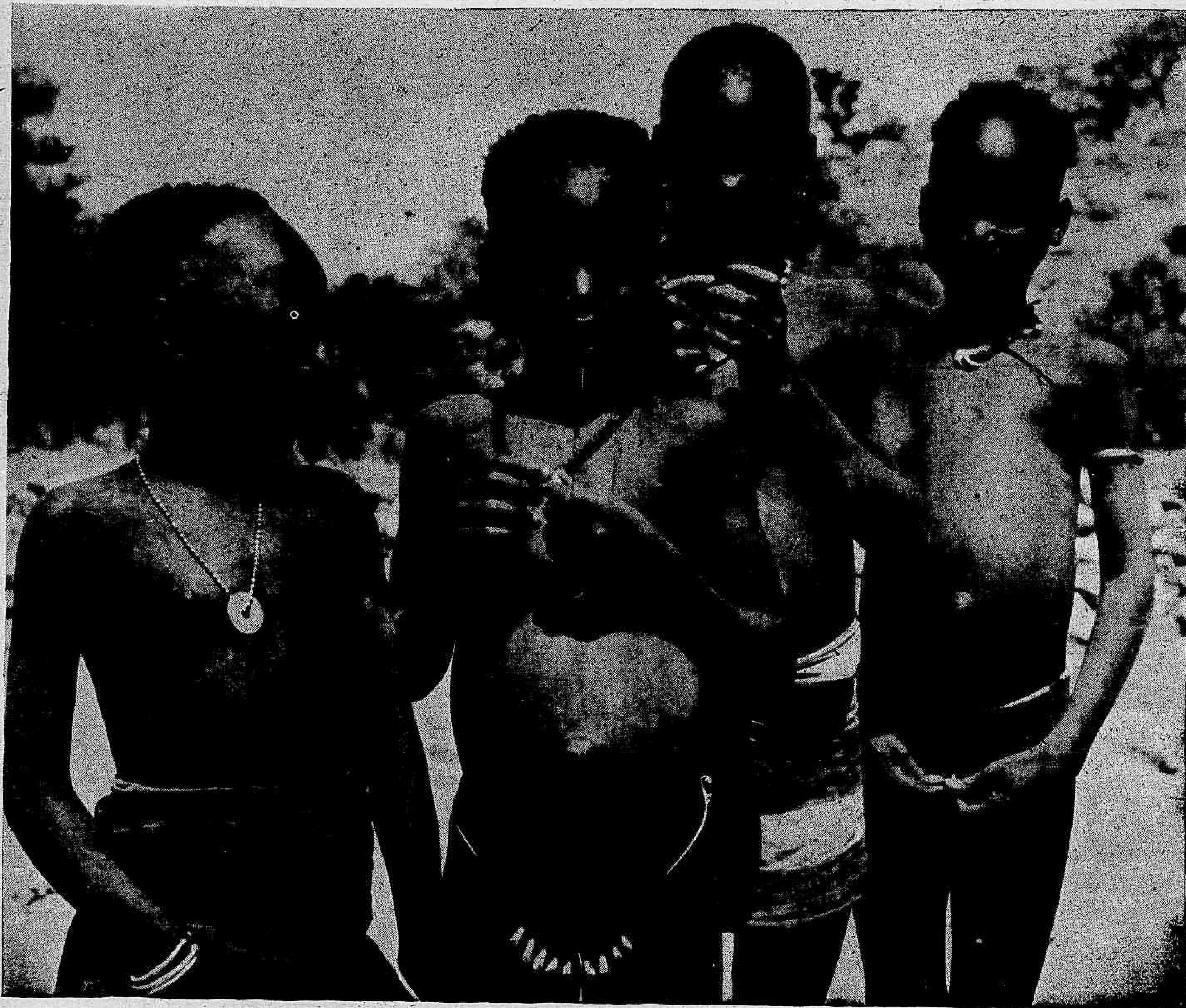
REGIÃO das mais atrasadas da África, o Camerum é hoje em dia um vasto laboratório político, onde se estuda e prepara a sua independência. Passou das mãos dos alemães, que o conquistaram em 1884, para o domínio de franceses e inglêses, como conseqüência da vitória aliada na primeira guerra mundial. Tocaram aos franceses quatro quintos de território e o quinto restante foi anexado pela Inglaterra ao território da Nigéria. O govêrno é exercido pela França e Pela Inglaterra como mandato delegado pelas Nações Unidas, pois, praticamente, existe a intenção de transformar em futuro próximo o Camerum em país livre.

E' muito difícil o trabalho que deverá ser efetuado com êsse fim. Antes de mais nada, será necessário reeducar nove milhões de habitantes negros de diferentes tribus, libertá-los das superstições e das influências fetichistas, bem como de domínio dos seus vários reis.

Apresenta-se, em primeiro lugar, o problema da poligamia, tanto mais grave quando o exemplo vem do alto, pois os numerosos reis daquela região tem centenas de mulheres, das quais se devem libertar. O rei de Bikon, por exemplo, é acusado de possuir 600 espôsas. A comissão das Nações Unidas, que estudou o problema da poligamia no Camerum, observou as dificuldades para a exibição dêsse estado de coisas e concluiu em seu relatório que nêsse território seria temerário considerar a poligamia sob o prisma ocidental.

SERVIÇO MÉDICO E EDUCATIVO

Começou-se, então, por estabelecer um bom serviço médico e educativo, no que os franceses são especialistas. Sendo o clima de



A saúde e o bem-estar das crianças, bem como dos adultos, eis a maior preocupação das autoridades governamentais da possessão francesa.

Camerum inconveniente aos europeus, formaram-se pequenas equipes de especialistas indígenas para levar a efeito esses serviços.

Antes de mais nada, formou-se o serviço dos laboratórios e dos hospitais, nos quaes podem praticar os quadros dos futuros dirigentes negros. Infelizmente, porém, essa organização acha-se ainda em estado rudimentar e será necessário um grande esfôrço para níveis técnicos e científicos.

Os maiores cuidados foram prestados ao bem estar das crianças, antes de se tratar dos adultos. Já foi decretada em várias regiões a obrigatoriedade do exame médico periódico para as crianças. Mais tarde chegará a vez dos adultos. A maior dificuldade encontrada nêsse setor foi convencer os indígenas da necessidade de se apresentarem aos médicos educados pelos brancos, pois ainda é intensa a fôrça da tradição que os leva a consultar os feiticeiros e curandeiros. Freqüentemente, o indígena que se sujeitou ao exame do médico e recebeu os remédios indicados, atira êstes fora e vai consultar o seu feiticeiro. O tratamento médico só poderá ser observado pelos indígenas que estiverem recolhidos **aos hospitais.**

OS PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO DO POVO

O governo independente de Camerum reside, exclusivamente, na solução dos proble-

(Cont. na pág. 50)



Aula culinária no Centro de Ciências Domésticas de Vitória, em fogão primitivo.



Cabana de indígenas do Camerum onde se pode verificar a miséria da população.



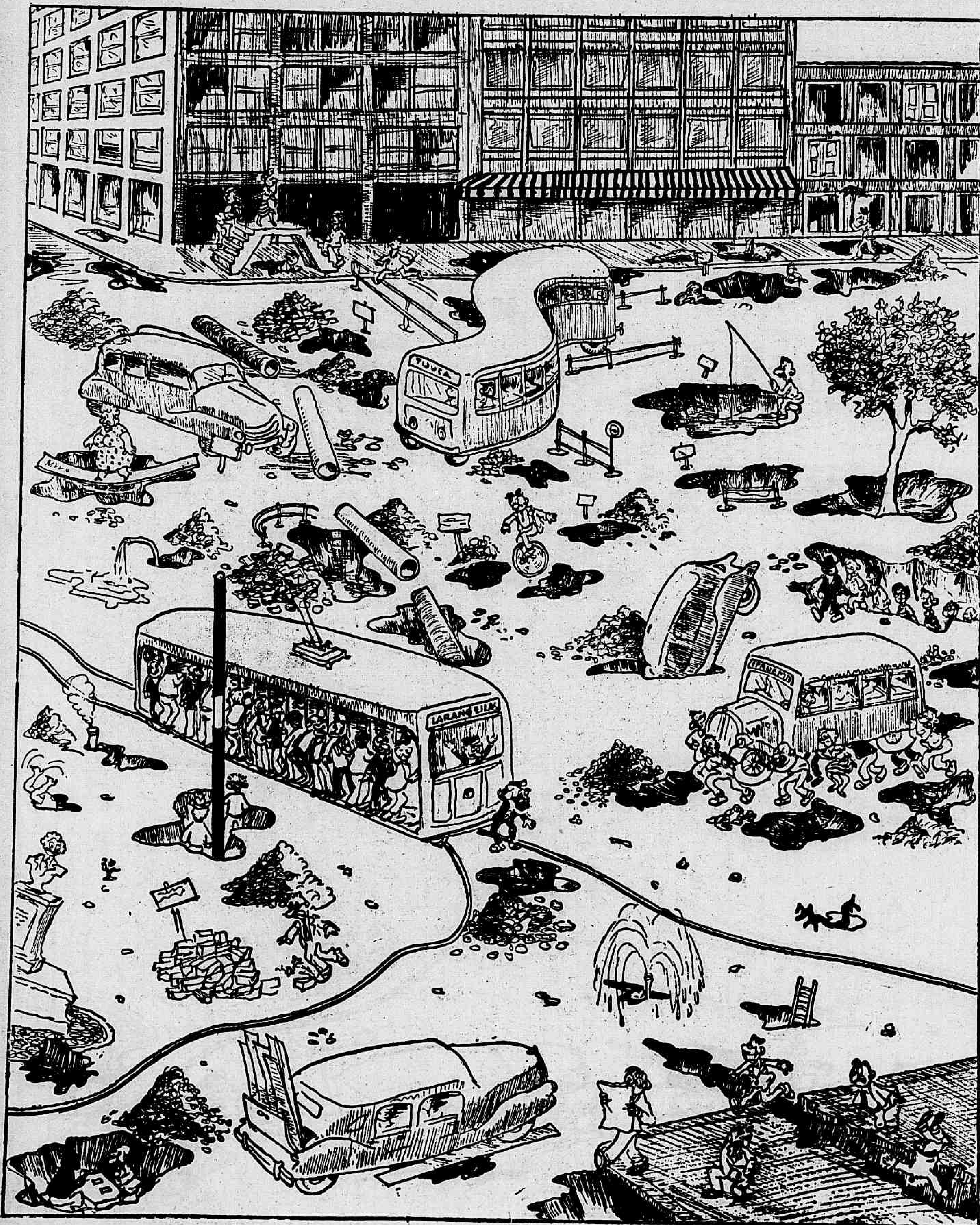
ÊSTE É O FON (rei) DE BIKON, QUE, SEGUNDO DIZEM AS MÁS LÍNGUAS, POSSUI EM SEU SERRALHO, NADA MENOS DE SEISCENTAS ESPÔSAS...

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

5 - A VIDA E' UM BURACO



Um perfume de grande classe

EMBRUJO

DE SEVILLA



EXTRATO · LOÇAO · AGUA DE COLONIA

·MYRURGIA·



EMBORA a Cinelândia seja um bairro granfino o prato do dia é muito disputado. Muitas casas o tem.



A BAIANA também tem a sua freguesia certa. A sua féria varia de 200 a 350 cruzeiros diàriamente.

A CINELÂNDIA
TEM TRÊS CARAS

DE MANHÃ, INOCÊNCIA; À TARDE, AMOR; À NOITE, PECADO ★ A TENACIDADE DE FRANCISCO SERRADOR E A INFLÊNCIA DO "CACHORRO-QUENTE" E DA "PINGA-COM-LIMÃO" NO DESENVOLVIMENTO DO BAIRRO

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

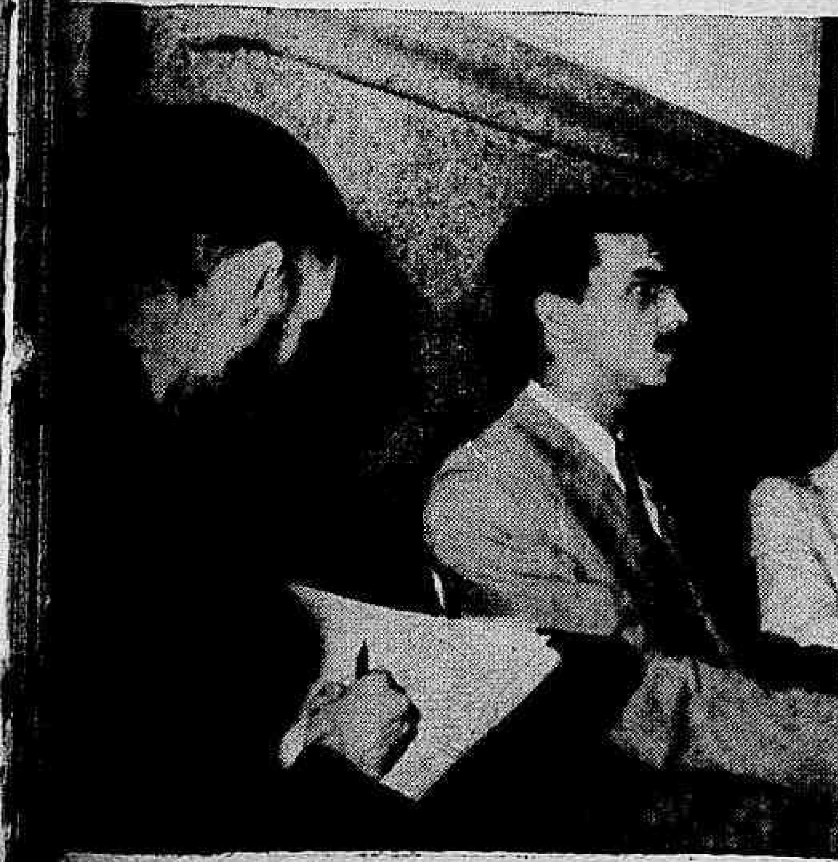
EM 1911 Francisco Serrador teve uma idéia que havia de frutificar de maneira fecunda. No recanto da Avenida que formava um ângulo reto com a rua do Passeio, via-se, já por entre uma nova cidade que nascia barulhenta e trepidante, um casarão monástico, o antigo Convento da Ajuda, cuja pedra angular fôra lançada, lá pelo ano de 1742, por Frei Antônio do Destêrro e oito anos mais tarde inaugurado às expensas do governador sr. Conde de Bobadela, por entre júbilos e luminárias.

Lá dentro, a vida tôda dedicada ao sacrifício cristão, essa vida que fecha o coração humano para o mundo, começava a ser perturbada por uma atividade constante de sons, de vozes e de músicas estranhas. Era como que uma harmonia dissonante de martelos e serrotes, de desmoronamentos que ecoavam como trovoadas, tal e qual os bombos e as baterias no jazz moderno.

A buzina dos autos principiava a fazer côro e a fumaça da gasolina já se infiltrava pelo convento, misturando-se ao perfume dos insensos.

O progresso civilizador dos homens exigia lugar mais propício e tranquilo para a prece, que precisa da quietude e dos silêncios imperturbáveis. Já em 1885 entrara a tradição em luta com a civilização. Precisava-se de mais espaço e alguns muros monásticos foram destruidos a favor da rua Senador Dantas. Agora, no entanto, passados vinte anos, já tinham tranquilidade as religiosas. A voz profana da cidade moderna misturava-se sacrilegamente com o suavíssimo rumor das orações. Por isso, resolveu a Ordem vender o imóvel. Com a renda procuraria

UM ASPECTO da Cinelândia feito na parte da manhã. As cadeiras dos bares estão vasias. As ruas



NO AMARELINHO, café dos intelectuais, os pintores fazem caricaturas. A foto foi colhida no local



A vitrine de uma casa de artigas para homens, aproveitada pelo jornaleiro para expôr a sua mercadoria.



EM CADA esquina da Cinelândia encontra-se um pintor ou caricaturista a exibir seus conhecimentos



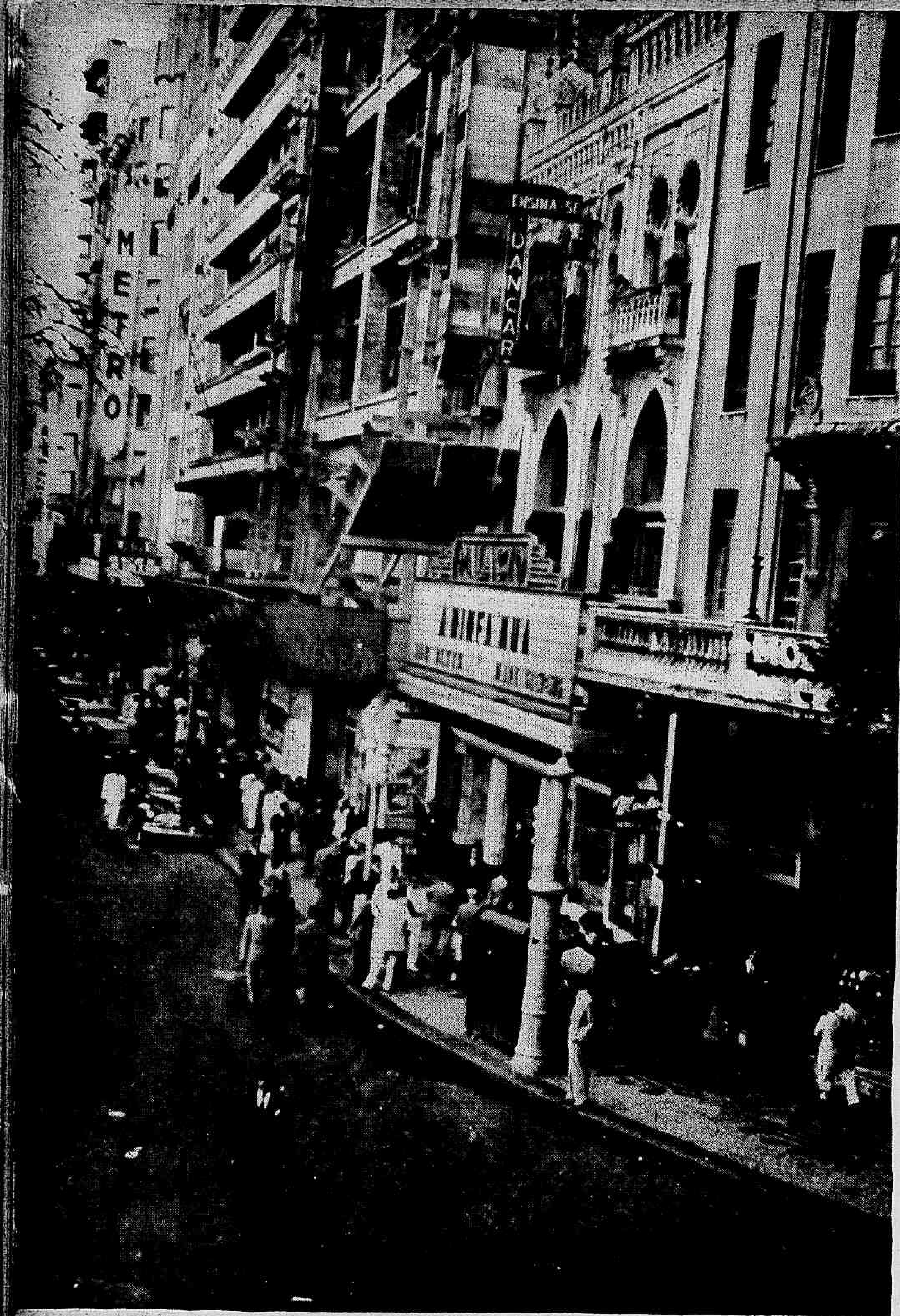
estão, pràticamente, desertas. Todavia, à tarde e à noite o movimento é colossal. Para êsse recanto converge gente que vem da zona sul, norte e subúrbios. Os treatros, os cinemas, os «dancings», os bares e salões de bilhares ficam superlotadas: E a Cinelândia passa a ter outra cara.



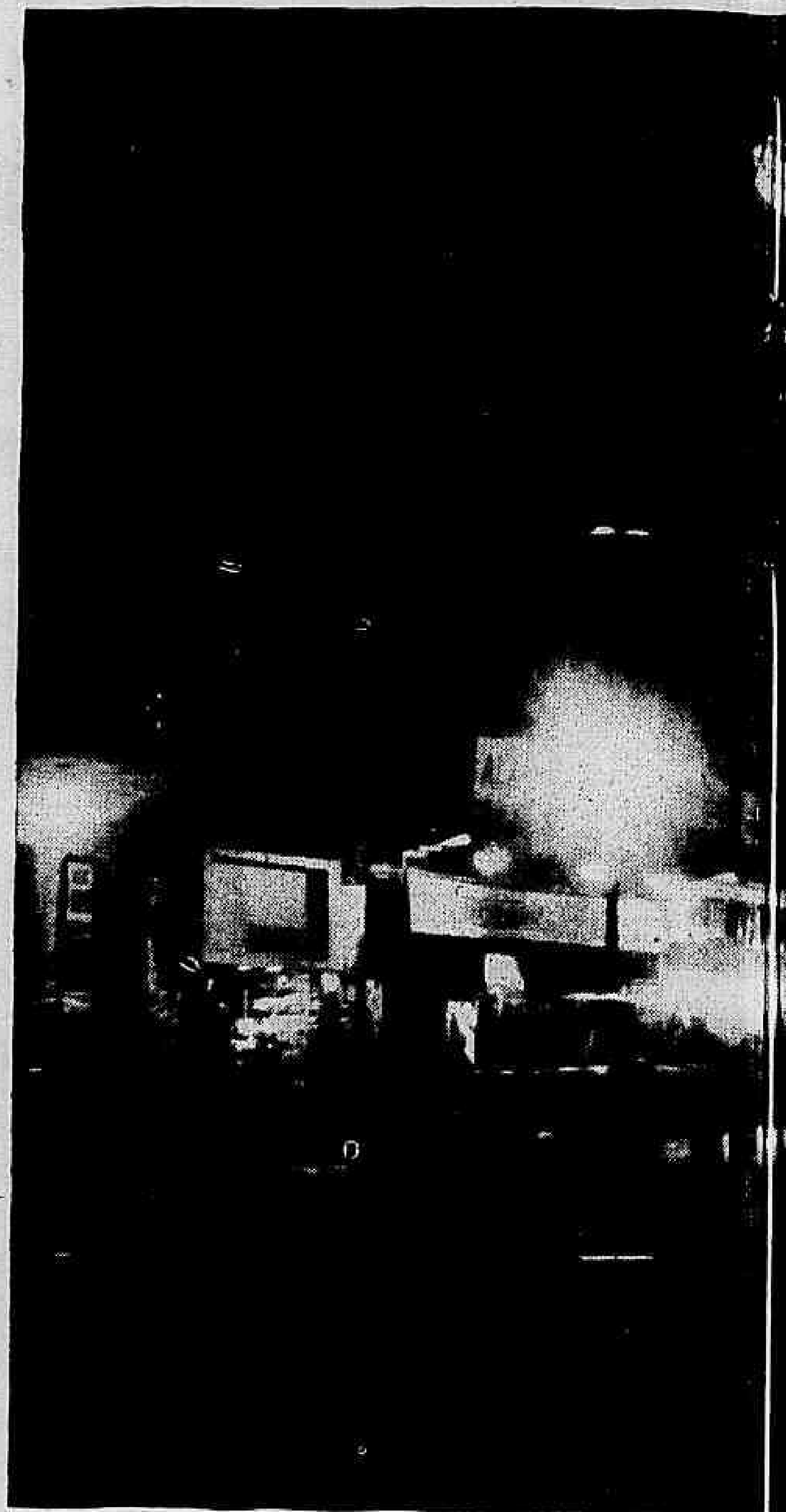
NOS SALÕES de beleza as damas fazem ao mesmo tempo, as unhas, o cabelo e tratamento de pele.

OUTRAS se detêm a ver as modas. Param em frente as vitrines e aí admiram os últimos modêlos.

A «REVISTA DA SEMANA» é encontrada em tôda parte, inclusive nos salões de beleza.



A CINELÂNDIA TEM TRÊS CARAS



A OUTRA CARA da Cinelândia. A foto foi feita às AGORA A CARA NOTURNA. Alta madrugada. As ru-brando. Uma outra classe de gente se diverte. A davia, as ruas ficam totalmente desertas. «A Bra primeira ordem, apesar da

outro recanto que pudesse restituir à comunidade a paz que ali morou quase dois séculos. Assim se fêz. Feita a operação por 1.800 contos, transferida a Ordem para o bairro da Tijuca, à rua Conde de Bonfim, até que fôsse construido o prédio conventual, em Vila Isabel, teve inicio a demolição.

★

"Durante alguns anos ficou, no entanto, aquela enorme área de terra entregue, pode-se dizer, ao abandono" — diz Gastão Pereira da Silva, no seu livro "Serrador". Ali apenas, mourejavam vadios. Era o lugar preferido pela malandragem da cidade, contrastando com a própria beleza da Avenida que,

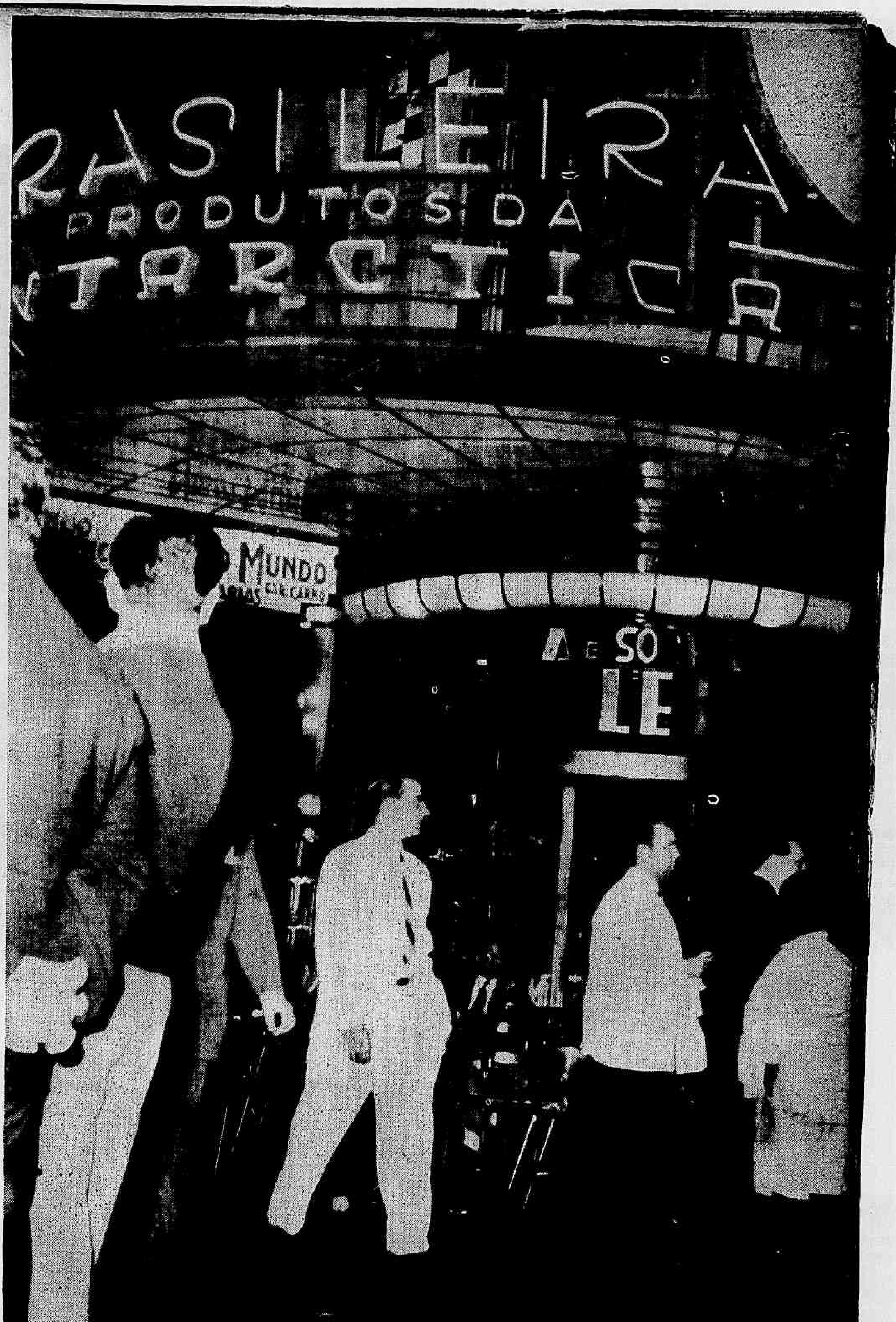
NAS FOTOS abaixo o leitor pode ver e apreciar tôdas as atividades da Cinelândia. O trocadilho da primeira, da esquerda para a direita, é bem sugestivo. Bar Badinho, faz lembrar a famosa irmandade dos Barbadinhos. Na foto seguinte aparece gente de tôdas as classes saindo do cinema. Adiante um aspecto das diversas ativi-











dezesseis horas. Já havia algum movimento. ... estão desertas, mas os «dancings» e clubes estão vi... famílias, às 11 horas da noite já não passeiam. To... ...leira» continua com o seu prestígio de casa de ... novas que têm surgido.

na época, era o ponto de convergência de tôda a curiosidade popular.

A então *Avenida Central*, tal e qual uma mulher bonita, começava a vestir-se com os seus colares de luzes e com a *toilette* majestosa, limpa e asseada que, a cada dia, se apresentava nas fachadas dos prédios novos que surgiam como vestidos caros e luxuosos... Todos desejavam vê-la. E o despeito foi tão grande que a alma de mulher das outras ruas começou a imitar o encanto da mais aristocrática dama da cidade, que ficou batizada de *cidade mulher*.

Mas, como íamos dizendo aquêle terreno, atirado ao abandono era, contudo, de longe em longe aproveitado para "alguma coisa útil", ali funcionou,

...dades, onde se vêem engraxates, barbeiros, etc. O cafèzinho faz amigos e é saboroso, principalmente o que é servido em «Meu Cantinho». No Hotel Serrador há sempre exposição de quadros, por vêzes picantes. Finalmente na Americana o «grande monde» da sociedade carioca toma sorvete. E à noite o movimento é dez vêzes maior.









Na Americana, à hora do «lunch». O Ambiente é aristocrático e o chá ou sorvete muito apreciados.



FREQUENTADORES do «Night and Day. O casal que aparece na foto é americano. Ao clarão do flash disse: «very good».



E' MADRUGADA ALTA. As ruas estão desertas. Mas nos clubes e «dancings» os mundanos se divertem. As dançarinas são escolhidas a rigor. Corpo perfeito e caras bonitas. Dança-se à meia-luz, ao som de românticos blues e boleros. Viva a vida!

por idéia de Serrador um centro de diversões, a que êle deu o nome de "Parque Centenário" e duas exposições mais ou menos importantes: uma de frutas, legumes e hortaliças, e outra que constituiu a primeira grande feira anual do Distrito Federal, em 1918.

Afora êstes empreendimentos, o antigo terreno do Convento da Ajuda, via-se, conforme dissemos, como uma nódoa da cidade, que então se enfeitava com tanta faceirice.

O tempo, entretanto, corre célere e ninguém se lembra de aproveitar o vastíssimo espaço para se erigir os primeiros *arranha-céus* da cidade maravilhosa. É nesse momento de verdadeira inspiração que Serrador tem uma grande idéia. Essa idéia lhe surge quando um dia, de pé sôbre os escombros da demolição, antevisa a conquista da Cinelândia.

Acha a *Avenida Central* realmente muito bonita, mas pouco importante, diante de sua imaginação, sempre assaltada pela majestade dos grandes monumentos. Desde êsse dia, decidiu-se a levantar ali mesmo, onde se encontrava de pé, sôbre um mon-



BELDADES do «dancing». Uma louro, outra morena. O cavalheiro que escôlha a seu gôsto.



OS MÚSICOS tocam satisfeitos. Os dançarinos pedem bis. E, sorridentes, êles atendem a todos.



FORA COM O preconceito de côr! Isso é coisa só para afiano. Assim pensa êsse casal.



OUTRO ASPECTO do «Brasil Danças». A foto feita no camarim das dançarinas. Aparece, além das damas, o sr. Ary, diretor daquela casa de diversão. Em cima os agasalhos das damas. Um aviso ao lado diz que é proibido às dançarinas fumar e beber.



FLAGRANTE feito durante as danças, alta madrugada, de um dia de sábado. Assim é a Cinelândia.



UMA DAS BELAS dançarinas do «Brasil Danças». Seu nome é... Bem, isso é segrêdo...

tão de tijolos, um quarteirão de casas monumentais.

É, então, mais um tresloucado sonhador do rol dos Rodrigues Alves, dos Pereira Passos, dos Paulo de Frontin, dos Oswaldo Cruz... (cada qual com a sua mania).

"Aqui dêste amontoado de pedras, vão surgir os mais belos edifícios" — dissera. E acrescentou: — "Vou introduzir o *arranha-céu* no Rio de Janeiro."

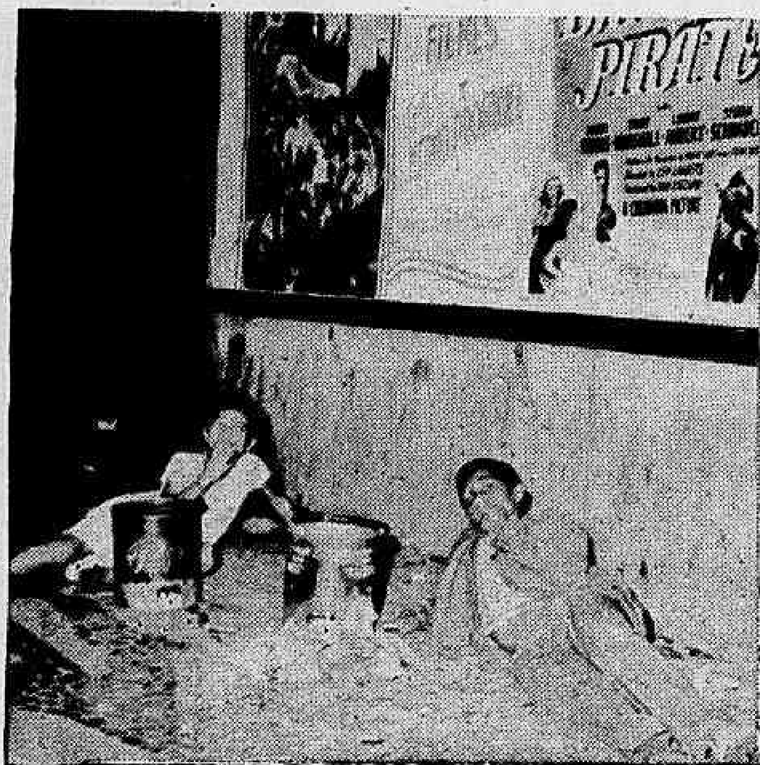
O outro riu-se. Não julga que está diante de uma vida intensa e fecunda, em idéias, animadas pelos episódios mais surpreendentes, capazes de transformar os sonhos mais audaciosos no profundo realismo das coisas palpáveis e concretas.

"Vou fazer dêste terreno — diz ainda — o maior centro de diversões da América do Sul. Casas de espetáculos para milhares de espectadores..."

E apontando para o chão: "Aqui você há de assistir aos filmes mais famosos do mundo!"

Serrador havia concebido a Cinelândia. Era, sim, a antevisão de sua maior conquista.

(Cont. na pág. 59)



ÊSSES, entretanto, passam a noite vendendo amendoim. São os párias da civilização cristã.



POBRES CRIANÇAS abandonadas! Levam a vida em aventuras. No braço todo o seu patrimônio.



ASSIM É A VIDA! Enquanto uns se divertem em ambientes luxuosos outros dormem ao relento!

"SEU" ISAAC DO BAZAR MONTE LÍBANO

GANHAVA tresentos cruzeiros mensais. Naqueles tempos não se falava ainda em salário mínimo, nem se dizia cruzeiros, mas sim mil réis. Tresentos mil réis de ordenado! E considerava-me quase feliz. Poucas preocupações, quase nenhum problema. O Róque, também repórter, porém mais novo do que eu na tarimba do jornal, percebia apenas duzentos e vinte mil réis. Fui eu quem o levou para a vida de imprensa. E não me arrependo. Ambos pobres, companheiros de quarto de uma pensão barata, abandonamos os estudos por carência de meios para custeá-los. Segundo anistia ainda deixei a Faculdade. Róque, contudo, foi mais persistente. Empregado numa emprêsa corretora de imóveis, dava expediente pela manhã e freqüentava as aulas à noite. Madrugava no escritório. Varria o chão, espanava os móveis, higienizava o lavatório, punha tudo em ordem, muito bem arrumado, e então aguardava a chegada dos dois sócios, seus patrões. O trabalho consistia em fazer um pouco de tudo. Bancava o homem dos sete instrumentos. Além do serviço de limpeza interna, um pouco humilhante para um temperamento orgulhoso como o de meu amigo, levava recados, atendia telefones, datilografava contratos, registrava-os nos diversos cartórios, acompanhava a marcha processual de escrituras de compra e venda, etc... etc. Também, às vêzes, mas só em casos excepcionais depositava dinheiro em bancos e descontava chéques. Mas só em casos excepcionais — ouso repetir. Parece que não tinham muita confiança nêle. Róque era pobre. Pobre e honesto. Mas seguro morreu de velho.

Lá um dia a emprêsa faliu. Os sócios se desentenderam, a sociedade foi desfeita, e o pobre Róque pôsto no olho da rua, sem aviso prévio ou indenização. Aí então começou a pequena odisséia do meu amigo. Abandonou primeiramente os estudos, o que causou um grande desgosto, pois, segundo me dizia, a medicina significava a razão de ser de sua própria existência. Fracassaria em outra carreira que não fôsse a ditada pela sua vocação — preconizava. Considerava-se dêsde já um derrotado, um inútil, um esquecido da sórte. Eu nasci sem estrêla — confessava-me, melancòlicamente. E entre outras muitas confissões adiantou-me que devia o ordenado do mês a "seu" Isaac, o hebreu proprietário do pequeno Bazar Monte Líbano, em frente à nossa pensão. Devia-lhe duzentos mil réis. Cento e oitenta tomara-lhe emprestados pelo prazo de um mês. E mais dez por cento de juros, e mais dois mil réis para arredondar a conta. O dinheiro fôra custoso de se arranjar — queixara-se "seu" Isaac — procurando justificar a extorsão. Um furto, um autêntico caso de agiotagem, com vistas à polícia. Mas o que haveria o Róque de fazer. Precisara da importância para ajudar na doença da irmã, residente no interior. Para quem apelar se o minguado ordenado mal chegava para saldar as despesas mais indispensáveis. Fôra "seu" Isaac, irremediàvelmente, a única solução. E agora, que perdera o emprêgo, pouca possibilidade restaria de resgatar a dívida.

Não me arrependo de tê-lo levado para a vida de jornal. E com relativa facilidade lhe consegui o lugar. Duzentos e vinte mil réis não se desprezava assim, sem mais nem menos. Apenas um inconveniente: a coincidência de horários não lhe permitira prosseguir os estudos.

Durante dois meses, pode-se dizer, reparti meu ordenado com o Róque, pois praticamente fui eu quem pagou sua dívida a "seu" Isaac. Mas meu amigo conseguiu equilibrar as finanças e tudo indicava que faria futuro no jornal. Escrevia bem, com facilidade, dono de um estilo simples e conciso, possuindo uma cultura geral muito acima do comum. Três meses após seu ingresso no "Diário da Tarde" deixou de fazer reportagens para ser aproveitado num serviço de maior responsabilidade, redação de tópicos, comentários e pequenos artigos. Um trabalho bem menos exaustivo do que o meu. Tratava-se de um serviço interno, exclusivamente intelectual, ao passo que eu tinha de sair seguidamente à rua caçando assunto e material para os meus escritos.

★

Não sei o que me deu na venêta de casar, com um ordenado daqueles, e poucas esperanças de aumento. Estava doido, doidinho da silva, conforme dissera Róque e os demais companheiros de trabalho. Mas não estava doido não. Estava apaixonado, o que é uma espécie de loucura, e que vem dar na mesma coisa.

Casei num dia de sábado, na igreja do bairro, despretenciosa e modesta, que bem estava a exigir uma boa mão de cal. Esta foi, aliás, a terceira vez que entrei numa igreja.

A primeira para batizar-me, levado nos braços de meus pais. A segunda na primeira comunhão, guiado pelas mãos de minha mãe. Recordo-me todo vestido de branco,

(Cont. na pág. 50)

NOVELA DE **MOACYR DUARTE** ★ ILUSTRAÇÃO DE **M. QUEIROZ**





CONSULTANDO OS brotos de várias escolas da cidade, disseram-nos que, absolutamente, não existe dificuldade em casar, apesar da carestia da vida. «Sabe moço, está tudo engatilhado, tão logo terminemos o curso, vamos mudar de vida — casar, construir nosso lar». Como se vê, não há dificuldade em arranjar casamento, apesar dos pesares.

NÃO É DIFÍCIL CASAR...



A [illegible]A de casa para morar é um dos maiores tormentos daqueles que vão contrair matrimônio.

RAPIDA ENQUÉTE ENTRE O POVO ★ O EXPEDIENTE DOS NOIVOS DE HOJE ★ LUVAS, CARESTIA, FILAS, NADA ATEMORIZA CUPIDO ★ AUMENTAM OS CASAMENTOS ★ OS CASAIS QUE TRABALHAM FORA

Reportagem de J. BELO

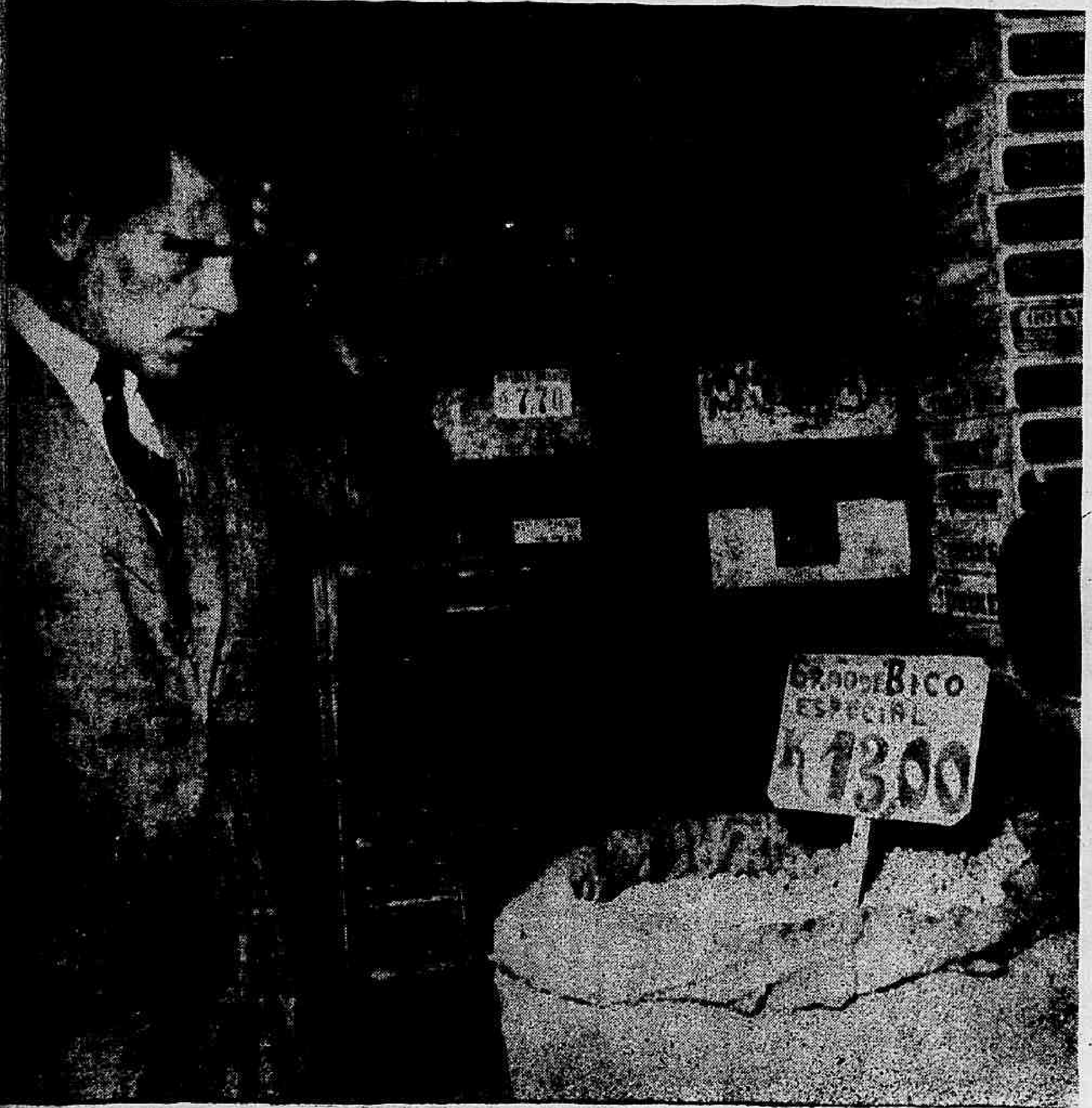
SAIMOS à rua dispostos a ouvir, da boca do povo, se, em vista das atuais condições de vida, Cupido estaria sendo prejudicado. Uma vez na rua, foram tantas as demonstrações de carinho público (apezar da campanha da polícia), tão grande o número de entrelaçamentos amorosos que quase demos por encerrado nosso trabalho antes de começado. Dispostos, porém, a ouvir o que o povo pensava da dificuldade atual em face do casamento penetramos em uma casa comercial escolhida a esmo e perguntamos a uma jovem comerciária qual a posição da mesma face a Cupido.



ÊSTE É CASADO e diz que é mais difícil o estado de casado, do que o casar pròpriamente. Estuda para melhorar.



A VENDEDORA deixou de atender ao pequenino cliente para imaginá-lo seu filho. O rapaz, noivo, penetrou num armazém para ver o preço das utilidades e ficou perplexo! Disse-nos que vai desistir. Pudera!



NÃO É DIFÍCIL CASAR. . .



O PÁROCO de Madureira, consultado por nós, afirmou que o número de casórios em sua paróquia tem aumentado muito. Não há semana em que não realize dez casamentos.

— Pra que isso, moço?

Tivemos de lhe dar uma grande explicação e, depois disso, ela ainda cética respondeu:

— Eu não caso porque não quero. Êles andam por aí, dispostos a casar. E' só abrir a boca.

O negócio ia mal. Com que então os homens estavam dispostos a casar? Não seria pretensão da moça? Precisávamos tirar as dúvidas. Ouvimos, em seguida, um rapaz da mesma casa comercial.

— Você acha que é difícil casar atualmente?

— Não. O que acho difícil é continuar casado. Eu já fiz essa bobagem.

Diante das gargalhadas que se fizeram ouvir, saímos vagarosamente em demanda de uma jovem que colocava um sapato no pé de um lindo garotinho. Feita a pergunta, engatilhado. Êle caiu como um patinho...

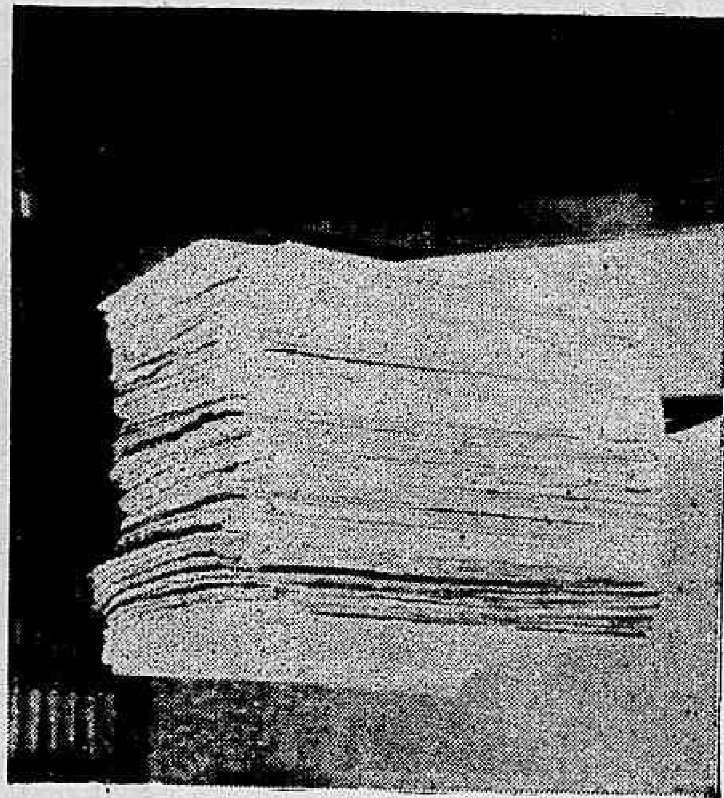
Parecia que nosso trabalho estava fracassado. Saíramos com a intenção de fazer sentir a dificuldade com que se vêem a braços os casais que desejam contrair matrimônio e, diante das respostas que obtiveramos até então, tudo fazia crer que estava tudo como dantes no quartel de Abrantes...

FALAM AS ESTATISTICAS

Daí, rumamos para o Pretório e fomos ouvir os escrivães. Vários dêles nos afirmaram que nada havia diminuido, pelo contrário, afirmaram outros, tem aumentado o número de casórios.

Quisemos saber qual o bairro onde se realizava maior número de casamento e um escrivão nos informou que, agora, não há mais jurisdição determinada. Satisfeitos pelas informações, fomos à Corregedoria de Justiça, a fim de saber o número exáto dos enlaces matrimoniais realizados no Rio de Janeiro, nos últimos anos. Qual

(*Continua na pág. 54*)



UMA PÁLIDA demonstração do volume dos processos de casamento atualmente em curso em um cartório apenas. De acôrdo com a estatística o número tem ascendido.



OS CAMINHÕES-FEIRA são um paliativo para a carestia da vida. E o povo corre a fazer fila com o fim de diminuir um pouco suas despesas. Depois, na viagem de volta, via de regra, entornam feijão, arroz ou batatas na condução. Feitas as contas, ainda serão prejudicados porque terão de comprar mesmo no armazém do vizinho. O estô mago não espera...



ESTA VENDEDORA consultada por nós sôbre a dificuldade de casar disse que é apenas aparente. Ela, pelo menos, não encontrou dita dificuldade. Está preparada...



NOSSO AMIGO foi fazer a conta de quanto precisaria para casar e levou à mão à cabeça, em sinal de desespêro. Está faltando um zero no meu ordenado...



ÊSTE CASAL discutia pormenores do futuro noivado. A moça é estudante e o rapaz está bem intencionado. Mas, enquanto não chegam a um acôrdo, discutem...

SAIRÁ EM JULHO!

O ÁLBUM DE

A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA

RÁDIO

TEATRO

MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

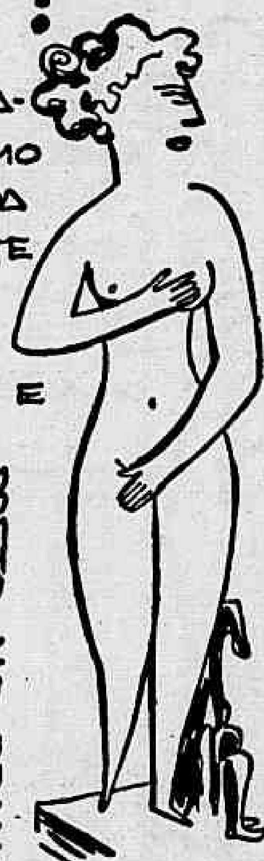
— Noventa e seis páginas, inclusíve 4 de bom humor.

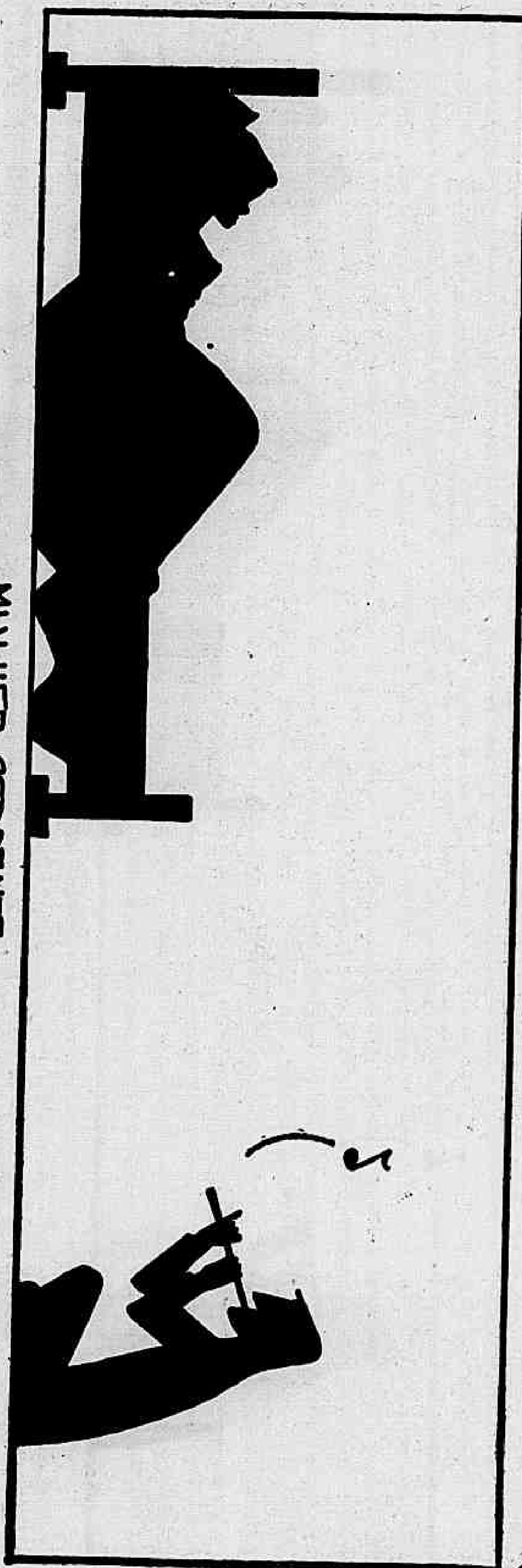
RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.

Nem Corôa!

VENUS OU APHRODITE FOI ADORADA POR GREGOS E ROMANOS COMO REPRESENTANDO A APOTEOSE DA CARNE. O PROTOTIPO DA AFRODITE GREGA, ANALOGA 'A ISIS EGIPCIA E' ISHTAR, DA BABILONIA. ISHTAR ERA A DEUSA DA GUERRA E





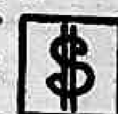
DO AMÔR, REPRESENTADA 'AS VEZES, COMO DIVINDADE BISSEXUAL, BARBADA, OU COMO MULHER DANDO OS SEIOS A SUGAR. EMBORA A CHAMASSEM A VIRGEM, APENAS SIGNIFICAVA QUE ERAM SEUS AMORES LIVRES DE QUALQUER LAÇO LEGAL.



Nicodemus

PENSAMENTO

AS MULHERES SÃO FRACAS PORQUE SÓ SÃO SUSTENTADAS PELO CORAÇÃO.



PYTHAGORAS

APONTAMENTOS LÍRICOS

E' tão grande o selêncio — que estamos escutando o cair das fôlhas sêcas...

★

Ela tem os olhos longos e melancólicos das bailarinas de Degas.

★

Por mais que lhe fale, nunca direi o que desejava que ela ouvisse.

★

Os bambus pareciam repuxos verdes esguichando na paisagem.

★

Algumas palavras: só, nunca, talvez

★

Um sorriso. Um olhar. Uma palavra. Às vêzes nem a palavra, nem um apêrto de mão. Só o sorriso o olhar. E às vêzes, só isso é tudo em nossa vida.

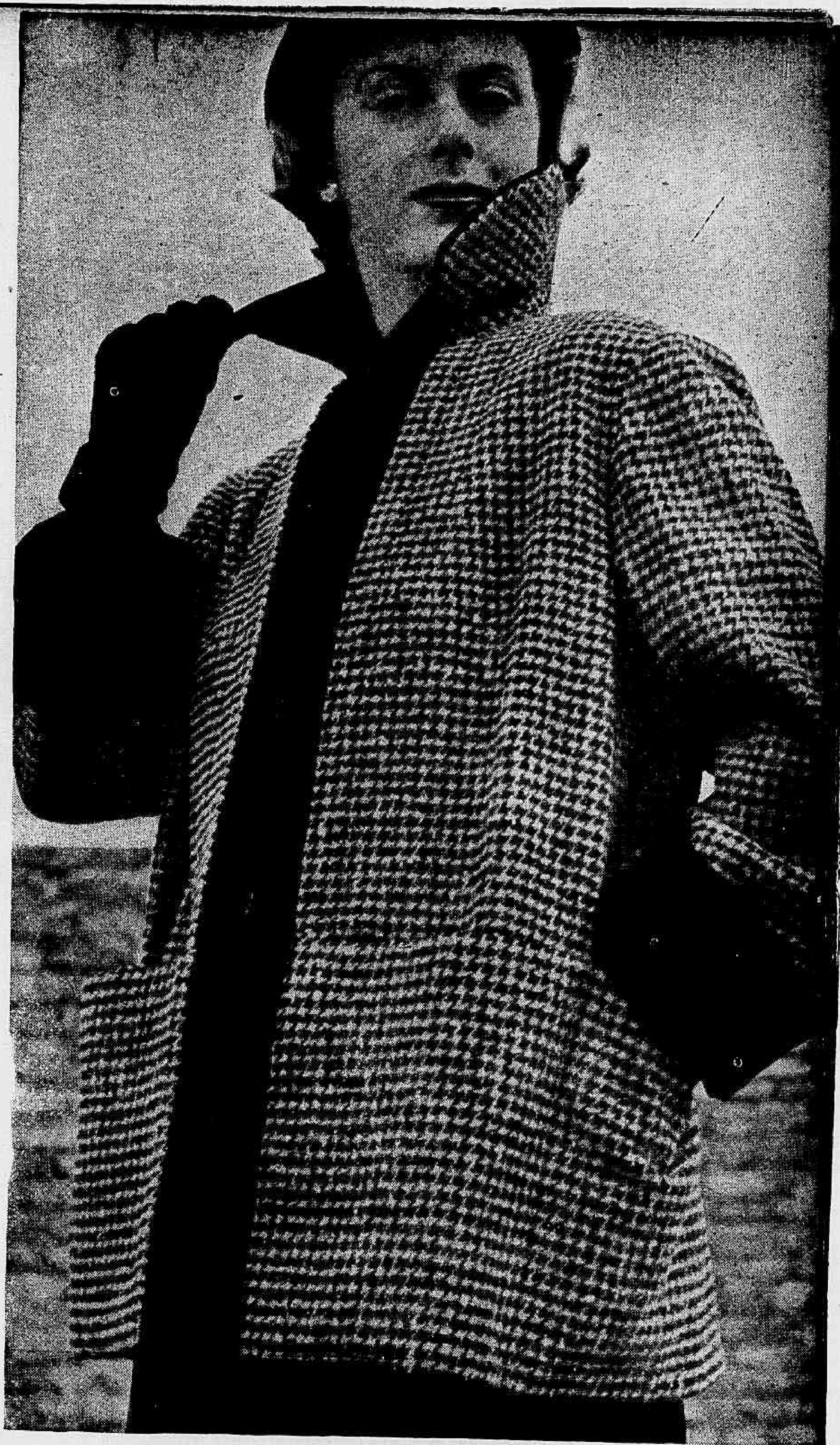
★

"Short story": um dia, ela não voltou mais... por que sabia que êle estava esperando.

★

Almaide d'Etremont — um conto, uma mulher, um sonho. Era linda e triste. Foi por isso que a amei naquela página dolorosa de Francis Jammes.

LYSE





QUADRICULADOS

PARA os trajes esportivos e de inverno, os tecidos quadriculados continuam sendo os preferidos. Nesta página apresentamos às leitoras três modelos próprios para os dias frios. Em cima um amplo casaco três quartos, em pesada lã preta e branco, grandes bolsos, punhos e gola forrados com lã preta. À direita, casaco em lã azul-marinho e branco, abotoado transpassado, duas carreiras de botões, bolsos e mangas com abas largas, gola transpassada; à direita, um modêlo para passeio, em fina lã marron havana, com listras brancas formando grandes quadros, casaco bem amplo, saia reta. Pequeno chapéu em feltro branco, completa o modêlo.





Aqui está um grupo encantador de modelos para o campo, sugeridos para as suas férias. São modelos leves, originais, apesar da simplicidade que predomina em suas linhas. Confeccionados nos mais variados tecidos, êstes modelos são bastante práticos e econômicos.

SUGESTÕES

VARIADAS





PARA as diversas ocasiões do dia são apresentados nestas duas páginas uma coleção de modelos, os mais variados possíveis, «tailleurs», «slacks», modelos esportivos e para passeio compõe esta coleção, que contribuirão, sem dúvida, para a renovação do seu guarda-roupa. Em cima, à esquerda, dois «tailleurs» claros, para a manhã, sóbrios e elegantes; à direita, dois vaporosos modelos em algodão, esportivos e simples; em baixo, à esquerda, outros dois sugestivos modelos, desta vez para a tarde, ambos originais e elegantes; finalmente, duas criações bastante modernas para «cock-tail», são dois originais «tailleurs» em pesada sêda, um azul-marinho o outro em côr beige com debruns em gorgurão prêto.

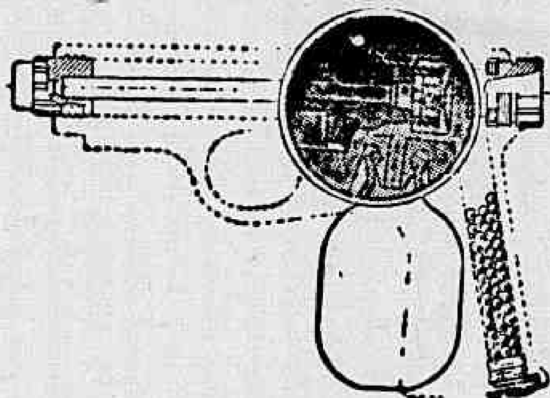




Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000, c/2 membranas sobressalentes

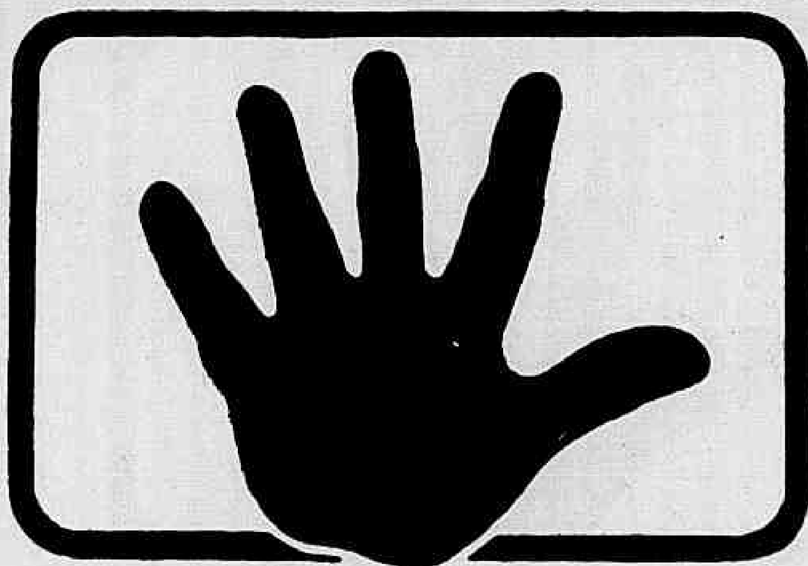
Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo.

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... Estado ....



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO



WEEK-END

TORTA DE HAMBURGO

125 gr de manteiga, 125 gr de amêndoas raladas, um pouco de canela, casca ralada de limão, 5 ovos, 50 gr de farinha de pão, 75 gr de farinha de trigo, 1 colher-de-chá de fermento em pó, um pouco de vinho branco.

Juntam-se a manteiga, o açúcar, as amêndoas, a canela, a casca de limão e as gemas, bate-se tudo muito bem, adiciona-se a farinha de pão embebida no vinho, liga-se tudo com farinha de trigo, o fermento, as claras bem batidas.

Esta massa vai a assar em forno regular, em fôrma untada, e polvilhada com semoline.

Levam-se ao fogo 125 gr de manteiga, deixa-se corar, mexendo-se para não queimar; juntam-se 125 gr de avelãs, deita-se tudo em uma assadeira e, depois de frio, amassam-se bem as avelãs.

Corta-se a torta, em três partes iguais, passa-se por sôbre elas geléia de abricós, salpica-se cada parte com vinho branco, unem-se as partes de novo, cobre-se com a mesma geléia e enfeita-se com avelãs pisadas. Pode-se também enfeitar com geléia vermelha e amarela.

BÔLO DE NOZES

6 ovos, 125 gr de açúcar, 90 gramas de farinha de trigo, 1 colherinha de fermento em pó e 1 pitada de sal.

Batem-se as gemas, o açúcar e o sal até ficar um creme grosso e espumoso, ao qual se junta a farinha peneirada com o fermento e as claras em neve. Põe-se esta massa em assadeira forrada com papel untado e leva-se ao forno, vira-se imediatamente sôbre uma mesa, espalha-se por cima um creme de nozes e enrola-se.

Depois de descansar ½ hora, pincela-se com claras batidas, cobre-se de nozes picadinhas e leva-se um pouco ao forno para secar.

Recheio de nozes: 60 gr de nozes raladas, 60 gr de avelãs raladas, 3 colheres-de-sopa de farinha de pão e 1 ponta-de-faca de pó de café, mistura-se a 1/4 de litro de leite quente, junta-se açúcar à vontade e mexe-se bem.

AMBRÓSIA

Tome 6 gemas, 4 claras, ½ garrafa de leite e 450 gr de açúcar em calda branda. Bata os ovos sem separar as claras, misture ao leite e jogue na calda, sem mexer, até ferver. Tenha cuidado para não desmanchar muito os pedaços que se vão formando. Leve novamente o ponto da calda e despeje na compoteira ou em um prato de cristal.

SOPA DE FEIJÃO BRANCO

Quando fizer o caldo adicione 6 cenouras e quando fôr coar retire, parte aos pedacinhos e guarde. Cozinhe em água e sal, 400 gr de feijão branco e depois de macio passe pela peneira. Junte ao caldo e leve ao fogo lento para ligar. Passe as cenouras picadas na frigideira com um pouco de manteiga, e jogue dentro da sopa, na hora de servir.

PEPINOS RECHEADOS

Tome 3 pepinos grandes, descasque, corte uma rodela, em cima, tire fora as sementes encha com um picadinho de carne. Torne a tampar com as rodelas retiradas, pregue com 3 palitos e leve a cozinhar em um refogado com bastantes tomates, num panela tapada. Logo que estiverem cozidos, deite num prato, retire os palitos e cubra-os com o próprio môlho depois de coados e ligeiramente engrossados com 1 colher-de-chá de manteiga e ½ de farinha de trigo. Enfeite ao redor com rodelas de ovos cozidos e azeitonas.



NA COZINHA

RECHEIO D. ROSINA

1 copo de queijo ralado, 1 copo de leite, 2 ovos inteiros. Vai ao fogo, mexendo-se sempre. Enche-se com êsse recheio as forminhas. Vai ao forno quente.

SALADA DE FEIJÃO PRÊTO COM BACALHAU

Cozinha-se bem o feijão, tempera-se, tendo-se o cuidado de não esmagar o grão. Aferventa-se ½ quilo de bacalhau, retiram-se as espinhas e arruma-se no centro do prato, com rodelos de cebola e azeitonas, temperando-se com azeite, vinagre e sal, ovos cozidos e tomates. Em volta do prato faz-se uma grinalda de feijão prêto.

PEIXE À ESCABECHE

O peixe que mais se presta para isto é o dourado. Depois de limpo muito temperado, frita-se com cuidado, não deixando dourar muito. Faz-se



um môlho com azeite e todos os temperos, rodelas de limão e arruma-se em uma vasilha uma camada de peixe, outra de môlho, até terminar o peixe, cobrindo a última camada com bastante môlho. Há quem goste de usar massa de tomate no môlho, é preferível, porém, sem ela. Para conservar, guarde-se em vidros que se esterelizam depois de fechados, durante 15 ou 20 minutos. E' inútil recomendar que o peixe seja bem fresco.

GALINHA COM ARROZ

Limpa-se um frango de 5 ou 6 meses, parte-se, frita-se bem, tempera-se com cebola, tomate, muita cebola verde, raminhos de salsa, que se acrescentam pouco antes de deitar o arroz na panela, com bastante água, para cobrir a galinha. Bastam 2 xícaras de arroz, que devê ser pôsto uma hora antes de servir-se o almôço. O segrêdo do êxito dêste prato consiste na fritura, que deve ser muito bem feita e gostosa. Deixa-se ferver o arroz, que deve cozinhar em pouco fogo. Quando estiver quase cozido mexe-se um pouco, para cozinhar o arroz que ficou em água quente, escorra depois de alguns instantes espremendo o pão; junte-o ao azeite com o sal necessário e deixe enxugar, mexendo sempre. E' usado em Portugal para acompanhar peixes ou assados.

SALADA DE SARDINHAS

Fora do centro de um pratinho coloque um rabanete cortado em forma de flor, conservando o caule.

Faça sair dêsse rabanete uma sardinha, uma listra de môlho de maionese acompanhando-a, outra sardinha, outra listra. Assim até dar a idéia de um leque.

SALADA DE REQUEIJÃO

Com um cortador especial corte bolinhas de requeijão e unte-se com manteiga, sal e pimenta. Coloque estas bolinhas sôbre alface picada com pedaços de azeitonas, cubra com um môlho de azeite e vinagre e môlho inglês. Tome um tomate; tirar dos lados fatias em forma de pétalas, tendo o cuidado de cortá-las bem finas, de modo que no centro fique uma bôca de polpa com as sementes dentro. Coloque sôbre o môlho de maionese e entre uma e outra pétala, 1 ramo de agrião.

QUEIJO RECHEADO COM CAMARÃO

Tome um queijo pequenino, tipo prato. Corte uma tampa e com o auxílio de uma colher esvazie, formando uma panela com as paredes da grossura de um dedo. Prepare um refogado de camarão. Quando o camarão estiver pronto junte quatro colheres de sopa bem cheias de queijo retirado, passado na máquina. Misture bem o queijo ao camarão, deixando que êle se desfaça. Recheie o queijo esvaziado, torne a colocar a tampa e leve ao forno razoável para quente. Sirva em seguida, usando faca muito bem afiada.

OVOS À MAIONESE

Misture bem 8 ovos com 3 xícaras de leite, junte 1 pitada de noz-moscada, 1 de pimenta do reino e sal. Deite em fôrma untada e asse em banho-maria.

"Kolynos protege meus dentes!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destrói até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a bôca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escova do-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você sabe que as cáries dentarias são perigosíssimas?... Não só doem muito, mas tambem prejudicam a saúde! Foi o proprio dentista quem disse isto!*



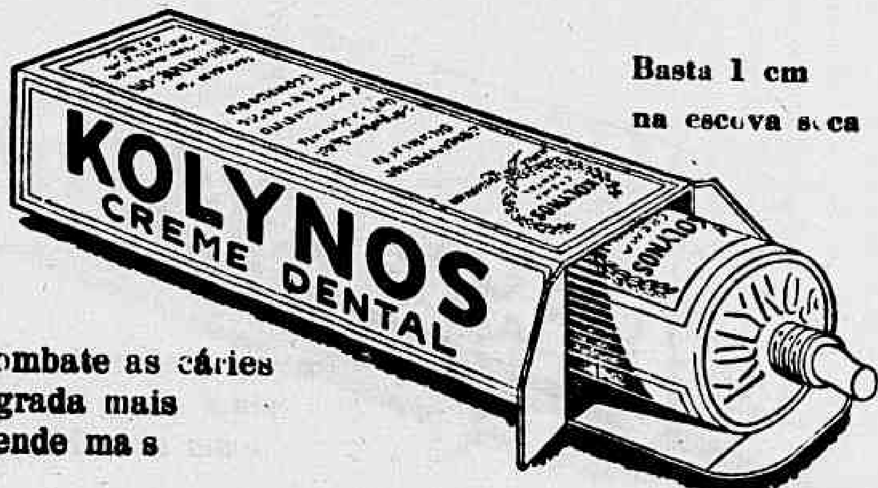
2. *Imagine que há milhões de bactérias produzindo esses ácidos que atacam os dentes e causam as cáries!... Isso não é horrível?*



3. ***Entretanto... não se aflija! O Creme Dental Kolynos elimina os ácidos, porque destroi as bacterias que os produzem...***



4. *Além disso o Kolynos refresca a boca e o hálito, clareia e dá brilho aos dentes, tornando o sorriso mais atraente... Proteja-se com Kolynos!*



Basta 1 cm na escova sêca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-406-P

CORAÇÃO AMARGURADO

UM pelotão de tropas britânicas está abrindo caminho, passo a passo, no terreno árido da Birmânia. O cabo Lachie (Richard Todd) leva sua gaita de bôca e toca alegremente uma ária marcial, quando de repente, se ouve a voz de comando ordenar que se ponham a salvo. Dá-se então, um rápido encontro com os invisíveis japonêses; ouve-se uma explosão e Lachie cai gravemente ferido.

Imediatamente é enviado a um hospital, onde é submetido a uma delicada operação. No instante de partir para o hospital, Lachie protesta porque não querem que êle leve a sua gaita; mas, tanto insiste que lh'o permitem. Ao registrar-se seu nome completo é: Lachie MacLachlen e que a ficha de seu ingresso é justamente a do dia anterior ao término da última guerra mundial.

A operação se realiza com êxito; mas, sem se

(THE HEASTY HEART)

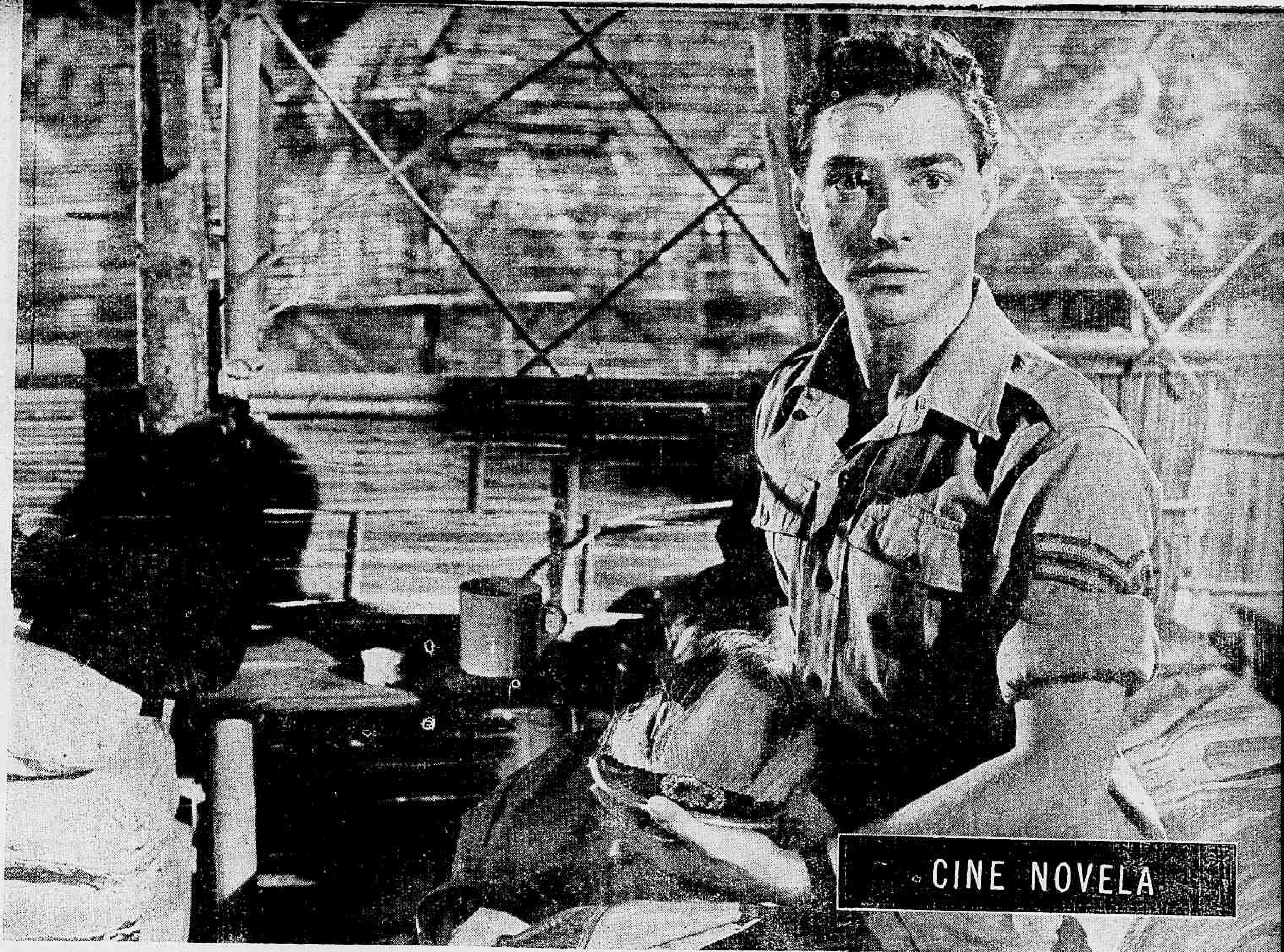
ELENCO

RONALD REAGAN.	O Ianque
PATRÍCIA NEAL ..	A enfermeira Margaret
RICHARD TODD ..	Lachie
Anthony Nicholls ..	Coronel Dunn
Howard Marion-Crawford	Tommy
Ralph Michael	Kiwi
John Sherman	Digger
Alfred Bass	O Assistente
Orlando Martins ...	Blossom

Filme da WARNER BROTHERS
Produção de: HOWARD LINDSAY
Direção de: VINCENTE SHERMAN







saber porque, o oficial diretor do hospital, Coronel Dunn (Anthony Nichols), ordena que Lachie permaneça ali, em observação. Amargurado, Lachie observa um grupo, já restabelecido, despedir-se de sua enfermeira, a irmã Margaret (Patricia Neal) para regressar à seus lares.

O Coronel Dunn diz a Margaret que vão transladar Lachie para a sala onde ela presta seus serviços; porém êle deseja falar aos outros pacientes que, também ocupam aquela sala antes que o jovem escocês tenha ingresso ali.

Os feridos, que estão sob os cuidados da irmã Margaret procedem de diversas partes da terra. Yank (Ronald Reagan) é um jovem norte-americano que está convalescendo da malária, e parece ser o principal entre êles; Digger (John Sherman) é um australiano que tem um ferimento num dos braços. Os outros são: Blosson (Orlando Martins), um negro africano, que não fala inglês; Kiwi (Ralph Michael), da Nova Zelândia, e Tommy (Howard Marion-Crawford), um inglês alegre. Todos formam um grupo de bons companheiros que se sentem muito felizes, até o instante em que Margaret lhes diz que um escocês irá juntar-se a êles naquela sala.

Yank se mostra pouco satisfeito e intranquilo, pois não lhe agradam os escoceses; seu avo era da Escócia e não eram muito boas as memórias que guardava, e suspeitava que algo desagradável iria haver entre êles.

O Coronel Dunn visita os feridos sob a guarda da irmã Margaret antes de Lachie ser conduzido para lá, a fim de participar-lhes a razão pela qual o escocês iria permanecer no hospital, embora já tivesse sido operado. Lachie não sabe, porém, que está ferido de morte e os seus dias contados. Um dos rins tinha sido removido na operação e o outro não estava funcionando bem. O médico pediu a melhor boa-vontade daqueles homens para com o jovem a fim de torná-lo feliz nos seus últimos dias.

Quando Lachie chega, Yank e Margaret procuram ser gentis com êle; mas o jovem rejeita aquela generosidade. Não quer ter amigos. Não quer dever favores a ninguém. Deseja, isto sim, ir para sua casa numa fazenda, na Escócia.

Lachie escolhe uma cama bem afastada das outras e põe um biombo em redor para evitar qualquer contato com os companheiros. Yank vê justificada a sua prevenção contra os escoceses e resolve deixar Lachie abandonado à sua própria sorte; mas, Margaret persuade-o, e aos outros, a tentar mais uma vez. Sabendo que Lachie está para comemorar o seu 21º aniversário, êles lhe dão um traje escocês completo de presente.

Sem dizer palavra, Lachie aceita o presente, e depois, comovido diz-lhe que jamais alguém lhe dera um presente. Agradece-lhes e dai por diante mostra-se mais amistoso. Yank torna-se seu guia e conselheiro.

Margaret, muito gentilmente, procura fazê-lo compreender qual a melhor maneira de adquirir e conservar suas amizades. Lachie sente-se enamorado por ela.

Sentindo-se feliz, como jamais o fôra, Lachie declara seu amor a Margaret e pede que ela se case com êle. Ela promete. Yank, que tem suportado pacientemente a agonia de ouvir a todo instante a gaita de Lachie e a curiosidade dos outros companheiros que o aborrecem perguntando se os escoceses usam alguma coisa sob a saia do uniforme, encontra-se frente a frente com um problema mais sério ainda, quando Lachie participa-lhe sua intenção de casar-se com Margaret.

O coronel Dunn recebe ordens do Estado-Maior para dizer a Lachie que êle viverá apenas, mais uma ou duas semanas. O exército tomará a decisão de enviá-lo para a Escócia, onde poderá ficar o resto dos seus dias que lhe faltam para viver; a menos que êle escolha ficar na companhia dos amigos no hospital. Yank começa a participar-lhes aquela decisão; porém êle está convencido de que Yank, Margaret e os outros o haviam tratado bem por compaixão, e se nega prestar-lhe atenção. Depois devolve-lhe os trapos que êles lhe haviam presenteado, e se prepara para regressar à Escócia.

A sala está ficando vazia. Os homens estão deixando o hospital para voltarem aos seus lares. Yank convida Lachie para juntar-se ao grupo e tirar com êles uma fotografia de despedida. Lachie recusa cortêsmente o convite. Yank perde a paciência e lhe diz que êle não merecia a amizade que todos lhe haviam devotado, e que não compreende porque um homem deseja morrer completamente abandonado por aquêles que poderiam ter sido seus amigos. Em seguida Lachie deixa a sala.

Os homens formam o grupo para tirar a fotografia, enquanto Margaret se prepara com a máquina. Calmamente, Lachie aproxima-se dêles, e, comovido ao extremo pede-lhes que lhe permitam ficar. Yank aceita, mas, de maneira um pouco brusca, pois ainda estava ressentido com êle. Lachie retira-se novamente da sala para voltar depois envergando o uniforme escocês e reune-se ao grupo para a fotografia. De repente, Lachie dá um pulo e Tommy, que tinha estado até àquele momento tão ansioso por saber o que um escocês usa debaixo da saieta, diz num sorriso amplo, enquanto Lachie compõe-se:

— "Por fim, descobri!"



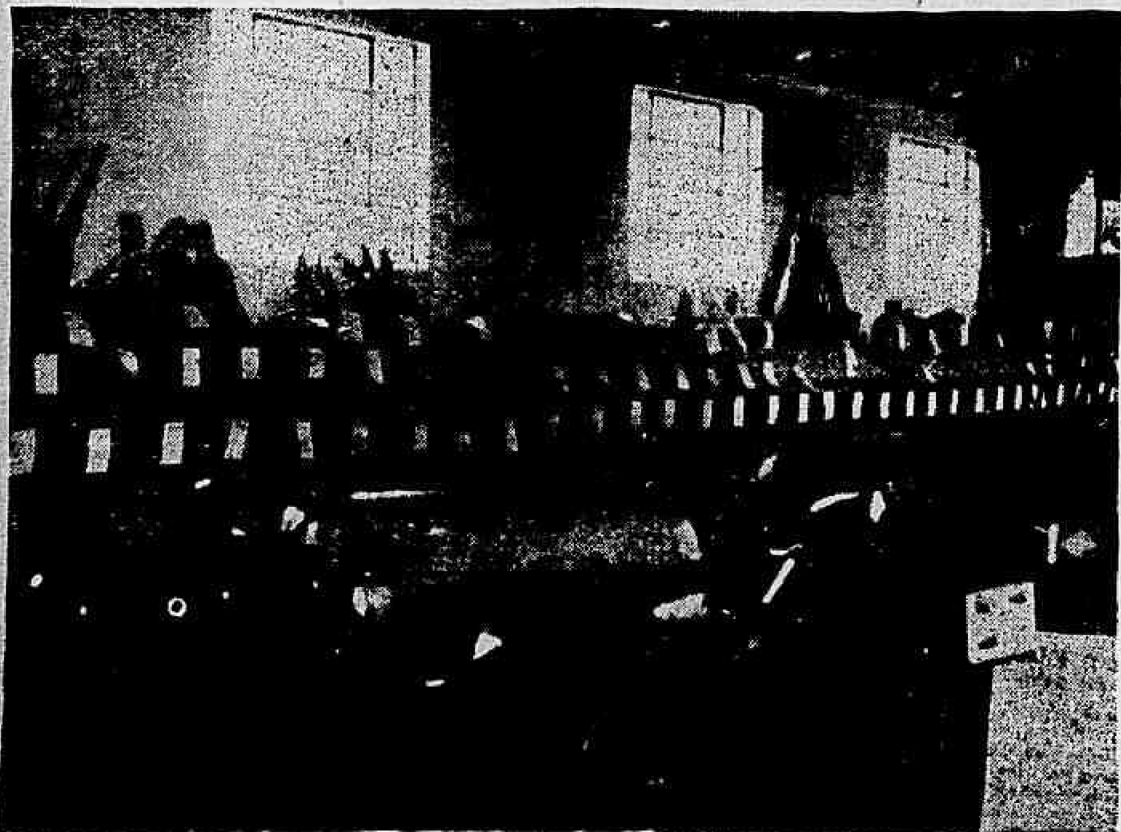


Grande assistência compareceu à inauguração da XIII Exposição de Juiz de Fora numa demonstração do interêsse popular pelo magno certame.

XIII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA E INDUSTRIAL DE JUIZ DE FORA

NO período de 10 a 17 de junho último foi realizado a XIII Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Juiz de Fora, o certame anual que reune os expoentes de produção agrícola e pastoril da Zona da Mata mineira. Não tendo sido apresentada com a grandiosidade da exposição do ano passado, quando se comemorou o centenário da cidade, a dêste ano manteve um excelente nível técnico, talvez superior ao daquela. Só o fato do índice de produção de leite ter subido consideràvelmente, havendo duas concorrentes assinalado resultados acima de 30 quilos diários, justifica tal apreciação. Convém ressaltar ainda que foi mantida a cuidadosa seleção dos produtos expostos, enchendo-se os pavilhões de finos exemplares das variadas raças leiteiras, puros de origem importados e nacionais, puros por cruzamento ou de menores graus de sangue, todos entretanto portadores de ótimas qualidades raciais. O menor número de animais expostos, em confronto com 1950, não comprometeu, portanto, o sucesso da XIII Exposição, pois a parte técnica estêve altamente satisfatória, com a vencedora do Concurso Leiteiro, a vaca «Pimpona», de propriedade do criador José Custódio Pinto, alcançando o total de 98.000 kigrs. em 3 dias de ordenha, com a média diária de 32.666 kigrs., resultado êste bastante auspicioso para a pecuária da extensa região. Também os produtos agrícolas e industriais afins tiveram uma bela representação na XIII Exposição, ostentando o pavilhão, aos mesmos destinados, um aspecto sugestivo e atraente. Apenas na concorrência de visitantes a XIII Exposição sofreu um colapso, devido às dificuldades de transporte em relação à distância que medeia entre o centro urbano e o parque da exposição. Vem a propósito mencionar aqui o problema da mudança dêsse parque para um ponto mais próximo da cidade, pois sabemos que o mesmo já está nas cogitações dos responsáveis pelos certames agro-pecuários de Juiz de Fora, devendo ser encarado com a máxima presteza e energia. Da sua solução depende indiscutivelmente o êxito futuro dessas exposições. Com a fusão das três associações de classe existentes em Juiz de Fora, o Centro Rural, a Associação Rural da Zona da Mata e o Centro dos Lavradores, tal problema poderá fàcilmente ser resolvido, com proveito para todos. E como essa fusão já tem os seus destacados defensores, ao que pudemos observar, tudo indica que teremos para breve grandes transformações nas exposições juizdeforanas, a maior das quais será a construção de um belo parque no centro da cidade. Então o magno certame da Zona da Mata mineira despontará como um dos maiores de Minas e mesmo do Brasil.

Nesta reportagem fixamos os principais aspectos da XIII Exposição de Juiz de Fora, que foi inaugurada pelo governador de Minas Gerais, sr. Juscelino Kubitschek, e que contou com a presença de elevado número de altas autoridades federais, estaduais e municipais, à mesma comparecendo pecuaristas e agricultores de vários pontos de Minas e do País. O Centro Rural de Juiz de Fora, à cuja frente se encontram os srs. cel. José Custódio Pinto, presidente, José Augusto de Araújo, Antônio Augusto Botelho Junqueira e Cleveland Duarte Braga, está de parabens por mais essa realização que tão bem evidenciou o progresso da criação e da lavoura.



Aspecto parcial do pavilhão de produtos agrícolas e industriais, vendo-se parte do mostruário agrícola e da maquinaria para a lavoura.



O governador Juscelino Kubitschek, ladeado pelo general Estillac Leal e pelo coronel José Custódio Pinto, assistindo ao desfile dos animais.



O sr. Wilson de Lima Bastos, em nome do Centro Rural, fazendo o discurso inaugural da XIII Exposição.



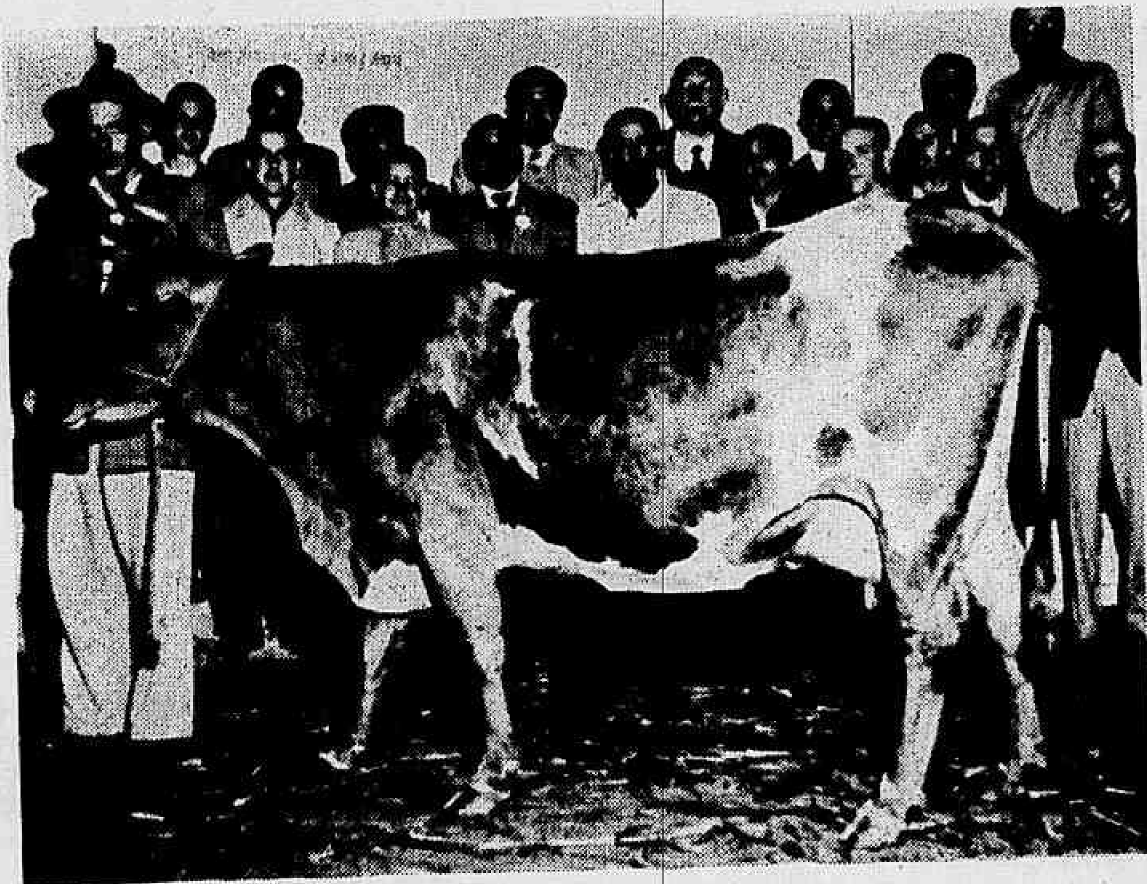
O chefe do govêrno mineiro desata a fita simbólica, inaugurando a XIII Exposição, entregando ao público, nesse momento, mais uma vitoriosa realização dos pecuaristas e agricultores da extensa região da Zona da Mata Mineira.



O sr. Juscelino Kubitschek, pronunciou importante discurso na abertura da XIII Exposição de Juiz de Fora.



Ato final da XIII Exposição: a entrega de prêmios aos expositores vitoriosos. Estão presentes os secretários da Agricultura e da Educação de Minas. À direita, discursando, o sr. Sylvio Viana, técnico da Secretaria da Agricultura.



Grupo feito no encerramento do Concurso Leiteiro. Aparecem na foto vários técnicos e criadores mineiros, e a campeã, a vaca «Pimpona».

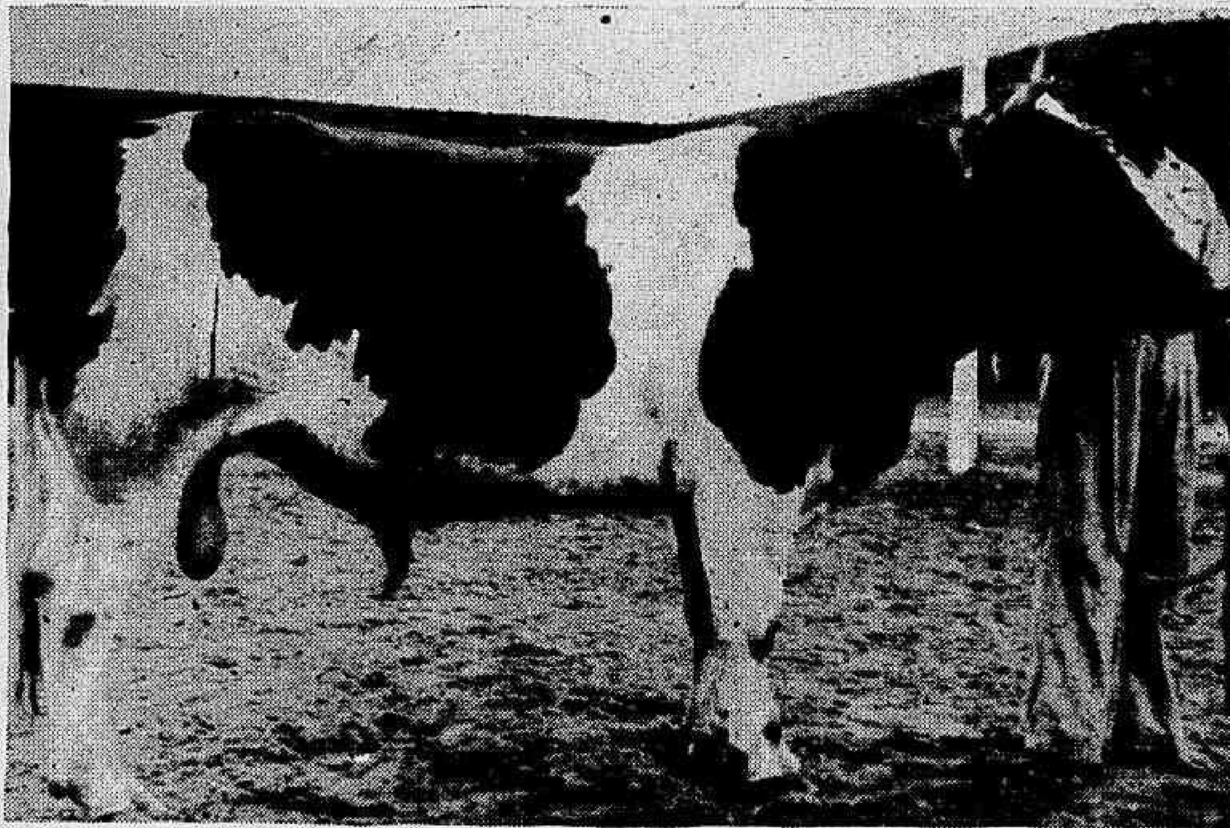


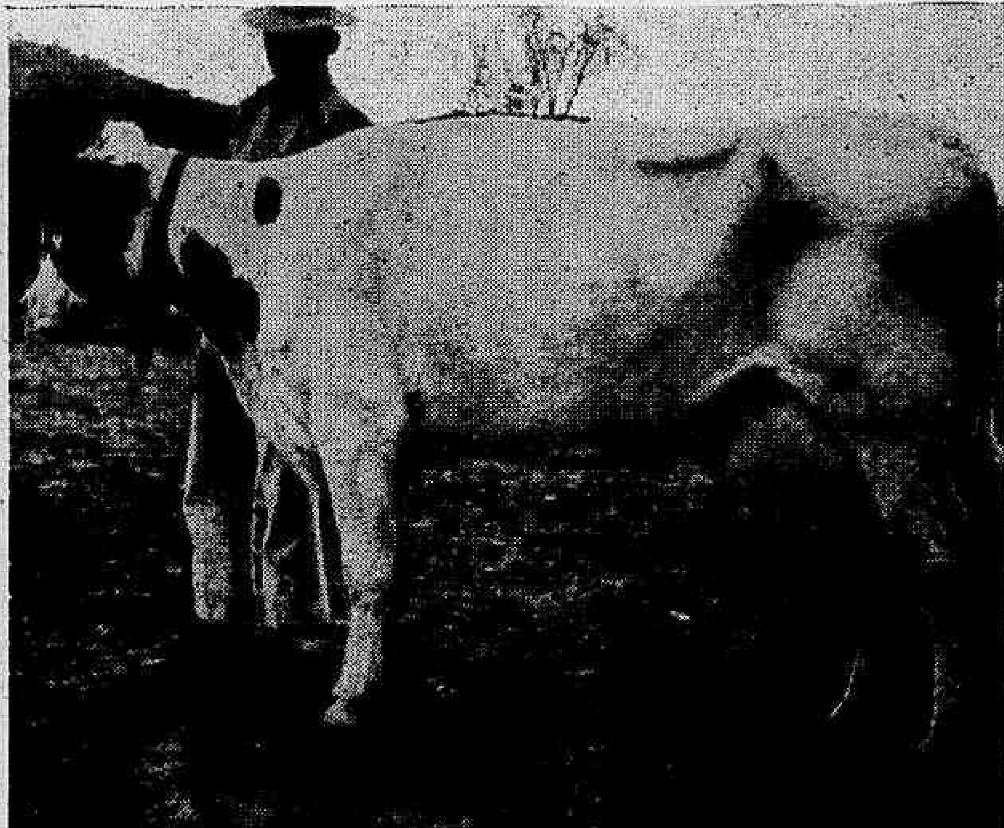
Os campeões da raça Holandesa Vermelho e Branco, são vistos aqui, aparecendo em segundo plano a comissão julgadora e pecuaristas locais.

A FAZENDA "HERDADE" NA XII EXPOSIÇÃO DE JUIZ DE FORA

A Fazenda da Herdade, de propriedade do pecuarista e agricultor sr. José de Andrade Reis, situada no município de Mathias Barbosa, é um dos expoentes da produção agro pastoril de Minas, dedicando-se à criação de gado holandês prêto e branco e vermelho e branco, de cavalos da afamada raça Mangalarga e à cultura de café e cereais. Nas exposições de Juiz de Fora tem sempre alcançado invejável êxito com os seus produtor, e agora mesmo, na 13ª ora realizada, conquistou treze honrosas classificações, constantes de 6 primeiros, 5 segundos e 2 terceiros prêmios, entre êstes o 1º prêmio de milho híbrido, obtido com sementes adquiridas da Secretaria de Agricultura de Minas. Os seus cafezais têm produzido uma média de 150 arrobas por 1.000 pés, devido às adubações feitas com adubo orgânico associado ao químico. Com a vaca «Princesa», da raça Holandesa Preta e Branca, conseguiu a Fazenda da Herdade o 1º Prêmio do Concurso Leiteiro da XIII Exposição de Juiz de Fora, na categoria de vacas de grande porte com 1 e 2 crias, com a produção de 82,950 klgrs. em 3 dias de lactação. Esta página reproduz uma vista panorâmica da Fazenda da Herdade e mais cinco flagrantes da sua vitoriosa participação naquela exposição.

A esquerda — Vista panorâmica da Fazenda da Herdade, aparecendo no primeiro plano o gado holandês prêto e branco. Destaca-se a confortável casa de residência, e logo atrás vê-se parte do bem cuidado cafèzal da estância.





A esquerda — «Herdade-Horizonte II», 1º Prêmio da raça Holandesa Vermelho e Branco. P.C. 32 meses. Tat. o.d. EGR-10. A direita — «Princesa», 1º Prêmio de produção de leite da XIII Exposição, na categoria de vacas de grande porte com 1 e 2 crias, com o total de 82,950 klgrs. Raça Holandesa Prêto e Branco. P.C.







A esquerda — «Baluarte II»; «Cadillac» e «Torpedo», 1º, 2º e 3º Prêmios da raça Mangalarga na classe de potros de 1 ano. São filhos do campeão «Baluarte», hoje em serviço de monta no Ministério da Agricultura e que obteve, no registro da Associação Mineira de Cavalo Marchador da Raça Mangalarga o máximo de 100 pontos, o que também foi conseguido pela égua «Mangalarga II», no registro de fêmeas (também criação da Fazenda da Herdade). Ao centro — o sr. José de Andrade Reis, proprietário da Fazenda da Herdade, recebe das mãos do secretário da Agricultura de Minas os prêmios conquistados na XIII Exposição de Juiz de Fora. A direita — «Baluarte II», 1º Prêmio da raça Mangalarga. 1 ano.

CONSEGUIRÁ LETTY A CHANCE DE IR AO BAILE COM AS OUTRAS MOÇAS?

A TIMIDEZ DE LETTY







Eu sempre fui muito tímida diante dos homens. Mas com aquêle eu criei coragem. Era tão gentil e belo! Era o tipo com o qual sonhava!













PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 15 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — O INCONFIDENTE TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA ERA:

Português?
Brasileiro?
Espanhol?

2 — QUAL É O MAIS FAMOSO QUADRO DO PINTOR PEDRO AMÉRICO:

Batalha de Avaí?
Primeira missa no Brasil?
Ataque à ilha do Carvalho?

3 — QUANTAS ESTÁTUAS DE PRAXÍTELES FORAM DESCOBERTAS, ATÉ HOJE, NO MUNDO:

Uma?
Cinco?
Oito?

4 — COM QUE IDADE MIGUEL ANGELO TERMINOU SUA ÚLTIMA OBRA DE ESCULTURA:

76?
81?
90?

5 — QUANTOS SÃO OS ELEMENTOS EM QUE SE BASEIA A MÚSICA:

Cinco?
Três?
Dois?

6 — DE ONDE SE ORIGINOU O «JAZZ-BAND»:

Dos negros norte-americanos?
De Cuba?
Do México?

7 — EM QUE PARTE DA BÍBLIA SE PROIBE A ADORAÇÃO DE IMAGENS:

No Velho Testamento?
No Evangelho de S. Marcos?
Nos atos dos Apóstolos?

8 — QUAL ERA O PRIMEIRO NOME DE BEETHOVEN:

Guilherme?
João?
Luís?

9 — QUAL O INSTRUMENTO MUSICAL DE EFEITOS MAIS EMOCIONANTES, QUASE SOBRENATURAL:

A harpa?
A vina indiana?
O violino?

10 — QUE FAZEM OS ÍNDIOS NORTE-AMERICANOS «ZUNIS», QUANDO QUEREM QUE CHOVA:

Dançam?
Gritam?
Rezam?

11 — QUANTOS SÃO OS PAÍSES QUE TÊM AS MAIS POPULARES E BELAS DANÇAS DO MUNDO:

Cinco?
Três?
Dois?

12 — QUAL O FILME QUE MAIOR RENDA JÁ DEU, EXCETUADO «E O VENTO LEVOU»::

Ben Hur?
Casablanca?
O nascimento de uma nação?

13 — EM QUE ANO FORAM LANÇADOS OS PRIMEIROS FILMES FALADOS:

1925?
1927?
1930?

14 — QUAL O MAIS INTELIGENTE HABITANTE DOS MARES:

A foca?
A tartaruga?
O espadarte?

15 — QUAL O ANIMAL QUE, APÓS MUDAR DE PELE, COME-A:

A cobra?
O sapo?
O jacaré?

(Respostas na pág. 52)

"SEU" ISAAC...

(Cont. da pág. 34)

roupa novinha em fôlha, engomada e lustroza, tênis e meias, segurando uma vela muito grande e fina. Estava convencido, com ares de gente importante, porque minha mãe dissera, e o padre confirmara no sermão, ser aquêle dia o mais sério de tôda nossa vida: havíamos recebido, na santa comunhão, o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesús Cristo! Lembro-me bem da festinha em casa de um vizinho, companheiro de primeira comunhão. Servira-me demasiadamente na mesa de doces, repetira duas ou três vêzes a xícara de chocolate, provocando dois fortes beliscões de minha mãe e constantes olhares de reprovação das pessoas presentes. Passei o resto do dia felicíssimo, fazendo inveja à mulecada da rua. Trouxera os bolsos recheiados de doces e bombons, subtraidos, às escondidas, da farta mesa do meu anfitrião.

O ato civil do casamento esteve a cargo do dr. Borges, já meu conhecido. Semanalmente aparecia no jornal para fazer inserir no suplemento literário dominical sonetos de sua lavra, de péssimo gôsto. Amigo da situação dominante, contra-parente do prefeito, únicos méritos que lhe garantiam meia coluna do nosso suplemento.

★

Excusado é dizer que, sob o ponto de vista financeiro, o casamento não melhorou minha situação. Pelo contrário, agravou-a, com mais uma boca para comer e as despezas duplicadas com o quarto da pensão. Róque, por quatro longos anos meu companheiro de quarto, procurara outro senhorio. Uma cama de casal substituira as duas de solteiro, — única modificação sofrida no **aposento.**

Solteiro pouco tinha do que me queixar da vida. Casado é que seria preciso o milagre da multiplicação para fazer com que o escasso ordenado desse para duas pessoas viver **decentemente.**

Clotilde, silenciosa, compreensiva, conformada, não reclamava nunca. Ajudava como podia. Cuidava da lavagem da roupa branca, passava a ferro, costurava e remendava buracos. Sempre me esperava acordada, pacientemente, remendando meia, engomando camisas, ou lendo qualquer coisa — um jornal, uma revista, um romance de Delly-Ardel. Recebia-me com um sorriso de indisfarçavel alegria. Acho que Clotilde me amava, e muito, para suportar uma vida daquelas. Eram para nós as melhores horas, tarde da noite, quando juntos estavamos, a conversar, trocando idéias, falando muito do passado e pouco do futuro. Contava-me histórias, que eu supunha irreais, para passar o tempo, frutos de sua imaginação, arremêdos dos romances lidos. Relatava-me como enriquecera um seu tio nos cafesais de São Paulo, passando de retirante a trabalhador alugado, tornando-se depois feitor e por último proprietário de milhares e milhares de hectares de terras rôxas, dadeiras de café, lá p'ras bandas de Piracicaba. E falava do tio Jerônimo, no palácio de sua residência, na criadagem servil, na sua imensidão de terras, nas suas jóias, seus valôres, seu capricho de permanecer solteirão, seu egoismo em não querer saber dos parentes pobres, quase miseráveis, distantes.

Criei ódio ao tio Jerônimo. Ódio às suas terras, jóias, e riquezas. Ódio ao seu egoismo, à sua indiferença pela sorte alheia. De nada porém adiantaria o meu ódio. Seria impotente, passivo, mais cêdo ou mais tarde desapareceria pelo esquecimento. Afinal de contas nem sei bem qualificar o sentimento que agasalhava, se ódio ou inveja. Talvêz até inveja, despeito. Porque quando invejamos passamos concomitantemente a odiar.

★

Foi numa dessas noites em que voltava do jornal, mais morto do que vivo, sonolento e abatido pelo trabalho estafante (caminhara o dia inteiro colhendo material para duas reportagens) que Clotilde me participara a novidade: estava grávida. A notícia surpreendeu-me como se uma bomba caisse aos meus pés. Grávida!? Não, não podia ser! Impossível! Ninguem me faria acreditar num absordo daqueles. Ninguem, ouviu, ninguem! Dirigi-me a Clotilde quase aos gritos. Pedi-lhe confirmação. Sim — respondeu-me — estava grávida, repetia-me sempre numa explosão de chôro e histerismo. Que mal havia nisto!? Qual o absurdo!? Não era casada, no padre e no juiz!? Todos tinham filhos, como não os haveria de ter!? Jamais pensara que a notícia me irritasse tanto. Supunha-me causaria contentamento, orgulho, felicidade, pois todos os maridos recebiam com carinho novidades como aquela, mormente se tratando do primeiro filho! Depois de falar, visivelmente fóra de si, num só fôlego, Clotilde caiu sôbre a cama num acesso de chôro insopitável. Sacudiam-na os soluços que debalde procurava abafar contra o travesseiro.

Eu ouvira tudo calado, impassível, sem ação, como num sonho, num pesadelo. Saí à rua, sem procurar consolá-la, batendo a porta com fôrça para sentir que estava acordado. A raiva me dominava, raiva de mim mesmo, da explosão extemporanea do meu gênio irrascivel, da grosseria inominavel que fizera.

Depois de dois anos de casado fôra a primeira desinteligência que tivera com Clotilde. E por minha única culpa.

SEISCENTAS ESPÔSAS

(Cont. da pág. 24)

mas de educação dos seus habitantes. Mas a educação nessa região está ainda confiada, exclusivamente, aos particulares. Ela é, principalmente, religiosa, cristã ou maometana. As escolas mantidas pelas várias seitas religiosas estão atraindo a maioria das crianças e espera-se que nêstes próximos dez anos a situação haja mudado, devido à influência que êsses núcleos de civilização vão exercendo nas populações.

A educação dos adultos baseia-se nos métodos profissionais. Mas êsses tipos de escolas existem, infelizmente, apenas nas cidades. Ha cursos de alfaiates, operários siderurgicos, mecânicos, eletricistas. As mulhéres têm uma escola de costura e trabalhos domésticos, situada em Vitória e talvez a única dêsse gênero no país.

Os trabalhos que vivem nas cidades constituem apenas 20 % da população, cujo restante se ocupa dos trabalhos agrícolas. A vida no campo apresenta no Camerum dois aspéctos. No sul as tribus negras foram despejadas de suas terras durante o tempo da dominação alemã. Atualmente essas terras tornaram-se propriedade de cooperativas públicas. No norte os indígenas utilizam com habilidade tôda porção de terra que possuem. Apezar das dificuldades de terreno, os indigenas exercem uma grande atividade, não medindo sacrifícios para tornar férteis e produtivas as suas glebas.

A SITUAÇÃO ECONÔMICA DO PAIS

Vem melhorando a situação econômica do país e hoje as mercadorias e matérias primas exportadas contrabalançam as importações. O país é muito rico e ao tornar-se independente poderá explorar suas jazidas de diamantes, suas minas de ouro e sua produção de cacáu, óleo, havea, etc., de tamanha procura por parte do mundo civilizado. (IPA).

A GILDA...

(Cont. da pág. 22)

vido. Parecia dizer-lhe: "Capitão, eu quero os meus filhos que dormem no fundo do rio de águas paradas. Estou sôzinha no mundo. No latido dos cães não ouço a voz de nenhum dos meus filhos; o gemído do vento que vem do mar lembra-me o chôro fino dos meus filhinhos, quando os teus soldados lançaram-nos ao rio.

Tu me tiraste ainda do ôlho a luz que

Deus me deu. Eu te dei uma vida de humildade; tu me deste a cegueira, a morte de meus filhos, as cicatrizes.

Agora eu te acuso. E a acusação muda dos animais é mais eloqüente do que a palavra do homem. Porque em nosso silêncio fala a imensa e eterna justiça do céu. Porque não tentas, capitão, com a ponta da tua espada, calar a voz dessa justiça que vai gritar no âmago da tua consciência? Porque não te atreves a arranhar, com as tuas esporas sonantes, a face dessa justiça que em breve se erguerá diante de ti?

Capitão, capitão, momentos de angústias te esperam!"

O capitão ergueu-se agitado.

Em sua frente apareceu a grande Penitenciária. Uma idéia viva de culpa, de condenação, encheu-o de melancolia.

— Sim, enquanto houver consciências há sempre de haver também vozes acusadoras — pensou tristemente.

E rumou para o destacamento. Gilda seguiu-o.

Na manhã do outro dia um soldado acomodou a cachorra num caixão de querozene. Levou-a para casa a pedido do capitão.

Nem só dos lábios humanos brotam acusações.

A CINELÂNDIA TEM...

(Cont. da pág. 33)

O primeiro arranha-céu a ser inaugurado foi o **Capitólio**, com capacidade para 1.200 pessoas. Seguiram-se depois o **Glória**, o **Império** e o **Odeon**.

Vencida essa tremenda fase uma outra não menos gigantesca se apresentava. Era a de animar os negociantes a instalarem os seus ramos de comércio na Cinelândia, deslocando-se do centro, ou mesmo dando esperanças aos **novos** para iniciarem ali uma vida comercial, próspera e feliz. Outra vez Serrador via-se em palpos de aranha, como em geral se diz. Ninguém achava bom o negócio. Ainda se desconfiava que simples espetá culos de fitas levassem a multidão da cidade, acostumada com a rua do Ouvidor, para uma das pontas da nossa maior Avenida. Serrador, então, associava-se a um e a outro, obrigando, por assim dizer, **êste** ou **aquêle** a montar naquele novo reduto que surgia, pequenas casas comerciais, por não haver grandes negociantes que aceitassem um tal empreendimento. Foram então aparecendo os primeiros bares da Cinelândia, as sorveterias (das quais a Americana é ainda hoje representativa), alguns pequenos **cafés** e, sobretudo, uma novidade que assinalou a época — o **cachorro-quente**.

Vinha gente de longe, e até mesmo dos bairros distantes, procurar o sanduíche famoso que era um pedaço de linguiça quente num pãozinho macio. Autos particulares e até mesmo altas personalidades do mundo oficial desciam dos seus carros de classe para saborear a novidadezinha culinária e muito americana.

O **cachorro quente** foi um dos inventos que teve a virtude de conquistar indistintamente o operário, o frade, o mendigo, o capitalista, o boêmio, o aristocrata, a simples costureirinha ou a mais ilustre dama. Todos queriam vê-lo, senti-lo, comê-lo.

★

Dentro em pouco o seu esfôrço inaudito tinha a justa recompensa. A cidade era evidentemente seduzida pelos «elefantes brancos» (assim chamava o carioca os palácios dos cinemas). Lançavam-se nêles filmes condignos. Citaremos no **Odeon** o «Corcunda de Notre Dame» (Universal), «Varieté» (Ufa), «Miguel Strogoff», etc. No **Glória** a United Artists firmava-se ràpidamente com produções do quilate de «Ladrão de Bagdá», «O Filho do Sheik», «A Marca do Zorro», «O Filho do Zorro», «Lágrimas de Homem», etc. O **Capitólio** e **Império** lançaram «Beau Gest», «Tentação da Carne», «Última Ordem», «Grande Hotel», etc.

A reputação do chamado quarteirão Serrador começava a ser firmada. Os cinemas que restavam na Avenida passaram à segunda categoria.

Marc Ferez e filhos, conservando o **Patèzinho**, constroem o **Pathé-Palace**, na linha dos cinemas de Serrador e aí apresenta também excelentes celulóides. Abre-se o **Palácio-Teatro** e a **Metro-Goldwyn-Mayer**, que já vinha exibindo muito boas produções, tais como «Ben-Hur» e «Big-Parade», continuava a empolgar as platéias.

Surge, enfim, o ano de 1929 em que o Rio conhece o **cinema falado**. O **Palácio** inaugura êsse sistema de voz com o filme «Broadway Melody» da Metro. São seis semanas de sucesso incrível. A cidade inteira decora, através dos discos, o **Joy Were ment for me**. A seguir, o Odeon anuncia «Fox-Folies». Sucesso louco! Mais seis semanas de enchente. E, assim, de vitória em vitória, a Cinelândia vai tornando-se o bairro preferido do «set» carioca, bairro êste que por uma inconcebível injustiça ainda não se denominou, oficialmente, Serrador. E' aí que o Rio maravilhoso, enche hoje, nas tardes maravilhosas do carioca, as sorveterias e as casas de chá...

Eis, assim, formada a Cinelândia. Já não era uma utopia. Era uma realização. Era a maior prova de tenacidade de Francisco Serrador, de sua têmpera de aço, exemplo para obras arrojadas.

★

Agora, passados tantos anos, a Cinelândia se vai estendendo cada vez mais, ganhando a rua do Passeio, Senador Dantas e arredores. Ninguém mais discute que é para ali que todo o povo carioca aflui, a fim de recrear o espírito, depois das constantes preocupações da vida.

Para ali, até mesmo os que nada fazem, as almas puramente contemplativas, os ricos que não precisam trabalhar, os pobres que não podem trabalhar, os boêmios que necessitam sonhar, as crianças que procuram brincar... Todos, todos os cariocas, gostam da Cinelândia de Serrador.

O bom-gôsto e o requinte da cidade está na Cinelândia. O seu comércio é intensíssimo. Nada falta. Há desde o amendoim torradinho, que os garotos vendem, até os caros manjares da Sorveteria Americana.

Em verdade, a Cinelândia tem três caras. De manhã apresenta um aspecto pacato. Os cinemas e teatros estão fechados. A maioria das casas comerciais só abre as suas portas depois das 10 horas. À tarde, entretanto, por volta das 16 horas, a face é outra. As filas dos cinemas são enormes. Os teatros dão vesperais, as casas de chá e sorveterias sempre cheias, afora o grande movimento comercial pròpriamente dito. À noite, no entanto é que a Cinelândia se apresenta em tôda a sua forma. Vale a pena vê-la nos dias de sábado e domingo. Ao contrários dos outros bairros, não há **footing**. O movimento é enorme, gigantesco, mesmo. Não há palavras capazes de descrever o luxo e a beleza das mulheres. Por mais que se esforcem os poetas do **Café Amarelinho** não conseguem, com a rima, tal proeza pois ante tanta beleza **«cessa tudo quanto a antiga musa canta»** — diria Camões. Daí o eterno sonho de tôda moça suburbana em conhecer rapaz apresentável, **alinhado**, que a leva a tomar sorvete na Confeitaria Americana!... O' isso é um sonho!... Ir ao cinema **Metro** ou **Plaza**... e após tomar chá com torradas na America na!...

No primeiro andar do Hotel Serrador está o **Night and Day**, «boite» de luxo, onde se dança à meia-luz ao som de românticos blues e boleros. Mulheres bonitas, vestindo roupas vaporosas... se espreguiçam nos braços de cavalheiros **respeitáveis**. Ó Rio Maravilhoso!... Ó Rio da perdição!...

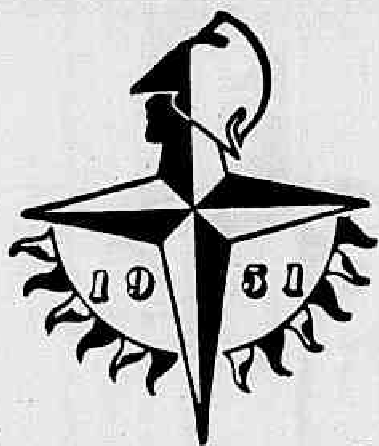
Em frente ao **Night and Day** fica o **Brasil Danças**. Mulheres de vida irregular, mas de rara beleza, levam a vida a dançar... a dançar... indefinidamente... São, em verdade, dançarinas profissionais. Possuem carteira do Ministério do Trabalho e são, periòdicamente, submetidas a exame de saúde.

Quando o cavalheiro entra o porteiro entrega-lhe um cartão. Cada dança corresponde a um furo feito no referido cartão, pelo picotador do dancing.

(Cont. da pág. 54)

Respostas ao teste

1—Português
2—Primeira missa no Brasil
3—Uma (Hermes)
4—Noventa sua segunda Piedade)
5—Três (melodia, ritmo, harmonia)
6—Dos negros norte-americanos
7—No Velho Testamento
8—Luís (von Beethoven)
9—Vina (da Índia)
10—Dançam
11—Três (Rússia, Hungria e Espanha)
12—O nascimento de uma nação
13—1927
14—A foca
15—O sapo.



De maio a setembro a Grã-Bretanha receberá o mundo

Impossível descrever tôda a grandiosidade do Festival de Artes e Indústrias que o povo britânico está organizando e que abrange todo o país. Nêsse festival será posto em exposição — de uma ponta a outra — o território das Ilhas Britânicas, perante os nacionais e perante os estrangeiros. Seja, o senhor também, um dos visitantes da Grã-Bretanha, que se prepara condignament para o receber. E para essa visita, viaje pel ar. A tripulação da B. O. A. C. se caracteriza pela prática e experiência em vôos a longa distância e é famoso em todo o mundo pela gentileza e atenção que dispensa ao passageiros.

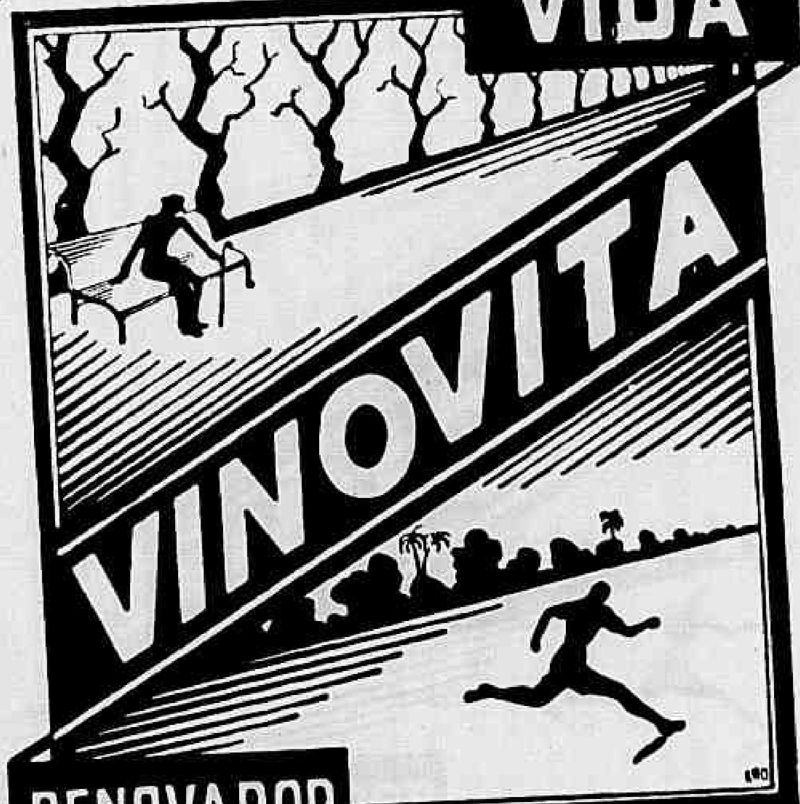
VÔE PELA B·O·A·C

COM A TRADICIONAL CORTESIA BRITÂNICA



BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE



SAÚDE DO BEBÊ

A GAGUEIRA INFANTIL E SEUS PROBLEMAS

DR. SABOIA RIBEIRO

SÔBRE a gagueira ainda não se chegou a um conhecimento preciso, e tudo que parece mais esclarecido, em matéria de pesquisa, é que existe, no gago, uma espécie de diminuição dos iontes de potássio, aos quais se atribue determinado papel na transmissão dos impulsos nervosos, controlando-os na sua justa medida.

O conhecimento precóce do distúrbio é muito importante, já que certas normas, devem ser observadas diante das primeiras manifestações do mesmo, as quais surgem na criança entre os 3 ou 4 anos, geralmente.

Vamos aqui reproduzir, guardando a máxima fidelidade nos conceitos e acertos, um artigo da «Resenha Clínico-Científica», número de abril dêste ano, que aborda êste assunto, segundo as mais recentes aquisições dos estudos feitos em tôrno da gagueira.

Naquela idade o diagnóstico nem sempre é fácil porque fenômenos de todo análogos podem encontrar-se em crianças perfeitamente normais da mesma idade.

Há, contudo, um traço distintivo: é que na criança normal a repetição que se verifica é antes de palavras inteiras, ao passo que no verdadeiro gago a repetição interessa especialmente algumas iniciais ou sílabas inteiras.

Nos primeiros, passa depressa a tendência às hesitações e repetições de palavras, ao contrário dos últimos, nos quais umas e outras persistem.

«Com a evolução do vocabulário infantil o distúrbio se torna mais evidente e se faz acompanhar por uma espécie de contratura espasmódica de certos músculos (dos lábios, da língua, das bochechas, da glote) em coincidência com a pronúncia de determinadas letras, seja em forma tônica ou clônica, explosiva».

Já então dá-se conta a criança de seu defeito de linguagem e com isso intervém um fator emotivo expresso na sua preocupação ansiosa de falar certo e sem tropeços, conjugando todos seus esforços, que aparecem nos movimentos dos olhos, da cabeça, do pescoço, dos membros, com distúrbios da respiração, etc.

Tudo isso, porém, apenas aumenta a tensão nervosa e leva ao descontrôle na articulação das palavras (e o mesmo acontece, de resto, ainda entre as pessoas normais), pelo desequilíbrio emocional.

Na escola leva ao riso, à galhofa. Daí certos reflexos sôbre a personalidade da criança, que se torna reservada no perguntar e que, por outro lado, vê os professores interrogá-la menos, como a poupá-la.

Como resultado o pequeno gago se isola, pelo temor do ridículo, as chufas dos companheiros, o sentimento de inferioridade.

E' um meio de defesa com que se furta a manifestar as próprias convicções, «a defender-se dos ataques e no constituir as correntes naturais de simpatia que formam o ambiente no qual a personalidade se firma».

Como se vê, a gagueira produz reflexos profundos na formação da personalidade da criança que, com ela grandemente agravada pela adolescência, torna-se naturalmente insociável e introvertida, «não raro com verdadeiro complexo de inferioridade».

Felizmente, para a idade adulta, êsse complexo se reduz, pois, então, o distúrbio torna-se elemento do próprio Eu, ao qual o indivíduo se habituou e se adaptou com o aparecimento de uma série de atos compensadores, «como particularmente o domínio de si mesmo capaz de trazer em condições normais o equilíbrio emocional».

Agora a parte mais interessante, o comportamento com vistas ao tratamento da gagueira.

«Nas formas iniciais considera-se geralmente que a melhor atitude a assumir diante do gago, seja a de ignorá-lo, de não fazer conta dêle; em 50% dos casos o defeito se corrige por si».

«Isto se obtém, antes de tudo, tranquilizando especialmente a mãe da criança e restituindo aos pais a confiança».

«Não se deve chamar a atenção da criança sôbre o seu defeito; deve-se-lhe falar com naturalidade, evitando enriquecer intempestivamente seu vocabulário, estudando as ocasiões e as circunstâncias em que a criança fala mais fàcilmente e tratando de reproduzí-las e estimulá-las; é preciso proporcionar-lhe cada dia algumas horas de completa calma, lendo-lhe alguma coisa e distraindo-a, sem a fazer falar».

Cumpre não perder de vista que, inicialmente, segundo certos conhecimentos, a gagueira possui uma causa orgânica, mas passageira, ligada a uma certa imaturidade da área cerebral da linguagem por um tal ou qual retardamento da respectiva mielinização e consequente distúrbio da palavra.

«A êste defeito orgânico primário se sobreporiam os fenômenos de ordem psíquica acima recordados».

Evitar, portanto, uma demasiada atenção sôbre o defeito a ponto de criar a preocupação ansiosa da criança nos momentos em que faz uso da palavra, eis um cuidado primordial e, sem dúvida, logo compreensível.

Nada que possa intensificar os fatôres emocionais que em geral acompanham a gagueira. «A base do tratamento na idade escolar é fundada na expectativa de que se complete a maturação das áreas corticais da linguagem».

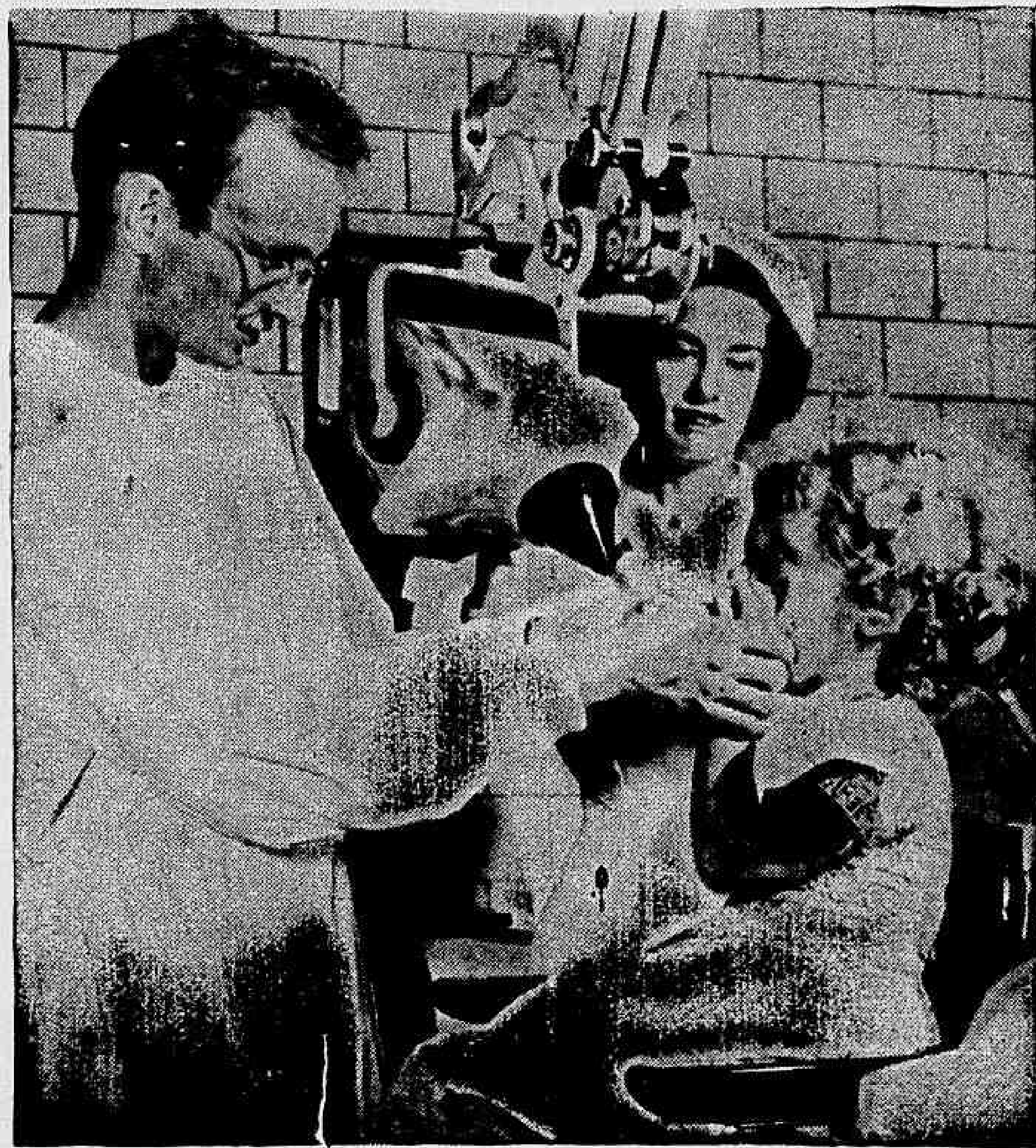
Medicamentos contra a gagueira não existem.

«Na criança maior e no adulto, tudo deve visar reeducar a palavra com a técnica individualmente mais adequada; em geral, uma vez estabelecida a gagueira em caráter permanente, o tratamento deve ser orientado mais no sentido de normalizar a psique e o comportamento do gago que a suprimir efetivamente o distúrbio».

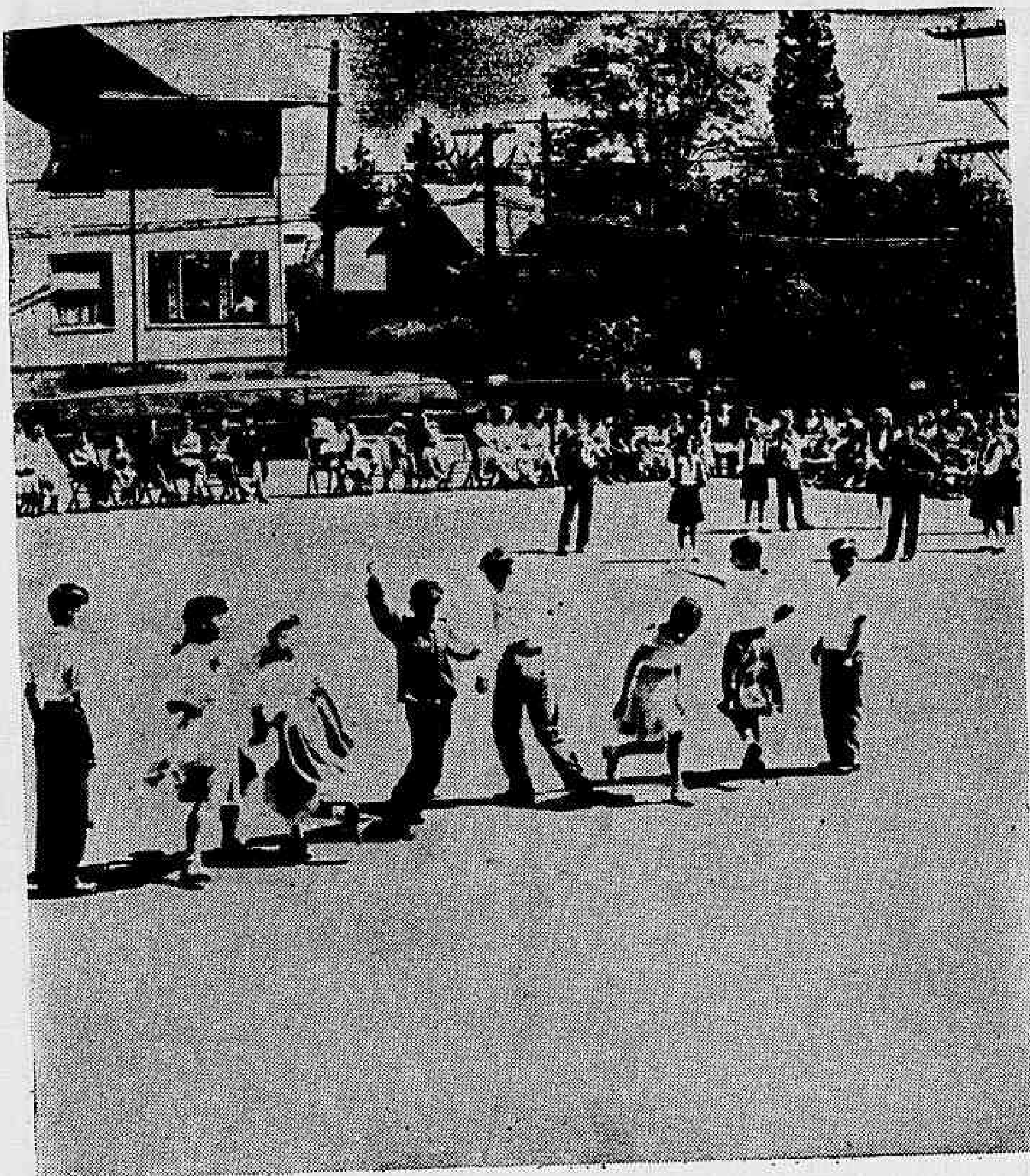


UM GAROTINHO de dois anos monta um lhama no jardim zoológico de Bronx, Nova York, e está mesmo convencido de que nesse passo irá até ao Perú.

PROTEGENDO AS CRIANÇAS



UMA CRIANÇA sob cuidados odontológicos no «Children's Memorial Hospital» em Chicago, onde tôdas as crianças são tratadas com o maior carinho.



GRUPO DE crianças de uma escola de Seattle, Washington, em horas de recreio, dançam um número folclórico, à vista dos parentes, colegas e mestres.

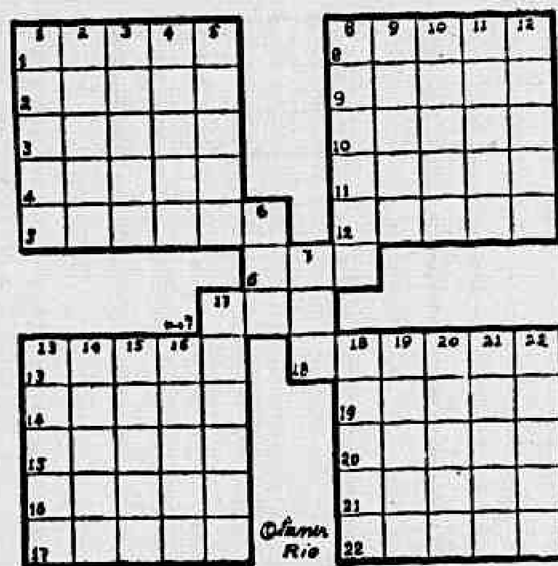
NADA mais importante para uma sociedade do que o cuidado, o carinho, a proteção que os adultos devem ter pelas crianças. Nos Estados Unidos há verdadeira adoração pelos pequeninos. Não sòmente o Govêrno, mas as associações em geral, as instituições sociais de caráter particular, as escolas, os estabelecimentos de ensino profissional, etc., dedicam a maior atenção ao mundo infantil. E' comovedor o esfôrço que os norte-americanos fazem a fim de ajudar as campanhas contra a paralisia infantil, cercando as crianças de tudo o que é possível fazer-se para dar os doentes um pouco de prazer e confiança na vida. No jardim zoológico, tudo o que puder ser feito para divertir os garôtos, é feito e bem feito.



CENA TOMADA no «United Nations International Children's Emergency Fund», na Tchecoslováquia, na luta contra a tuberculose. Esta criança volta ao lar.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 61 — PARA VETERANOS

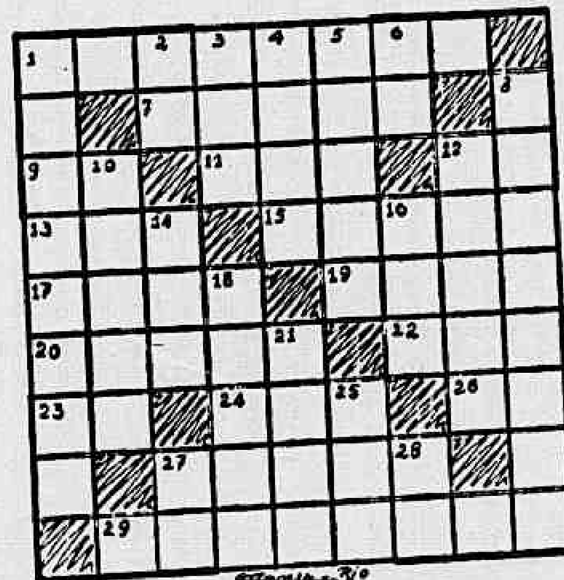


HORIZONTAIS: — 1. Estar de ataláia — 2. Terreno arenoso, à beira mar, alagado no inverno — 3 Examinas com atenção — 4. Iguaria feita com massa de feijão cozido, adubado com pimenta e azeite de dendê — 5. Tocara de leve — 6. Água-rás — 7. Herói epônimo dos Cários — 8. Querido com predileção — 9. Apagar — 10. Embrulho — 11. Aquêle que concede — 12. Pregara — 13. Protozoário sem membrana que se move por pseudópodes — 14. Exprimir por mímicas — 15. Magnetizo — 16. Pertencente a senhores feudais e de que os vassalos se serviam pagando um foro — 17. Arriosca, armadilha — 18. Amortizar dívidas — 19. Índio da tribo que habitava os rios S. Francisco e Jaguaribe — 20. — Abafam — 21. Perfume forte — 22. Lutar.

VERTICAIS: — 1. Roseta — 2. Japara — 3. Escavação mais ou menos profunda para a mineração (pl.) — 4. Cidade episcopal da África, perto de Cártago — 5. Igualara — 6. Constelação austral — 7. Tinhorão — 8. Período em que a ama-de-leite amamenta uma criança (pl.) — 9. Saciar — 10. Presa — 11. Pessoa que dá — 12. Pedira — 13. Ameba — 14. Tratar com carinho — 15. Imanizo — 16. Vulgar — 17. Indivíduo que tem coroa aberta — 18. Destruir — 19. Índio brasileiro da família Tupí-Guaraní — 20. Escondem — 21. Coisa que embriaga — 22. Nadar.

*

PROBLEMA N. 61 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. País da Europa — 7. Enganar-se — 9. Pronome pessoal — 11. Seguiam — 12. Ana-sêca — 13. Gemidos — 15. Alugam — 17. Descarga elétrica — 19. Principal compartimento de uma casa — 20. Pateta — 22. A casa — 23. Basta! — 24. Aia — 26. Sadia — 27. Animal carnívoro da família dos Mustelídeos — 29. Cidade e lagoa do Estado do Rio de Janeiro.

VERTICAIS: — 1. Mentirola jactanciosa — 2. Criminosa — 3. Prefixo que significa três — 4. Grande rio da Rússia — 5. Ruminante semelhante ao veado (pl.) — 6. Brisa — 8. Companheiro de quarto — 10. Mãe-dágua — 12. Projetil de arma de fogo (pl.) — 14. Fecha as asas para descer mais depressa — 16. Óxido de cálcio — 18. Rezara — 21. Gostar — 25. Sapo das regiões do Amazonas — 27. Andar — 28. Nome de vários rios da Europa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 60

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Ad — Ro — Hap — Dom — Gos — Recemosos — Li — Om — Ba — Ata — Eu — Ornitodelfo — Og — Ele — Ea — Ai — Ri — Enxaguara — Ora — Rir — Alp — Rã — Oi!

VERTICAIS: — Ah! — Dar — Somatologia — Ros — Os — Palangana — De — Mó — Gomeleira — Ci — Só — Pró — Até — Ade — Ufa! — IX — Rã — Era — Ar — Ur — Aló — Or — Pi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Lar — Acamara — Bates — Canis — Mar — Alar — Mato — Sal — Catar — Varar — Adorara — S.O.S.

VERTICAIS: — Latir — Ames — Ras — Abalara — Canal — Acatara — Cãs — Matar — Ror — Marás — Caro — Vós.

NOTA: — Damos hoje — as respostas do problema nº 58, que deveriam ter sido publicadas no número passado. Ficando sem efeito as respostas do problema nº 59.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 58

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Bar — Lai — Sarabanda — Irás — Nuas — Abreviado — Arí — Are — Arar — Dis — Amo — Eo — Aspo.

VERTICAIS: — Bárbara — Araruama — Raeiros — Laniádeo — Anuário — Idades — Sia — Asa — Par.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Ramo — Ares — Amarelado — Rã — Ara — El — Ana — Ama — Has — Ubá — Ler — Ata — A.C. — Irí — Or — Mentiroso — Aria — Aios.

VERTICAIS: — Rara — Amanhecer — Ma — Ora — Ala — Rã — Edematoso — Sola — Era — Aar — Aba — Lama — Arí — Aros — Ita — Ira — Ni — Oi!

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

A CINELÂNDIA TEM...

(Cont. da pág. 31)

Paga-se Cr$ 3,00 por furo. Os cavaleiros podem beber e fumar; as damas não podem fazer nada disso, enquanto estiverem trabalhando. A Delegacia de Costumes e Diversões tem em cada **dancing** dois ou três policiais para manter a ordem.

E' muito comum encontrar-se, nessas casas, mulheres da alta sociedade. Durante muito tempo foi dançarina em uma delas uma princesa européia. Tal e qual os artistas de cinema, a dançarina muda o nome ao abraçar a profissão. Procuram, assim, resguardar o conceito de suas famílias, pois quase tôdas são espôsas de médicos, dentistas e advogados, e estando desquitadas ou separadas dos maridos, procuram ganhar a vida **honestamente**, dançando.

Ao lado dos **dancings** estão os salões de beleza. Muitos estão situados no mesmo edifício. Não é em Copacabana e sim na Cinelândia que estão os mais afamados como o **Acossato** e o **Adoret**. Cabeleireiros vindos especialmente de Paris executam nas cabeças femininas penteados originalíssimos. Como a vida é muito agitada e ninguém pode perder tempo, as damas fazem ao mesmo tempo, o cabelo, as unhas (das mãos e dos pés), massagens de beleza, tomam café, lêem revista, sorriem, e ainda falam da vida alheia. Não há dúvida: só mesmo u'a mulher pode fazer tanta coisa ao mesmo tempo!...

Dia ou noite, chova ou faça sol, em frente ao Odeon venta sempre. E' uma coisa sabida. Por isso mesmo os **D. Juan** da Cinelândia ficam no passeio horas e horas, esperando o vento levantar os vestidos das mulheres para ver-lhes as pernas. E' um velho hábito do carioca. Já está muito «manjado», mas, apesar de tudo, perdura.

Os cafés **Atlântida** e **Meu Cantinho** são muito frequentados. O **Amarelinho** é o café dos intelectuais, se bem que, últimamente, o **Vermelinho** roubou-lhe muita freguesia. O sr. Hélio Bueno deu ao seu estabelecimento um nome muito singular — **Bar Badinho**, que nos faz lembrar a famosa Irmandade dos **Barbadinhos**. O bar fica pegado ao cinema **Vitória**, cinema, aliás, muito propício para os encontros amorosos clandestinos por ficar um tanto escondido. Todavia, enquanto a amada não chega o **D. Juan** «enche a cara» no **Bar Badinho**. Meladinha, pinga-com-limão e outras bebidas «inocentes» ali são servidas em taças de cristal. Depois, inteligentemente, o sr. Hélio Bueno oferece aos seus fregueses um **lava-bôca** desodorante, feito com essência de cravo. Assim, vaise ao cinema com a amada, pode-se beijá la à vontade sem o risco de estar cheirando a cachaça.

Assim é a Cinelândia. Luxo, esplendor e mistério. Amor nos olhares das mulheres bonitas, o pecado nas esquinas e a maliciosa espiritualidade dominando tudo. E o carioca gosta disso. Sente-se bem. E, se é sábado ou domingo, onde quer que esteja, diz orgulhosamente: «Hoje eu vou à Cinelândia». E ninguém pergunta — como se poderia esperar — fazer o que?! Não. Ir à Cinelândia é um culto; deixar de ir é ser biruta; é ser ante-social, é deixar de frequentar o que o Rio tem de melhor e mais grã-fino.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O RAPTO...

(Cont. da pág. 7)

tões ligadas à arte naval, de cujo Supremo Conselho era presidente, pondo as autoridades brasileiras a par de todos os progressos que iam ocorrendo nesse campo da técnica militar.

Foi também o duque de Saxe presidente honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e quando, em 1873 teve lugar a Exposição Universal de Viena, em que o Brasil se representou magnìficamente, S. A. Real foi o escolhido para presidir nossa representação no certame, cabendo a vice-presidência ao plenipotenciário do Império, o então Barão de Pôrto Seguro, Francisco Adolpho de Varnhagen.

(Continua)

OS PRÍNCIPES DA...

(Cont. da pág. 21)

Fotografias dos criminosos haviam sido distribuidas à imprensa e letras garrafais gritavam a necessidade de sua prisão. A família Matarazzo oferecia, então, duzentos mil cruzeiros a quem prendesse ou facilitasse a prisão dos dois fugitivos. E eis que, na manhã de domingo, dia 24, foram ambos encontrados, ainda a dormir, na fazenda Santa Rita, em Campinas.

Foram os raptores, bem como Severi que os denunciou, transportados para S. Paulo e tidos incomunicáveis. Mais uma vez, foi cerceada a liberdade de imprensa, pois não pudemos interrogar os prêsos, e dos interrogatórios nada transpirou.

ESTÁ MUITO MAL CONTADA A HISTÓRIA

Todavia, tudo nos leva a crêr que o rapto não teria passado de uma farsa, com a cumplicidade do próprio raptado, para extorquir dinheiro ao Conde e essa hipótese, a medida que passam os dias, vão se robustecendo, pois, segundo consta, Eduardo estaria devendo cêrca de cinco milhões de cruzeiros, dívida contraida em jôgo e diversões em São Paulo e no Rio.

Examinando o espetacular caso, com a imparcialidade que pauta os atos de um repórter, iniciariamos por dizer que o jovem milionário, além das dívidas, estaria ameaçado por seu pai de ficar sem a mesada de sessenta mil cruzeiros, caso fôsse reprovado nos exames. O rapto, portanto, sanaria as duas coisas. Não poderia prestar os exames, pagaria as dívidas e, conseqüentemente, continuaria a perceber a mesada.

Outro ponto a se notar é não ser concebível que um pai pusesse em risco de morte a vida de seu filho, estando ciente das finalidades dos raptores; avisando à polícia.

Em seguida, cumpre salientar que o jovem Eduardo, de início, declarou que seus raptores eram desconhecidos e que fora fortemente amarrado com "cordas", de maneira que, ao mínimo movimento, um laço lhe apertava o pescoço.

Sua fuga seria, dessarte, impossível se não se pudesse mover. Consta, do comunicado da família, que Eduardo soltou-se com a ajuda de uma tesoura de unhas e nós perguntamos como conseguiu êle tirá-la do bolso, com as mãos amarradas paratraz?

Mais tarde, quando da apreensão dos "móveis do crime", as amarras já não eram mais de corda e sim de couro!

Asseverou, ainda, o raptado que, raspando a cabeça no chão, conseguira destampar um dos ouvidos. Concordamos que despregasse o esparadrapo, o que já é difícil, mas como conseguiu tirar o algodão, se estava amarrado?

UMA CASA VAZIA E UMA CADEIRA QUEBRADA

Visitamos a casa da Av. Açocê, 19. Estava completamente vazia tendo, como mobiliário, apenas uma cadeira e, mesmo assim, quebrada. Diz-se que Eduardo permaneceu várias horas sentado e amarrado nessa cadeira. Porém, êste repórter averiguou ser tal cadeira fragilíssima e, por estar carunchada e quebrada, quase não aguentou seus 62 quilos. Suportaria o peso de Eduardinho?

Da casa, para a polícia para prender os culpados.

Ouvimos, na Av: Açocê, a doméstica Iracema Gustavo, empregada da casa vizinha ao n.º 19, que nos declarou não poder afirmar ter sido Malavasi ou não o homem que vira entrar na casa no dia do rapto.

"Vi, como sempre, — adiantou-nos — vários homens. Todavia, não estranhei, pois não me pareciam assustados e nem tinham aspecto de criminosos. Levaram vários embrulhos para dentro e não mais os vi".

Outras pessoas que ouvimos e a quem exibimos as fotografias de Malavasi, disseram não ser novidade que êle aparecesse por alí, pois deveria ocupar a casa em pouco tempo, por isso nada foi notado.

OUTROS PONTOS FRACOS

Não se compreende, também, por que o sr. Elpídio Reali não permitiu à imprensa inquerir o raptado e os demais implicados no caso.

No dia imediato ao reaparecimento de Eduardo, o Buick beije de Malavasi foi encontrado em Campinas, prêsos os criminosos e Giacinto Severi.

Um vespertino local, logrou entrevistar a espôsa de Severi, d. Gisela Severi, que deu versão nova ao caso, dizendo ser esta de Malavasi.

Malavasi e Giacinto Severi conheciam-se da Itália. Malavasi, que era sócio de uma sorveteria em Campinas, encontrou-se, de certa feita, com o velho conhecido passando a vê-lo, quando ia àquela cidade, com certa regularidade,

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



NÃO É DIFÍCIL...

(*Continuação da pág. 37*)

não foi nossa surprêsa ao ser-nos dada ciência a seguinte estatística:

1948	13.071
1949	14.637
1950	15.338

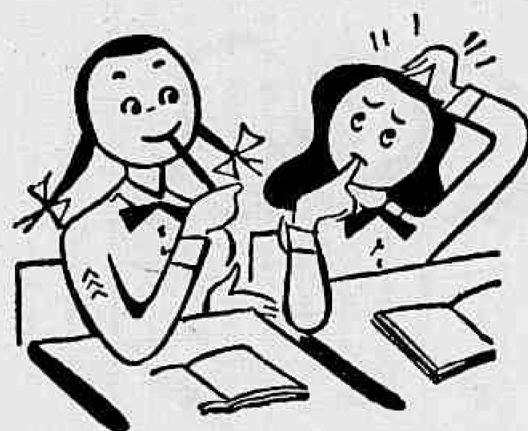
Como se verifica, apezar de tôdas as dificuldades atuais de vida, o número de casamentos tem aumentado. Parece paradoxal, mas é a voz da estatística quem fala. Obedeçamos.

OUVINDO O JOGO

A primeira clásse que fomos ouvir a dos estudantes. Chegando à Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, procuramos alguns acadêmicos. Todos atarefados pelas provas parciais, mesmo assim não se furtaram ao nosso pedido. Num banco, dois jovens estudavam atentamente, aproximamo-nos:

"As crianças são as vítimas!..."

...porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos - use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

— Vocês nos desculpem, mas qual a sua posição perante o casamento.

Um dêles, levantando os olhos do livro que estudava com atenção, perguntou:

— A propósito de que é esta pergunta?

Explicamos, e o rapaz disse:

— Comigo eu não quero saber de casamento, sou contra. A mulher deve casar, o homem não.

Dizendo isto, começou a rir desabaladamente como se houvesse descoberto a pólvora. Quando parou, virou-se para nós e disse:

— Tome nota — Darcy Carneiro.

— Comigo (tomou a palavra o outro) você não arranja nada. Já casei e... bem deixa isto pra lá.

— Mas, insistimos, que é que tem.

— Nada, amigo, o negócio não é espôsa. Se eu pudesse descasar...

Disse isto e mergulhou novamente no Direito Civil. O outro rapaz disse então. Olhe não diga que êle é o Durval Paes senão êle apanha.

Achamos desengraçada a piada mas, por educação tivemos de rir na hora. Política...

Ouvidos os estudantes adultos, fomos ouvir os brotinhos da Academia de Comércio. Foi um alvorôço quando nos aproximamos de um grupo delas. Tôdas queriam falar, tôdas queriam fotografar-se.

— Dificuldade de casamento, pois sim, dizia uma.

— Eu não sei se case com o Júlio ou com o Roberto, falava outra.

— Casar é bom, mas tenho mêdo, gritava outra.

Desistimos de perguntar de novo a outras moças. Já tomáramos pé no pensamento e das possibilidades da turma. Agradecemos e saimos: não tinha dúvidas, nossa pergunta fracassara:

A um comerciário que perguntamos, vendo-lhe a aliança de casado:

— Como é a vida de casado, amigo.

— E' dura. Casar não é nada difícil. Mas depois...

— Naturalmente, insinuamos, você é bem remonerado.

O rapaz riu a bom rir e nos informou:

— Ganho mil e quinhentos cruzeiros mensais.

— Como é que pode?

— Moro com os pais da jovem que me desposou. Tô com tudo. O velho dá a alimentação, ganhou um filho.

Diante daquilo, saímos encabulados. Engraçado, em vez de o rapaz corar nós é que coramos.

O RAPTO . . .

sendo, numa dessas vêzes, apresentado a d. Gisela e suas filhas.

Jacinto oferecera, inúmeras vêzes, sua residência na fazenda onde era administrador, a Malavasi e dia 20 de junho, êste apareceu, por volta das 17 horas, acompanhado de Mário Coselli, dizendo que desejavam passar uns dias descansando, em companhia de Giacinto.

A "noite, segundo prometera, levaria a família à cidade, em seu auto. Todavia, mais tarde alegando um desarranjo no veículo, levou-o ao pôsto Atlantic da Av. S. Jorge, 380, dizendo que iria buscá-lo mais tarde, não mais voltando.

Às 21 horas, Malavasi regressou à fazenda, participou de uma festinha enquanto Coselli, dizendo não se sentir bem, recolheu-se para dormir.

DESCOBERTOS OS RAPTORES

No dia seguinte, d. Gisela e sua filha foram à cidade e depararam com as fotografias de seus hóspedes e os respectivos nomes, em letras garrafais, nos jornais da Capital. Regressaram, incontinenti, relatando o fato a Severi, que interpreta Malavasi a respeito.

Êste esclareceu-lhe que fôra Eduardo quem propusera o rapto, dizendo estar com cêrca de cinco milhões de cruzeiros de dívidas e ameaçado, também, de perder a mesada caso fracassasse nos estudos. Propôs a Malavasi a empreitada, oferecendo-lhe três milhões. Malavasi combinou com Coselli — que deveria receber o dinheiro — e acertou as minucias do "rapto".

Segundo ainda a espôsa de Severi Malavasi teria declarado que Eduardo se assustara com as medidas tomadas por seu pai e pela polícia, a fim de localizá-lo tendo resolvido encerrar a "brincadeira".

Antes, porém, o jovem pediu para ser manietado e vendado com esparadrapo, "para dar tom real à coisa", permanecendo assim duas horas, após o que partiu. Disse Malavasi a Giacinto que, na noite do rapto, Eduardo dirigira seu próprio carro, calmamente, tendo, ao chegar na Av. Açocê, 19, solicitado apenas chocolates, alguns sanduiches e cigarros.

SERÁ FEITA ACAREAÇÃO ENTRE OS RAPTORES E O RAPTADO

Giacinto, temendo ser incriminado como cúmplice, por abrigar os homiziados, na primeira oportunidade falou com o filho do proprietário da Fazenda Santa Rita, sr. Alberto Fialho, que comunicou à polícia o ocorrido e, na manhã de domingo, foram os criminosos presos quando ainda dormiam.

Giacinto, ao invés de receber o prometido prêmio de duzentos mil cruzeiros, foi prêso e o caso está se complicando cada vez mais, sem que a polícia o esclareça. O ról de "culpados" cresce, mas ninguém confessa e os interrogatórios são mantidos em segrêdo.

A CADEIA ESPERA ALGUEM

Apurada a culpabilidade dos dois italianos, se o caso fôr de autêntico sequestro, Malavasi e Comelli poderão ser punidos, de acôrdo com o artigo 159 do Código Penal, que réza: "Sequestrar pessoa com fim de obter, para si ou para outrem vantagem como prêço ou condição de resgate. Pena — reclusão de 6 a 15 anos e multa de três a quinze contos de reis".

Mas se, ao contrário, fôr provado conluio entre Eduardo e os raptores, desaparecerá o crime contra a pessoa do Condinho e surgirá o crime contra a família Matarazzo, previsto no artigo 138, do Código Penal: "Contranger alguem, mediante violência ou grave ameaça, e com intuito de obter para si ou para outrem indevida econômica, e fazer, tolerar que se faça ou deixar de fazer alguma coisa. Pena — reclusão de 4 a 10 anos e multa de três a quinze contos de réis".

Nêste caso, Eduardo será enquadrado como responsável, por participar de crime de extorsão contra seu próprio pai.

Verdade é que a cadeia espera alguem. Quem será? Faça-se justiça, é o que esperamos, bem como os deputados. Cid Franco, Osny Silveira e Juvenal Sayon, que assistiram aos depoimentos de d. Gisela Severi e propuseram-se a fiscalizar o desenlace do caso, tendo um dêles dito: "Se o caso é de justiça, que se a cumpra. A lei tanto existe para os pobres como para os ricos. E' uma só e deve ser respeitada". Esperemos pois que isto se dê.

E VEIO O "HABEAS-CORPUS"!

O rumoroso caso assumiu proporções mais inéditas quando, no último dia de junho, às 11,45 horas, por ordem do sr. Wilson José de Melo, juiz da 7.ª Vara Criminal, foram postos em liberdade também Alexandre Malavasi e Mário Comeli! Num longo despacho, S. S. concluiu haver "dúvidas quanto à definição jurídica do crime praticado". Malavasi informou à reportagem, ao ser devolvido à liberdade, que tudo não passou de "brincadeira" da qual foi o autor intelectual. O dinheiro não importava: essecial era evitar que o jovem Matarazzo fôsse, mais uma vez, reprovado no exame... Quanto a Comelli, fechou-se em copas, temeroso de se comprometer. E a verdade, até serem encerradas estas notas, continua a ser uma incógnita. E' bem possível que tudo esteja esclarecido — ou, quem sabe, ainda mais emaranhado — quando o leitor estiver lendo esta reportagem feita com a antecedência imprescindível à feitura de uma publicação da natureza da nossa.

RITORNA VINCITORE

(Cont. da pag. 17)

Um avião se aproxima ao longe e o povo começou a gritar: «Flamengo: Flamengo!», enquanto fotógrafos azafamados preparavam suas objetivas. Um carro da companhia de transportes que os trazia de volta, começou a manobrar e todos compreendemos que ali vinham os rapazes invictos da Europa. Locutores se movimentavam também, enquanto do lado externo do aeroporto, mulheres e crianças, velhos e novos, todos, enfim, mesclavam-se num só sentimento:

— «Flamengo, Flamengo, campeão de terra e mar». E faziam breque: «De terra e mar!»

Finalmente, o avião baixou à terra e foi imediatamente cercado pelos fotógrafos e locutores. Abriu-se a porta e saiu um passageiro, outro e mais outro, até que, entre gritos de histerismo, surgiu nova personagem:

— Adãozinho! Adãozinho!

E à medida que iam saindo, novos gritos se faziam ouvir:

— Garcia, Flávio, Walter, Bigode!

Sorridentes e estupefatos ante aquela consagração, os jogadores iam sendo solicitados pelos fotógrafos e atendendo-os.

Depois, quando penetraram na Alfândega, a fim de cumprir as formalidades de praxe, a multidão que penetrara, não sabemos como, abraçava-os, beijava-os, queria arrancar-lhes pedaços de roupa como recordação da campanha. Verdadeira apoteose!

Seus familiares se confundiam com o povo, fotógrafos tinhamos de empurrar uns aos outros para poder bater esta ou aquela chapa.

Depois daquela consagração inicial e quando os carros partiram rumo à sede do Flamengo, congestionando todo tráfego na ilha e avenida Brasil, a multidão os acompanhou, cantando, gritando, gesticulando, enrouquecendo, numa consagração da «torcida» ao seu clube querido.

No largo da Carioca e na sede, entre os discursos e os gritos de «Flamengo! Flamengo!», prosseguiu o cortejo triunfal e, até madrugada a dentro, ainda se ouviam vozes que comentavam:

— O Flamengo é o maior do mundo!

A CAMPANHA E MILAGRES DE RECUPERAÇÃO

O clube rubro-negro cumpriu dez jogos no exterior, sendo sete na Suécia, um na Dinamarca, um na França e outro em Portugal. Venceu todos, marcando trinta-e-dois tentos, contra quatro, apenas. Em números vejamos a campanha:

Malmoe	1x0, em Estocolmo
A. I. K.	6x1, idem
Malmoe	2x0, em Malmoe
Seleção	2x0, em Sundsvall
Elfsborg	3x0, em Boras
Seleção	2x0, em Copenhague (Dinamarca)
Helmia	2x0, em Halmstad
Norkeping	6x1, em Norkeping
Racing	5x1, em Paris
Belenenses	3x0, em Lisboa.

Como se verifica, em seis dos dez jogos, o clube venceu a zero. Durante êste «raid» pelo mundo pudemos ter notícia de verdadeiros milagres operados no time: assim, Garcia, Biguá, Esquerdinha, Hermes, quase nulos em nossa terra, foram figuras exponenciais da campanha. Índio, que tratava os próprios colegas de time de «senhor» Dequinha, nada mais que uma promessa, foram dos mais destacados vultos da campanha.

Quando batíamos, nas residências dos jogadores, algumas fotografias que completam esta reportagem, tivemos oportunidade de abordá-los sôbre o Velho-Mundo. Muitos trouxeram coleções de níqueis dos países por onde passavam, outros sempre que falam na Europa, suspiram e todos, sem exceção, afirmam que a Suécia não existe.

— Aquilo é que é país! Não existe!

Interrogados sôbre a recepção, disseram-nos que hão de provocar outra igual, quando se laurearem com o campeonato da cidade. A «torcida» rubro-negra, aliás, não aguarda outra coisa!

GRANADO

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

TUDO ISTO



HANNA REITSCH, famosa aviadora alemã, é abraçada por uma sua antiga colega, Thea Rasche. Hanna é considerada a mulher mais corajosa do mundo em face das suas proezas de aviação em plena guerra. Foi ela quem conduziu sob o fogo dos canhões soviéticos, o gen. von Greim, que devia suceder Goering no comando da Luftwaffe, deixando-o no edifício da Chancelaria e novamente suspendendo vôo no seu débil avião de nome «A Cegonha» em meio da maior fuzilaria. Hanna fêz ainda trabalhos perigosos como piloto de provas. Volta agora à atividade e se exibiu com êxito.

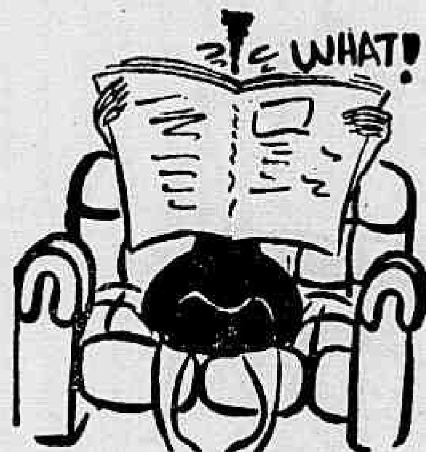


O TENENTE THOMAS J. HUDNER, da aviação norte-americana recebe das mãos do Presidente Truman a medalha do Congresso por haver tentado, com o risco da própria vida, salvar o aviador negro Leroy Brown, morto na Coréia. A esquerda, a viúva e, sorridente, a irmã do laureado.



AS PROCISSÕES TRADICIONAIS da Espanha são famosas e chegam a atrair turistas de tôdas as partes do mundo. Aqui vemos a da «Confraria do Silêncio», de Madri, com suas vestes semelhantes aos conjurados da Inquisição. A maioria delas é à noite, para maior efeito cênico e tradicional.

O PRÍNCIPE E AS ESTRÊLAS



O príncipe Ali Khan é um verdadeiro nababo. Possui uma riqueza imensa, tanto em jó ias como em dinheiro e propriedades de tôda espécie. Uma dessas fortunas de sabor oriental, cousa dos contos de fadas que tiram ouro das estrêlas e fazem colares de perolas de ovos de pomba. Ali Khan, além disso, recebe rendas fabulosas lá de seus rincões da Índia. Que fazer com tanto dinheiro? Já se casou uma porção de vêzes, e, como é «chic» e da mais alta elegância parisiense, sempre que se aborrece ao tédio de uma só espôsa, procura divorciar-se da com que vive e casar-se com outra. E' um direito conferido pelas leis francesas e de quase todos os paises do mundo. Mas Ali Khan não gosta apenas de convolar núpcias com princesas de sangue azul. Êle é louco pelas estrêlas do cinema. Especialmente as de Hollywood, bonitas, vaidosas e amantes das noitadas alegres de Paris. Foi assim que, um dia, isto é, uma noite, o famoso príncipe viu a estrêla Rita Hayworth, mulher de peregrina beleza, no auge da fama, conhecida pelo mundo inteiro e admirada em tôdas as telas. Rita botou os olhos no príncipe e também ficou louquinha por êle. Num clube noturno de Paris, os dois passaram a cear juntos. Meses depois o romance se convertia em casamento. O que foi o acontecimento esta revista focalizou em reportagens momentosas. Rita teve um filho do seu novo marido. Viviam na Riviera francesa, nos cassinos de luxo, nas praias da Itália. Mas um dia Rita não quis mais ser princesa e voltou para os Estados Unidos para divorciar-se. Estava em sua residência de Nevada quando soube que o príncipe andava pelos cabarés de Paris com outra estrêla, Joan Fontaine. Rita ficou «surpreendida e assombrada», conforme declarou à imprensa. Mas, por que «Gilda»? O Ali Khan é do amor. Se Rita o abandonou, êle não ia ficar chorando, sem remédio poder dar. E agarrou outra linda estrêla, a meiga e formosa Fontaine, fonte de muitos prazeres. E vem mais...

ARTE DE ENGANAR



HÁ pessoas que nasceram com a maior habilidade dêste mundo para ludibriar os outros. São verdadeiros artistas na arte de enganar o próximo. Mas, lá um dia a «casa cai», como se diz na linguagem popular. Quando o govêrno brasileiro fundou o I.N.L. (Instituto Nacional do Livro) teve por objetivo difundir obras de escritores nossos, adquirindo certa quantidade e mandando distribuir exemplares pelas bibliotecas que se inscrevessem dentro do regulamento estabelecido em lei. Além disso, o I.N.L. assumia com a nação o compromisso de editar obras de real valor. Como vemos, criação das mais úteis e dignas de nossos foros de civilização e cultura. Entretanto, o que já tem sido feito e continua a ser realizado por êsse Instituto, passa despercebido do público, apesar de já ter sido distribuido gratuitamente pelas bibliotecas inscritas, mais de um milhão de volumes! E não fica apenas nisso o serviço do I.N.L. Dispondo de pessoal técnico, mantém um serviço de assistência às bibliotecas filiadas ao Instituto. A verba é escassa, infelizmente, não dando margem a que o I.N.L. alcance em visitações normais a seis mil e tantas bibliotecas fichadas em seus arquivos. E o serviço de assistência técnica é feito com irregularidade por falta de recursos. Agora leitor, chegamos ao episódio curioso dêste tópico: os sabidões que procuram iludir o I.N.L. — Dentre algumas irregularidades descobertas pelos inspetores, encontraram êles esta: uma biblioteca pública, na cidade de Joazeiro, Bahia, regularmente inscrita no Instituto e a receber obras; mas, para surprêsa do visitante, não era nada pública, uma vez que funcionava na residência do seu proprietário, a única pessoa que tinha direito a frequentá-la... Outra curiosidade: em S. Luís do Maranhão, uma dessas bibliotecas era uma livraria! Êsses senhores bem poderiam escrever tratados de como iludir o Ministério da Educação e Saúde...

QUE SUSTO!



"DEUS ajuda a quem cêdo madruga», diz o velho provérbio. Foi assim pensando que um rapaz de S. Paulo, empregado numa padaria lá para os lados de Congonhas, viu, à beira de uma touceira de mata da estrada por onde ia para o batente, qualquer cousa que lhe pareceu uma pasta. Parou. Olhou para os quatro pontos cardiais e se encaminhou para apanhar o achado. Chegou até aonde estava a pasta de couro. Olhou-a, primeiramente, sem tocar-lhe. O coração batia apressadamente. De quem seria? Seu dono estaria por ali? Não seria indício de algum crime de morte. O rapaz, mais uma vez olhou em volta. Nada. Silêncio completo. Na penumbra da madrugada sem nevoeiro, aqui cada vez mais lhe aguçava a curiosidade e o desejo de meter no bôlso alguns cobres. Abaixou-se e apanhou-a. Estava cheia de notas! Ao partir apressadamente, ouviu gritar muito perto: «Pega o ladrão!» Êle meteu o pé no mundo em desabalada carreira. Tiros se fizeram ouvir e as balas passaram raspando a cabeça do jovem que achara uma pasta naquela madrugada. Seus perseguidores o alcançaram. O pobre rapaz estava aflito e largou aquela pasta maldita para um lado e pediu misericórdia! Sua voz era trêmula e êle estava mais pálido do que a massa de pão antes de ir para o fôrno. Tudo se esclareceu de ambas as partes: nem êle era o raptor do filho de Matarazzo, nem os policiais queriam matá-lo. Os tiros foram só para detê-lo. Os investigadores verificaram que os verdadeiros criminosos não caíram na armadilha da pasta do resgate. Mandaram o padeiro em paz. Ao chegar ao estabelecimento, contou a amigos o susto por que passara. Todo mundo já sabia do caso do sequestro de Eduardo Matarazzo. Só o rapaz madrugador ignorava. Que querem senhores? Não lia jornais nem possuia rádio na vaga em que morava! E, depois disso, êle trocou o adágio por êste: «Laranja madura em beira de estrada, ou é azeda ou tem maribondo». E como «zuniam» os insetos!

ACONTECEU

ANISTIA ELEITORAL



APESAR de atrair, de norte a sul, o interêsse de todos os brasileiros em condições de votar, a luta das urnas em outubro de 1950 ainda apresentou elevado índice de faltosos ou infratores da lei eleitoral de 24 de julho de 1950, nº 1.164. Sòmente as pessoas para as quais eram facultativos os comparecimentos às urnas, deveria ser permitido e desculpável o ato de fraqueza cívica; entretanto, a infração se fêz presente a milhares que estavam obrigados a comparecer com seus votos nas eleições gerais de outubro do ano passado. Os juizes a quem incumbe a aplicação da multa já fizeram cálculos, e verificaram que, se fossem impostas multas, de no mínimo Cr$ 100,00 a quantos estão (ou estavam) incursos do decreto citado, a importância arrecadada daria para pagar tôdas as despesas feitas pela União com as mesmas eleições, e ainda sobrava alguma cousa para saldo em caixa. Mas, embora ainda se fale em multas e arrecadação das mesmas, os senhores eleitores de ambos os sexos já foram anistiados. Lemos o decreto numa revista de classe desta capital, «A Previdência», órgão do Sindicato dos Corretores de Seguros e Capitalização, número 91: «O Presidente da República: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei: — Art. 1º — São considerados anistiados os infratores das leis eleitorais revogadas pela lei de nº 1164, de 24 de junho de 1950. Parágrafo único — Ficarão em perpétuo silêncio, os processos decorrentes de infração das leis revogadas e serão imediatamente postos em liberdade os presos ou detentos que respondam ou tenham respondido a êsses processos. Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário. Rio de Janeiro, 9 de fevereiro; 130º da Independência 63º da República. (a) Getúlio Vargas — Francisco Negrão de Lima». Mas, ainda se está falando em cobrar multas dos faltosos como se os próprios juizes ignorassem o decreto citado...

MORREU MESMO



A vida não está sopa. De quando em quando aparece um cidadão que resolve fazer alguma cousa estranha e incomum, contanto que possa ganhar mais alguns cruzeiros para solucionar as aperturas da vida. Aqui mesmo pelas ruas do Rio vemos uns camaradas a engulir pregos, a mastigar lâminas de gilete, a comer cacos de vidro, para fazer jus a alguns niqueis caidos em seu chapéu pela generosidade do transeunte ou dos basbaques que ficam em semi-circulo para ver o espetáculo. Dias depois a gente lê nos casos levados ao Pronto Socorro: «Fulano de tal, de côr preta, sem domicílio certo e sem profissão definida, foi levado ao Pronto Socorro para submeter-se a uma intervenção, sendo retirado do seu estômago vários corpos estranhos, como alfinetes, pedaços de vidro, lâminas de barbear, pregos e outros condimentos mais próprios do avestruz do que dos homens». E muitas vêzes o desgraçado morre. Mas, quando consegue escapar, volta à rua para repetir as proezas pela necessidade de ganhar alguns cruzeiros. E' a vida, como diria o sr. Pacheco. Pois há por êsse mundo gente igualzinha a êsses populares do Rio de agora. Na cidade de Luton, na Inglaterra, um sr. Steve Shill, antigo ator de «vaudevilles», depois de discutir com outros amigos o segrêdo dos faquires, declarou que também seria capaz de executar um número faquiriano e sair dêle perfeitamente vivo. Mas só o faria mediante aposta. Depois de tudo acertado, propôs-se Mr. Shill a ficar enterrado sob quatro toneladas de areia durante vinte minutos, e sair dali vivinho da silva. Mais de mil pessoas acorreram à prova faquirista. Acumularam sôbre o artista os quatro mil quilos de areia. Depois dos vinte minutos da aposta, retiraram-no. Todo mundo quis ver. Estava morto... Ganhou a aposta mas perdeu a vida, e, no dia seguinte, entrava para uma cova definitiva.

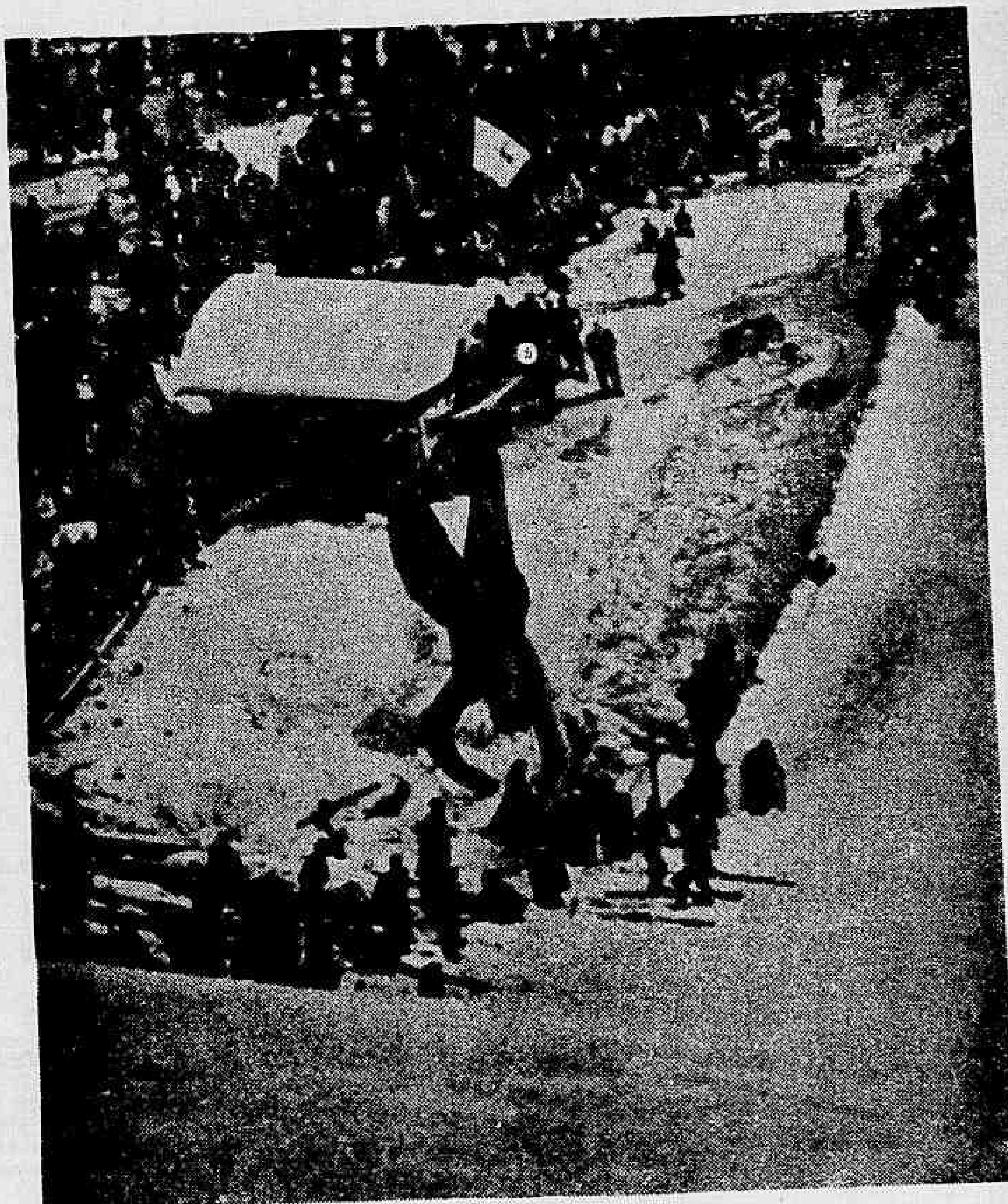
A MÔSCA



NADA mais vulgar do que uma môsca. Há delas por todos os lados. Muitas vêzes vai um cidadão pelos ares, pelos mares, sob a terra em túneis escuros e medonhos, e lá encontra uma môsca. Que bicho dos diabos, essa tal môsca. Chega ser irritante nos barbeiros isto é, nas barbearias. Quando a gente está fazendo a barba e uma delas ou mais de uma, começam a querer fiscalizar a barba ou o corte do cabelo, dá vontade de tocar fogo na barbearia sòmente para ver aquela môsca morta. Ha, entretanto, a pior das môscas: a môsca tsé-tsé, ou a que dá sono em corujas. Perigosa e capaz de despovoar um continente, essa tal de tsé-tsé constitui uma das mil pragas do continente negro. Contudo, há também môscas úteis. As dos tiros ao alvo, por exemplo. Quando os recrutas estão fazendo exercícios de tiro, têm que acertar na «môsca». Essa môsca é um objetivo de ser aprovado. E' môsca decente e colabora com os instrutores na formação de bons militares. Também há uma môsca, que, embora não seja lá boa bisca, inspirou um dos grandes poetas. E' a «môsca azul». Excetuadas essas môscas, o resto é horrível. Só sabem, as restantes, perturbar nossa digestão quando aparecem em pratos aí por êsses frege-ditas, sem a menor higiene. Mas, aparece agora, na Inglaterra um cientista que resolveu estudar com afinco a santa paciência do carater das môscas. Para isso teve que selecionar mais de mil e setecentos exemplares. Desdé as mosquinhas mais modestas, até aos moscardos coloridos e zombeteiros. O sábio, prof. Smith, catalogou e analisou os hábitos, os costumes, a inteligência, a sagacidade e o olfato de 1.782 môscas. Depois de anos e anos de penoso trabalho, chegou êle à conclusão de que é impossível penetrar suficientemente na alma das môscas. São volúveis e têm grande capacidade de dissimular. E, por mais doloroso que pareça, o sábio perdeu o tempo. Ou melhor: comeu môsca...



O SANGUE DE SÃO GÊNARO é uma das maiores e mais sensacionais demonstrações da fé católica em Nápoles, duas vêzes por ano: na primavera e no outôno. Aqui vemos um sacerdote examinando o recipiente em que está o sangue do santo. Diz a tradição que, quando se liquefaz, é porque o ano será de felicidades. Quando se retarda o milagre, os prenúncios são maus. A fotografia foi tomada a primeiro de maio e o sangue se liquefez com muita rapidez, o que provocou as maiores demonstrações de entusiasmo da multidão que aguardava o acontecimento.



SENSACIONAL FOTO do esquiador italiano Bruno Da Col, quando no torneio internacional de saltos em Obersdorf, na Áustria, dava um pulo de cem metros, mas perdia o equilíbrio no ar, a uns oito metros do solo. Bruno foi internado no hospital com fratura da espinha e comoção cerebral.

Pequeno Conto Persa



O luar inunda o jardim, na noite azul. E, na sombra, Kerim sonha. Ouviu, pela última vez, a voz de sua amada e, no fundo da noite, Kerim olha os astros e sonha. O pulsar de seu coração murmura as duas sílabas do nome bem-amado. E a canção do regato repete êsse nome. Tudo lhe fala dela: até a solidão é o reflexo de sua crueldade. Kerim tem entre os dedos, uma flor de jasmineiro — a flor que ela trazia entre os lábios e que é, agora, como o perfume de sua voz.

Nesse perfume, Kerim escuta ainda as palavras que ela dizia há pouco:

— Esquece estas três noites .Esquece tudo e vai. Serei na tua vida apenas uma lembrança distante. Não quero o teu amor, Kerim, prefiro o teu sofrimento. Também te amo, mas vai. E se me perguntares por que te afasto, não saberei dizer-te. Vai. Quando passar a primeira lua, tu já não te recordarás de mim. Nem me conheces — ó Kerim, pois só viste à noite meu sorriso refletido nas águas do regato. Vai e esquece tudo. Nunca mais penses em mim. Dá meu nome à miragem que não surgir no teu horizonte. E quando, uma noite, sob a tua tenda, no deserto, uma mulher te sorrir vê no seu sorriso uma dádiva que te fiz. Adeus.

No perfume da flor do jasmineiro, Kerim ouve a sua voz.

O jardim se tornou mais azul.

A lua pôs o "tchartchaft" rendado das palmeiras e fica, atenta, ouvindo a melodia apaixonada do rouxinol.

A flor do jasmineiro escapa de entre os dedos de Kerim.

Êle imagina que a mulher é como aquela flor que lhe escapa de entre os dedos. E pensa:

— Como poderei partir e esquecer, ó bem-amada? Montarei meu corcel e irei para além das dunas perdidas no horizonte. Mas meu coração ficará aos teus pés, junto dos teus cães. Atravessarei a galope as tempestades de areia, mas não estarei longe de ti, pois irás apertada ao meu peito, como apertado no cinto irá meu "kandjar", como apertado à minha fronte estará meu albornoz. E tão intensamente pensarei em ti, nas horas calmas da noite, que sentirás na luz do luar que afaga o teu corpo uma suave e leve languidez de carícia.

A lua mergulhava além, entre os ciprestes.

Só o sofrimento de Kerim não cessava nem sumia:

— Como poderei partir e esquecer, se tôda vez que parar meu cavalo, sob os leques das palmeiras, hei de sentir, na sombra do oásis, a frescura e a maciez que sonhei no afago de tuas mãos? Se tôda vez que meus lábios provarem as tâmaras maduras, lembrarei a doçura dos beijos que perdi? Se tôda vez que, sedento, parar a uma fonte, hei de ouvir, na água corrente, o murmúrio de tuas palavras e verei, refletido nas águas, teu formoso sorriso? Se sempre que a noite cair eu hei de ter a impressão de que foram os teus cabelos que cobriram os meus olhos? Se tôda vez que a luz de ouro do sol iluminar o meu dia, eu verei, nessa luz, a luz dos teus olhos côr-de-mel? Se o perfume dos jasmins hão de sempre, ó bem-amada, recordar a tua voz — pois o perfume da flor do jasmineiro tem, agora, o cheiro dos teus lábios — como hei de partir e esquecer?

Distante um sapo coaxava como que lamentando uma alegria perdida, recordando a lua que mergulhara além, entre os ciprestes, lembrando o canto do rouxinol que cessara na noite. E Kerim teve a impressão de que a voz daquele sapo saía de seu peito.

E D M U N D O L Y S

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 14-7-51 ★ N.º 28

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

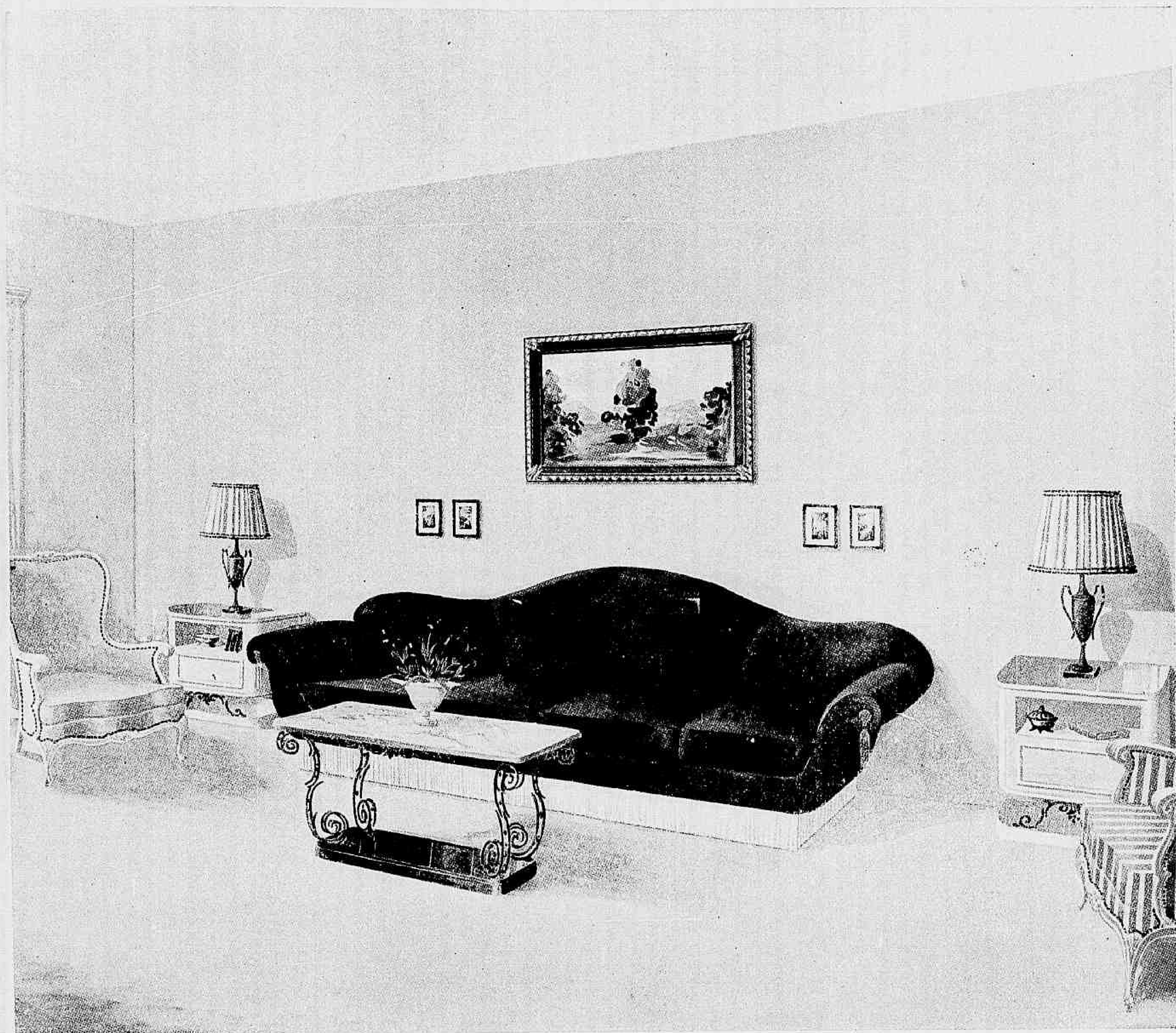
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570;
Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-5692.
Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550;

MÓVEIS E DECORAÇÕES



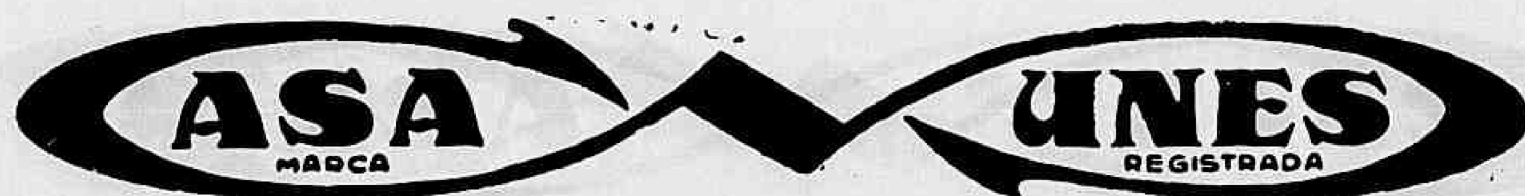
orçamentos executados por técnicos-decoradores

Grupos Estofados

— uma especialidade de nossas oficinas —

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as côres e dimensões

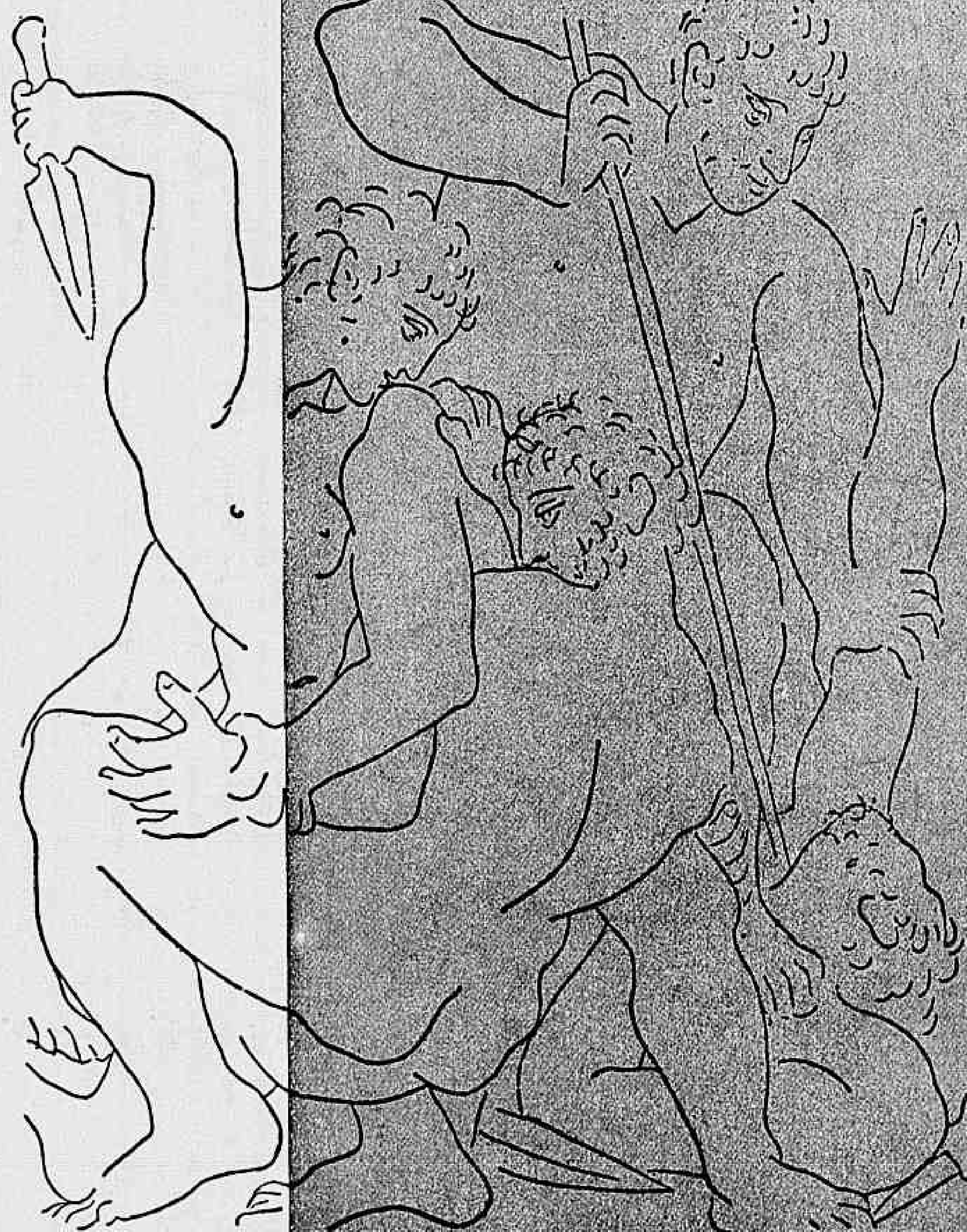


65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



VELASQUEZ, AUTO-RETRATO

Os amantes da arte preferem Hollywood

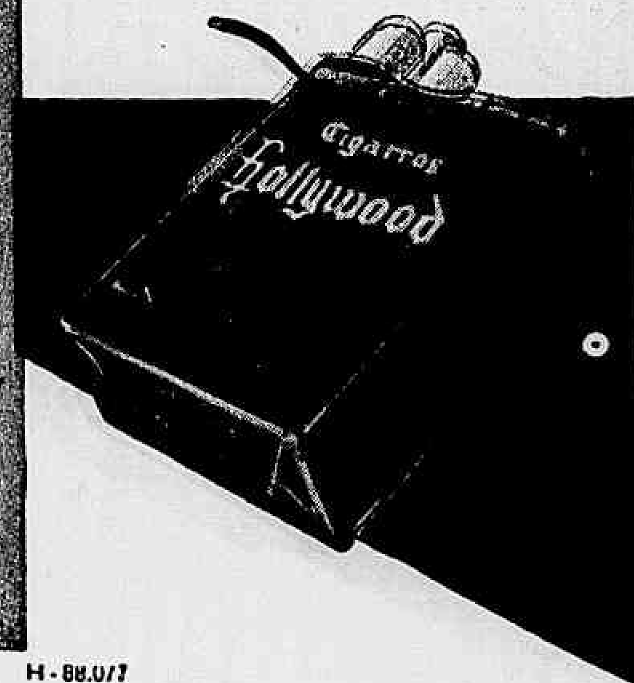


PICASSO, AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar um Velasquez ou um Picasso, sòmente um bom cigarro satisfaz — Hollywood, mistura feliz de tabacos da mais alta classe. Hollywood conta hoje com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas. Você, como pessoa de bom gosto, não pode dispensar Hollywood!

cigarros Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.0/7